

**CECÍLIA HELENA GONÇALVES RAMOS VARDI**

**Sobre a participação da vivência profissional dos pais na  
construção do projeto profissional dos filhos:  
um estudo exploratório**

*Dissertação apresentada ao Instituto de  
Psicologia da Universidade de São Paulo,  
como parte dos requisitos para obtenção  
do título de Mestre em Psicologia.*

**São Paulo**

**2009**

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

**CECÍLIA HELENA GONÇALVES RAMOS VARDI**

**Sobre a participação da vivência profissional dos pais na  
construção do projeto profissional dos filhos:  
um estudo exploratório**

*Dissertação apresentada ao Instituto de  
Psicologia da Universidade de São Paulo,  
como parte dos requisitos para obtenção  
do título de Mestre em Psicologia.*

**Área de concentração:** Psicologia Social

**Orientadora:** Prof. Yvette Piha Lehman

**São Paulo**

**2009**

**AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.**

Vardi, C. H. G. R.

Sobre a participação da vivência profissional dos pais na construção do projeto profissional dos filhos: um estudo exploratório./ Cecília Helena Gonçalves Ramos Vardi – São Paulo: s.n., 2009. – 152p.

Dissertação (mestrado) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Departamento de Psicologia Social e do Trabalho.

Orientadora: Yvette Piha Lehman

1. Psicologia Social 2. Escolha Profissional 3. Orientação Vocacional 4. Identidade Profissional 5. Relações Familiares I. Título

**Sobre a participação da vivência profissional dos pais na construção do  
projeto profissional dos filhos: um estudo exploratório**

**CECÍLIA HELENA GONÇALVES RAMOS VARDI**

**BANCA EXAMINADORA**

---

(nome e assinatura)

---

(nome e assinatura)

---

(nome e assinatura)

Dissertação defendida e aprovada em: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

*O real da vida se dá, nem no princípio e nem no final.*

*Ele se dispõe para a gente é no meio da travessia.*

Guimarães Rosa

A meus pais,  
Maria Helena (*i.m.*)  
Com quem conheci a esperança e a dedicação  
E Luiz,  
Com quem conheci o trabalho e a responsabilidade.

Ao Daniel, Michel e Clara  
Com quem conheci o amor e a família.

## Agradeço

Às famílias que abriram suas casas e suas vidas para a realização deste estudo.

À Professora Yvette Piha Lehman por nunca ter desistido, mesmo quando o caminho se tornava impossível e por buscar formas de ajudar que vão além da orientação formal.

À Professora Leny Sato e ao Professor Marcelo Afonso Ribeiro pelas valiosas e zelosas sugestões por ocasião do Exame de Qualificação.

À Maria da Conceição Coropos Uvaldo pela força, apoio constante e crença.

À Zuzima pela prontidão, disponibilidade, zelo e conhecimento na leitura deste trabalho.

Ao Fábio e ao Ricardo pela versão do resumo para a língua inglesa. E pela disponibilidade, apesar das distâncias.

À Fátima e à Sônia pelo cuidado, preocupação, conhecimento dos caminhos e presença infalível. Pelas soluções práticas e constante antecipação e evitação da tragédia.

Aos amigos e colegas do SOP, com quem compartilho trabalho e projetos.

À Lucivane Santana Oliveira e Edna Calixto Marques por fazerem seu trabalho com amor e dedicação sempre. Somos muito gratos a vocês duas.

Ao Daniel pela jornada vivida, pelo caminho construído e pelo aprendizado diário, árduo e constante que compartilhamos nesses treze anos. Pelo companheirismo, pela parceria exigente e desafiadora todos os dias, pela amizade e respeito sinceros e, principalmente, por me permitir compreender profundamente o significado do amor.

Ao Michel e à Clara por me darem a oportunidade de participar das suas vidas tão intensamente. E descobrir uma forma de amar imensa, séria e serena. Vocês são luz nas nossas vidas.

À Cris Andrada pela inspiração, pelas conversas próximas e caras e pelo exemplo de seriedade e ética. À Cris, Egeu, Ernesto e Valéria pela acolhida sensível e sincera.

À Daniela Fernandez Catheral pela amizade insistente e perene.

A Michelle Servais Rubin, pela inspiração, força, crença e generosidade. Você é uma estrela no céu que nos acompanha.

À Maria Helena Gonçalves Ramos, por ter me permitido ser mais que sua filha. Eu vou amá-la para sempre.

Ao Luiz, pelo apoio, pelo amor, pelo zêlo e por tantos ensinamentos sempre. E por ser sempre pai.

Aos meus irmãos Luiz, Ricardo e Fábio, pela história, pela troca e pelo aprendizado constantes nos momentos alegres e nos tristes.

Ao meu avô Dirceu por mostrar, todos os dias, que nunca é tarde para aprender, nem para se alegrar com a vida.

Aos amigos, colegas, professores, alunos e orientandos pela oportunidade de aprender sempre.

## SUMÁRIO

RESUMO .....	vi
ABSTRACT .....	vii
I. Introdução .....	1
II. Contextos e Conceitos.....	2
1. Mudanças no mundo do trabalho.....	7
2. O conceito de carreira no tempo do imprevisível.....	11
3. Como construir identidade em um mundo em transição.....	13
4. Família.....	16
III. Pesquisa.....	25
Método.....	26
IV. As Famílias.....	32
1. Iara, Sérgio e Igor.....	33
1.1. Iara.....	33
1.2. Sérgio.....	45
1.3. Igor.....	55
1.4. Análise.....	65
2. Marisa, Paulo e Rafael.....	67
2.1. Marisa.....	67
2.2. Paulo.....	78
2.3. Rafael.....	85
2.4. Análise.....	93
3. Maria, Hélio e Miriam.....	98
3.1. Maria.....	98
3.2. Hélio.....	106
3.3. Miriam.....	114
3.4. Análise.....	121
4. Lígia Miguel e Karina.....	123
4.1. Lígia.....	123
4.2. Miguel.....	132
4.3. Karina.....	133
4.4. Análise.....	142
V. Considerações Finais: Outros caminhos possíveis.....	145
Referencias Bibliográficas.....	149

## RESUMO

VARDI, Cecília Helena Gonçalves Ramos. *Sobre a participação da vivência profissional dos pais na construção do projeto profissional dos filhos: um estudo exploratório*. São Paulo, 2009. 152p. Dissertação (Mestrado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo

A questão que orienta esse estudo se insere no contexto da orientação profissional que busca ocupar-se da pessoa que traz conflitos frente às suas escolhas de carreira e não dos conflitos em si. Aqueles que buscam por orientação em suas carreiras aqui considerados são jovens que na sua maioria almejam a entrada no mundo do trabalho através da porta do curso superior, e adultos vivendo momentos de crise em suas carreiras e necessidade de reconstrução de caminhos e também de estranhamentos com relação aos novos rumos que o contexto de trabalho vem assumindo. A lógica das relações de trabalho vem sofrendo alterações nos últimos trinta anos, como o escasseamento de contratos de trabalho formal, o aumento da oferta de mão de obra, as mudanças de cultura nas organizações, fruto de fusões ou aquisições por outras empresas, entre outras. A questão que se colocou, portanto, foi de como seriam afetados os adultos mais representativos de uma família – nos grupos selecionados para esse estudo, os pais – pelas mudanças da realidade das relações de trabalho por eles vivenciadas e a transmissão dessas vivências dentro do seio familiar. O objetivo deste trabalho, como um estudo exploratório, foi buscar subsídios que permitissem amparar a hipótese percebida empiricamente da existência de uma inter-relação entre a maneira como o adulto que trabalha enfrenta os desafios impostos pelo mundo do trabalho e o processo de escolha profissional do seu filho jovem, em fase de entrada nos cursos superiores. Para tal, foram delimitados alguns fatores que afetam diretamente a abrangência do fenômeno estudado. A família considerada foi a família de classe média, com seus valores, expectativas, participação social e projetos de futuro. As famílias observadas são compostas por pais casados morando junto com os filhos. Os pais são ambos profissionais ativos em suas áreas de trabalho, tendo grau de formação superior. Os filhos são estudantes egressantes de escolas particulares que buscam um curso superior. Foram entrevistadas quatro tríades familiares – pai, mãe e filho que escolhe uma profissão – e analisados os seus discursos com relação às dificuldades e estratégias de enfrentamento perpetradas pelos pais e expectativas e projeções no futuro elaboradas pelos filhos. Foram constatadas convergências nos discursos familiares de pais e filhos, no que concerne às dificuldades e estratégias de enfrentamento dos desafios vividos pelos pais e a possibilidade de elaboração de projetos de carreira dos filhos. Os modelos de carreira construídos pelos pais também tiveram correlação com as fantasias de futuro profissionais dos filhos. Assim, concluiu-se que, no âmbito do grupo social estudado, existe inter-relação entre a vivência profissional dos pais e o projeto profissional dos filhos.

Palavras-chave: Orientação Vocacional. Identidade Profissional. Escolha.

## ABSTRACT

VARDI, Cecília Helena Gonçalves Ramos. *On the role of parental professional experience in the development of their children's career project: an exploratory study*. São Paulo, 2009. 152pp. Master's Thesis. Instituto de Psicologia, USP.

The question driving this study exists in the context of career counseling and focuses on individuals who are presented conflicting career choices, as opposed to the conflicting choices themselves. Among those seeking career counseling, the group selected consists of teenagers who – in their vast majority – are looking to enter the workforce through an undergraduate course; and adults undergoing a career crisis who need to rebuild their career paths, as well as those at odds with the new direction their work context is headed. The logic of the work relationships has gone through changes in the last thirty years, such as the diminishment of formal work contracts, the increase in labor supply, the organizational culture changes due to mergers or acquisitions by other companies, among others. Thus, the question placed was how the most representative adults in a family would be affected – in the groups selected for this study, the parents – by the changes in the reality of the work relationships they experience and the conveyance of these experiences to the family. The objective of this work as an exploratory study was to seek supporting evidence to the hypothesis observed empirically of the existence of a correlation between the manner in which a working adult faces the challenges imposed by the work space and the career planning process of their teenage children about to begin their undergraduate studies. To this end, a number of constraints were set in order to limit the scope of the study. The familial group considered was the middle class household with its values, expectations, social participation and projected future. The families observed were composed of married parents with live-in children. Both parents were active professionals in their respective work fields and had at least undergraduate degrees. The children were high school students graduating from private schools and seeking an undergraduate degree. Four family triads were interviewed – father, mother and teenage child choosing a career – and their discourse analyzed in relation to the difficulties and coping strategies engineered by the parents against the expectations and projected future formulated by the children. A correlation was found in the speech of parents and children relative to the challenges and coping strategies lived by the parents and the career planning composed by the children. The career models constructed by the parents also had correlation to the professional future fantasies of the children. Therefore, it was concluded that in the scope of the social group studied there is an interrelationship between the professional experiences of the parents and the career planning of their children.

Keywords: Vocational Guidance. Professional Identity. Professional Choice.

## **I. Introdução**

Esse trabalho nasceu fundamentalmente da participação ativa como orientadora profissional e de carreira de jovens e adultos. Foi no contexto de uma prática de orientação profissional que busca ocupar-se da pessoa que traz conflitos frente às suas escolhas de carreira e não dos conflitos em si, que surgiram as primeiras indagações. Como coloca Bohoslavsky (2001), a orientação profissional precisa se ocupar do ser-humano inserido no seu contexto social, cultural e afetivo. Guichard (2004), citando Super, lembra que o objetivo deste foi, durante todo o desenvolvimento do seu modelo teórico, definir os princípios para intervenções de orientação profissional eficazes. Para isso, ele buscou responder duas questões que fundamentariam o trabalho do orientador: uma científica: “o que determina os fenômenos observados?” E outra buscando uma finalidade prática: “O que fazer para ajudar as pessoas?” Foi, portanto, na intersecção dessas duas vertentes de questionamento que se deu a gênese deste trabalho.

O questionamento científico, a busca por aprofundar o diálogo da prática com a teoria, nasceu da necessidade de encontrar outra forma de alcançar aquilo que era apenas observado, na tentativa de criar maneiras de auxiliar aquele que se vê com um problema de ordem profissional nas mãos, seja ele fruto de estranhamentos, crises ou inovações na sua história de vida profissional. Ademais, esse estudo busca dialogar com os trabalhos teóricos que visam ampliar a atenção aos aspectos mais profundos inerentes à relação do sujeito (aqui pensado a partir da definição de Tourraine, vista mais adiante) com o trabalho.

A população observada em cerca de dez anos de prática em orientação profissional, é, por um lado, de jovens que almejam a entrada no mundo do trabalho através da porta do curso superior. Esses jovens, sejam eles oriundos de escolas públicas ou particulares, e suas famílias trazem modelos de ascensão profissional, valorização do conhecimento, e noções de

sucesso e fracasso, relativos aos valores da classe média. Do outro lado estão adultos vivendo momentos de crise em suas carreiras, de reescolhas, reconstrução de caminhos e também de estranhamentos com relação aos novos rumos que o contexto de trabalho conhecido até então vem assumindo.

A lógica das relações de trabalho vem sofrendo alterações nos últimos trinta anos, como o escasseamento de contratos de trabalho formal, ou com registro “em carteira”, o aumento da oferta de mão de obra, mudanças de cultura nas organizações, que sofrem fusões ou são compradas por outras empresas, entre outras. Nesse universo do trabalho e das relações de trabalho em mutação, como nos aponta Sennett (1999), fazer planos de longo prazo não é mais possível. As carreiras, antes previsíveis, em que se estabeleciam as metas e os passos a percorrer até alcançá-las, não existem mais. Então fica a pergunta, como se orienta o jovem que adentra essa realidade, como quer Bauman (2005), líquida, volátil?

Da observação e do acompanhamento de como alguns adultos viviam e reagiam aos impactos das mudanças na realidade do trabalho, ocorridos concomitantemente às suas trajetórias profissionais, surgiu outra questão. O que fazia um profissional reinventar-se com certa desenvoltura frente a uma reviravolta do seu enquadre profissional e outro sucumbir? Como sabemos, a construção da trajetória profissional de um sujeito está intrinsecamente ligada ao desenvolvimento da sua identidade profissional. Entendemos que a construção da identidade se dá na articulação entre os planos social e individual. Portanto, explicações pesadas sobre as condições subjetivas de cada indivíduo não poderiam dar conta da complexidade da questão. Há um contexto maior que afeta diretamente aquele que vive a realidade do trabalho.

As velocidades de reação, as possibilidades e habilidades para redesenhar seu caminho utilizadas por cada um pareciam fazer a diferença não apenas no resultado imediato, como quem rapidamente se readapta e pode dar um suspiro de alívio, mas na relação que cada sujeito podia construir com o mundo do trabalho que o cerca. O trabalho de acompanhamento dessas carreiras tratava não mais de apenas auxiliá-los a redirecionar uma trajetória, mas sim de revolvê-la e ressignificá-la para que o sujeito se desvencilhasse da sua condição de sujeito a um mercado opressor e premido pela necessidade urgente de lutar pela sua sobrevivência.

Voltando o nosso olhar para o jovem que escolhe uma profissão, buscamos compreendê-lo dentro do sistema de valores sociais, culturais e afetivos em que se encontra. Escolher uma profissão é, mesmo para o jovem dos dias de hoje, uma forma de ascender, por

meio do trabalho, a papéis sociais adultos. Escolher um curso superior é escolher, em certa medida, quem se quer ser. As qualidades que o jovem atribui a esse alguém que será estão ligadas às qualidades que ele mesmo atribui a alguém que já o é. Assim, para aquele que adentra o mundo adulto por intermédio de uma faculdade, há um modelo de adulto ideal inserido no contexto profissional. Como coloca Bohoslavsky (1977):

*“Numa sociedade chamada de classes abertas, o exercício de uma profissão pode determinar a mobilidade social ascendente, e muitos adolescentes preocupam-se com a idéia de não seguir nenhum estudo, pelo desprestígio que isso poderia implicar. (...) A educação nada mais é do que um meio para aderir a um papel ocupacional adulto.”* (p.27)

Segundo o autor, a escolha por uma profissão sempre se relaciona com os outros com os quais nos relacionamos, sejam eles reais ou imaginários. Dentre esses outros, para o desenvolvimento desse estudo, tomamos o grupo familiar como um grupo de referência fundamental para o jovem. É no seio das relações familiares que o jovem vive a dinâmica da construção da sua identidade.

*“As satisfações ou insatisfações dos pais e de outros familiares significativos, em função de seus respectivos ideais do ego e a vivência das mesmas, exercem um papel importante quanto às influências que, desde criança, recebe o adolescente, em seu lar.”* (Bohoslavsky, 1977, p.33)

A questão que se colocou, portanto, foi de como seriam afetados os adultos mais representativos de uma família – no caso de uma família estruturada, os pais – pelas mudanças da realidade das relações de trabalho por eles vivenciadas e, mais importante, como seriam essas vivências transmitidas dentro do seio familiar. Se esses pais se vêem capazes ou não de se adaptar, se são e como são afetados emocionalmente pelas transformações que vivenciam, esses sentimentos são transmitidos entre os seus familiares e amigos de alguma forma. Do outro lado desta mesma questão, os jovens que escolhem uma profissão partindo da escolha de um curso superior para adentrar por meio deste o, na maior parte das vezes desconhecido, mundo do trabalho. Não o fazem apenas nas suas singularidades e contextos emocionais, mas também buscando ampliar a compreensão dos contextos sociais, culturais e familiares em que estão inseridos.

Portanto, a questão que orienta esse estudo é saber como a relação que estabelecem adultos que enfrentam esse mundo do trabalho mutante em que os valores se tornam

liquefeitos e remodeláveis no curso de suas trajetórias de vida, é transmitida aos seus filhos que agora entram no mesmo mundo dinâmico, mutante, líquido. Que fantasias seriam transmitidas no seio dessas famílias? Que frustrações se deixariam conhecer? Como se estruturariam os ideais de adultos construídos pelos jovens? Jovens esses em pleno curso da construção de suas identidades.

O objetivo deste trabalho, como um estudo exploratório, é buscar subsídios que permitam amparar a hipótese percebida empiricamente da existência de uma inter-relação entre a maneira como o adulto que trabalha enfrenta os desafios impostos pelo mundo do trabalho e o processo de escolha profissional do seu filho jovem, em idade de saída da escola e entrada nos cursos superiores. Para tal, foi preciso delimitar alguns fatores que afetam diretamente a abrangência do fenômeno estudado. A família que se pretende considerar é a família de classe média, com seus valores, expectativas, participação social e projetos de futuro. As famílias observadas são famílias “estruturadas”, a saber, famílias compostas por pais casados e com filhos morando juntos. Os pais carregam, eles também, valores da classe média, sendo ambos profissionais ativos em suas áreas de trabalho, tendo chegado a elas através de um curso superior.

Este estudo se dá, portanto no âmbito dos projetos profissionais, das relações familiares e das construções das identidades profissionais de jovens que almejam se tornar profissionais.

## **II. Contextos e Conceitos**

## 1. Mudanças no mundo do trabalho

Muitos autores têm falado das mudanças ocorridas, ao longo das últimas décadas na configuração do chamado “mundo do trabalho”. Essas mudanças trariam conseqüências não só para a estrutura formal de funcionamento das relações de trabalho, mas também para a maneira como essas relações são vividas pelos indivíduos e o impacto das mesmas nas suas vidas e sua maneira de simbolizar o mundo. Essa mudança, como aponta Bauman (2005), afeta diretamente a construção da identidade do sujeito.

Antunes (1999) aponta para as transformações ocorridas não só na dinâmica do mundo, mas também no sentido o trabalho adquire para aquele que trabalha. Para isso, baseia-se no pensamento de Luckács, para quem o trabalho seria “*a forma fundamental, mais simples e elementar daqueles complexos cuja interação constitui-se na especificidade do ser social*”. A relação do homem com o trabalho se mostra, no cenário atual, cada vez mais geradora de incertezas. A forma como o sujeito se vincula ao trabalho também sofre alterações, como nos mostra Sennett (2006). Deixa de haver definições rígidas da função a ser exercida, solicitando-se do trabalhador um perfil de flexibilidade e rápida adaptação. O novo trabalhador é o trabalhador capaz de construir ele próprio sua carreira, utilizando-se dos recursos do mundo do trabalho para tal.

As transformações no contexto do mundo do trabalho, que vêm determinar as mudanças nas relações de trabalho e naquele que trabalha, tratam principalmente do frenético e crescente desenvolvimento tecnológico e seu papel no equacionamento econômico demandando mobilização de mudanças nos indivíduos e nas instituições (Malvezzi, 2000). Neste contexto, Uvaldo (2002) elege quatro aspectos decorrentes dessas mudanças.

O primeiro seria a mudança do enfoque do trabalho manual para o intelectual. Isso permitiria uma exploração mais eficiente da mão de obra pela lógica do sistema capitalista, pois a exigência de maior qualificação e maior intelectualização permite uma interpretação de certa forma “subjéctiva” do valor dessa qualificação para o mercado. Essa flexibilidade vem acompanhada de várias formas de precarização nas relações de trabalho, como a terceirização da mão de obra e formas de trabalho parcial e autônomo.

O segundo aspecto seria a diminuição do trabalho registrado em carteira e o aumento do chamado mercado informal, enfraquecendo a vinculação do trabalhador com a empresa. Esse fato acaba por aumentar o poder de quem contrata a mão de obra, pois o afrouxamento do vínculo de trabalho deixa o trabalhador à mercê da necessidade daquele que o emprega. Com isso, alteram-se as relações capital-trabalho e as expectativas sociais e institucionais não mais coincidem. A relação antes linear e evolutiva, com possibilidades de elaboração de projetos pessoais e sociais em que se implicavam empregado e empregador, passa a seguir caminhos distintos, com o trabalhador determinando seu projeto profissional individual.

O terceiro aspecto é o que chama de conhecimento descartável. Com a constante mudança nas habilidades e competências procuradas pelo mercado e a velocidade da descarga de informações que o trabalhador precisa assimilar a todo instante, o conhecimento passa a ser tido como um bem muito valorizado, porém descartável, trazendo uma maior elitização do mercado de trabalho e levando o trabalhador a buscar, constantemente adequar-se ao que esse mercado impõe. Seu valor pessoal passa a ser mais profundamente influenciado pelo reconhecimento que seu saber recebe do mercado que o contrata. Com isso, dá-se o incremento da imprevisibilidade do conhecimento que será valorizado amanhã.

O que nos leva ao quarto e último aspecto, o das “regras ilegíveis”. Quem está no mercado de trabalho não possui o entendimento claro do que é valorizado no mundo de hoje e isso lhe traz insegurança. Mais ainda, o cidadão comum, muitas vezes não tem conhecimento dos movimentos da produção e do mercado mundiais advindos da globalização, ainda que sofra toda a influência dessa nova dinâmica política, econômica e social. A transformação social e de produção que promete a melhoria da qualidade de vida, acaba por “pasteurizar” os comportamentos e as aspirações dos indivíduos.

Por outro lado, as mudanças ocorridas no mundo contemporâneo abrem novas perspectivas sociais, políticas, culturais e econômicas. Ou seja, ainda que a nova realidade do mundo globalizado não possa ser totalmente compreendida e traga uma gama de desorientações tanto para trabalhadores quanto para os psicólogos sociais e orientadores

profissionais, existe a sinalização de uma nova forma de se perceber o mundo e lidar com ele. As teorias do passado já não dão mais conta do presente e parecem inadequadas para expressar o que está ocorrendo em diferentes países, realidades e culturas. Os conceitos não parecem caminhar na mesma velocidade da realidade, já que esta continua a se mover e se transformar continuamente.

Se esta mudança pode ser considerada como uma ruptura com o que já existe, ela nos força a buscar por uma reorientação. Como nos aponta Lehman (2005),

*“Do mesmo modo que a tecnologia nos dá uma dimensão da amplitude social, nos torna potentes para quebrar os espaços e nos relacionar de forma infinita com o mundo, ela, ao se transformar com a mesma velocidade com que nos inclui nesses novos sistemas, pode, com a mesma rapidez, excluir-nos deles. Nesse sentido, a globalização irá trazer sentimentos muito extremos e maciços de inclusão ou de exclusão, com fortes conseqüências psíquicas”.*

É como se não se houvesse ainda defesas psíquicas e conjunturais para dar conta dos novos fenômenos que se apresentam a todo o momento. Segundo Luckács (1980 apud Antunes, 1999, p.142),

*“A questão central das transformações no interior do homem consiste em atingir um controle consciente sobre si mesmo. Não somente o fim existe na consciência antes da realização material; essa estrutura dinâmica do trabalho também se estende a cada movimento individual. O homem que trabalha deve planejar cada momento com antecedência e permanentemente conferir a realização de seus planos, crítica e conscientemente, se pretende obter no seu trabalho um resultado concreto o melhor possível. (...) somente quando o homem em sociedade busca um sentido para sua própria vida e falha na obtenção desse objetivo é que se dá a origem de sua antítese, a perda de sentido. No início da sociedade isto aparece como forma espontânea e puramente social... somente quando a sociedade se torna diferenciada, de modo que cada homem organiza a sua própria vida em um caminho cheio de sentido ou também se deixa levar pela perda de sentido, que este problema emerge como geral”.*

Warr (2007) propõe como discussão a realização do trabalhador no seu ambiente e na sua prática de trabalho. E aponta como uma razão do sofrimento humano o redesenho que o sentimento de felicidade vem ganhando na volatilidade do mundo atual. Para ele, o conceito de felicidade está ligado à idéia de longo prazo. Feliz seria o profissional que pode fazer projetos de longo prazo e, mantendo-se nele, realizar-se nas pequenas conquistas ligadas ao caminho percorrido para atingir seu objetivo.

Uma pessoa pode então vivenciar momentos que ela não sente como positivos, mas ainda assim encontrar-se em um contexto “objetivamente” identificável como um contexto feliz. O que faz da felicidade, então, algo conceitualmente distinto de prazer. A felicidade se dá na conquista de um self verdadeiro, de uma vida plena, com o funcionamento apropriado de um ser-humano. Vivemos hoje em um mundo em que as conquistas imediatas são valorizadas, em detrimento das conquistas de longo prazo, que exigirão muita dedicação, sem que se possa vislumbrar seus contornos. Sennett (1999) também nos aponta como a ausência de relações de longo prazo na esfera do trabalho, podem trazer sofrimento ao sujeito.

Para Goldstein, a felicidade seria resultado do alcance da auto-realização advinda do crescimento pessoal. Diferente da felicidade advinda da realização da satisfação. Esta segunda seria efêmera, incapaz de trazer ao sujeito o sentimento de continuidade, a idéia de projeto. Uma vez que a realidade pode se mostrar como a oferecer desafios a serem superados, a resposta do sujeito pode ser a de abrir-se para tal e fomentar a construção de um projeto próprio. Ou seja, se a realidade não é vista como ameaça, não impõe uma necessidade de controle e, a partir daí, fantasias de fracasso e impossibilidades em relação à liberdade de escolha (de si mesmo e do outro).

Dejours (2001, *apud* Ribeiro, 2004), por sua vez, fala da possibilidade do trabalho não apenas como alienante, mas também como agente para a conquista da emancipação do sujeito:

*“É do confronto prolongado e **obstinado** com o real, é da experiência de sofrimento e de estar em xeque, que nasce a engenhosidade, ou seja, a capacidade de inventar soluções inéditas para situações até então desconhecidas para o sujeito. Fazendo isso, o sofrimento se transforma em habilidade. É nesse processo que o sujeito se reapropria da experiência de sofrimento.”* (Pg. 3)

## 2. O conceito de carreira no tempo do imprevisível.

Alguns autores falam da mudança do tempo no universo das teorias sobre carreiras, como a saída de modelos apoiados no conceito de tempo de *Chronos* um tempo linear, lógico e previsível, para modelos apoiados no tempo de *Kairos*, o tempo do imprevisível, inevitável e descontínuo, daquilo que parte do vivido e rompe, até violentamente com o que se apresentava antes (Pelletier, 2001 *apud* Ribeiro, 2004).

Segundo a mitologia, haveria duas maneiras de se pensar o tempo. Uma, a idéia de que existe uma continuidade, previsível e pré-determinada por um Deus, *Chronos*, que determina o que está por vir. Outra, combinada a essa, comandada por *Kairos*,<sup>1</sup> que traz a possibilidade de ruptura com o pré-determinado, de descontinuidade e imprevisibilidade no curso da vida. Assim, vivemos a partir de uma idéia de trajetória contínua, em que à morte antecede-se a velhice, a esta a maturidade, a esta a juventude, a esta a infância e no início de tudo o nascimento. Mas, caminhando em na direção oposta, a força da imprevisibilidade, a possibilidade da mudança, a incerteza, abala o trajeto pré-estabelecido. É no contexto do equilíbrio dessas duas forças conduzindo o tempo, que se dá o nosso tempo de vida.

O nosso tempo de vida não se reduz à contagem do tempo que falta para a morte, de um tempo que consome a si mesmo sem que se possa intervir no seu curso. Por outro lado não é, tampouco, apenas um tempo que pode ser composto só de eventos constantemente mutantes e imprevisíveis, sem que se possa projetar-se, de algum modo no futuro para poder refletir o presente. Ora, se pensamos na idéia de projeto como uma estratégia no tempo, que apóia uma ou mais escolhas, como propõe Bohoslavsky (1977), precisamos compreender então, que esses mesmos projetos não mais se apóiam sobre uma lógica do imutável e sim sobre a lógica do oportuno, do vivenciado, do desprogramado.

Para aquele que busca orientar um sujeito na sua carreira, a estratégia passa a ser a de ajudar o individuo não a responder ao que o mercado impõe, mas a encontrar em si maneiras

---

<sup>1</sup> Na literatura encontra-se atribuído ao tempo de *Kairos*, o tempo de Deus, ou o tempo interior. Esse seria o tempo oportuno, livre do peso de cargas passadas e sem ansiedade de anteceder o futuro. Ele se manifestaria no presente, instante após instante. (Cesar, 1999). Diferente de uma lógica do *Caos* (outro Deus da mitologia grega, muitas vezes associado livremente às sensações de confusão, de bagunça e de desordem, de não encontrar-se em si mesmo ou no meio externo), ainda que se possa dizer que ambos trazem a idéia de criação a partir da ruptura, em *Kairos* há uma ordem, que não se submete ao imposto e ao previsível.

de se adaptar às diferentes mudanças em sua carreira e no mundo externo a partir de si mesmo.

Müller (1988, p141) afirma que *“chegar a uma escolha vocacional supõe um processo de tomada de consciência de si mesmo e a possibilidade de fazer um projeto que significa imaginar-se antecipadamente cumprindo um papel social e ocupacional.”*

É em um determinado contexto social, cultural e econômico que constrói seu caminho profissional o adulto, mas também o jovem que escolhe. As transformações no conceito de mundo do trabalho podem ser apresentadas cercadas de inseguranças, frustrações, medo, desafio, de acordo com o modo como as vivem os adultos com os quais um jovem se identifica. As informações sobre o mundo externo chegam de diversas fontes: a mídia, o grupo de pares, a escola, a família e exigem do jovem o desenvolvimento de filtros para classificá-las segundo os valores que constrói na composição da sua identidade.

É durante o processo de escolha profissional que o jovem poderá definir esses filtros, estabelecer a sua escala de valores, desenvolver critérios conscientes de escolha, comprometer-se com o objeto escolhido e viver os lutos inerentes a esse processo e ao momento de vida em que se encontra. Para tal colabora o conhecimento da Orientação Profissional, na medida em que proporciona àquele que escolhe os componentes facilitadores do caminho fértil para a sua relação com o seu “ser profissional”.

Kraus (1998) fala do paradoxo atual presente na busca, ainda constante, do trabalho como projeto identitário em uma sociedade sem projetos e sem possibilidade de fazê-los a longo prazo. Aponta para o fato de o trabalho como escolha consciente, e dentro deste conceito como realização de si mesmo, ser cada vez menos uma realidade vivida por boa parte da juventude dos países ocidentais de hoje. A maioria dos jovens não se encontra em condições de escolher, de se projetar em um mundo do trabalho que está longe de acolhê-los de braços abertos. E, mesmo os jovens deste nosso estudo, que têm outras chances de conseguir um lugar ao sol, se encontram, eles também, sob um discurso social mudado, em que a fragilização do trabalho modifica a experiência real do mesmo.

*“Nós assistimos então a um campo de tensões: de um lado os projetos identitários dos jovens que insistem na importância do trabalho como dimensão importante do desenvolvimento da identidade e que, além disso, necessitam dessa referência mais urgentemente que antes face à dissolução dos outros sistemas referenciais de identidade; e do outro lado, uma*

*realidade social que torna muito mais difícil a realização desses projetos.*”<sup>2</sup>

Kraus (1998, p.112).

O sucesso do processo identitário é possível, mas não sem esforço, nem sem dor. As condições biográficas, familiares e institucionais são de central importância para o sucesso desse processo. O que permanece sendo tido como normal e esperado na passagem da juventude para a vida adulta é alcançar a identidade através da conquista de uma profissão e de uma família, cada vez mais direcionada por valores e idéias próprias.

A importante questão que este autor coloca é se os jovens que pretendem adentrar o mundo do trabalho se dão conta da fragilidade em que este se encontra e, se isso se passa, se tal afetaria seu investimento neste projeto identitário. O processo de identificação com as profissões e com os modelos profissionais, pelo qual passam os jovens que escolhem um fazer no mundo, é inter-relacionado com os vínculos que estabelecem com o mundo adulto (Almeida e Pinho, 2008). E como mostra Kraus (1998, Pg. 117):

*“A individualização tem por resultado impor ao indivíduo escolher constantemente entre as centenas de possibilidades de viver, com todos os riscos e todas as chances que estas decisões comportam, e de se desenvolver não mais se integrando a um certo meio ideológico, profissional ou social, mas moldando seu pertencimento a redes sociais variadas. Pode-se pertencer, por exemplo, a redes sociais muito diferentes nas esferas do trabalho, da família, do lazer: diferentes pela lógica temporal, pelos valores característicos e também pela qualidade da sua relação com as outras redes.”*<sup>3</sup>

---

<sup>2</sup> “Nous assistons donc à un champ de tensions: d’un côté des projets identitaires des jeunes qui insistent sur l’importance du travail comme dimension importante du développement de l’identité et qui, de plus, ont besoin de cette référence plus urgemment qu’avant face à la dissolution des autres systèmes référentiels de l’identité; et de l’autre côté, une réalité sociale qui rend beaucoup plus difficile la réalisation de ces projets.”

<sup>3</sup> “L’individualisation a pour résultat d’imposer à l’individu de choisir constamment entre des certaines de possibilités de vivre, avec tous les risques et toutes les chances que comportent ces décisions, e de se développer non pas en s’intégrant dans un certain milieu idéologique, professionnel ou social, mais en modulant son appartenance à des réseaux sociaux variés. On peut, par exemple, avoir des réseaux sociaux très différents dans les sphères du travail, de la famille, du temps libre: différents par la logique temporelle, par les valeurs caractéristiques, et aussi par la qualité de relation avec les autres réseaux.”

### 3. Como construir identidade em um mundo em transição:

*“Estamos passando agora da fase ‘sólida’ da modernidade para a fase ‘fluida’. E os ‘fluidos’ são assim chamados porque não conseguem manter a forma por muito tempo e, a menos que sejam derramados num recipiente apertado, continuam mudando de forma sob a influência até mesmo das menores forças. Num ambiente fluido não há como saber se o que nos espera é uma enchente ou uma seca – é melhor estar preparado para as duas possibilidades. Não se deve esperar que as estruturas, quando (se) disponíveis, durem muito tempo. Não serão capazes de agüentar o vazamento, a infiltração, o gotejar, o transbordamento – mais cedo do que se possa pensar, estarão encharcadas, amolecidas, deformadas e decompostas.”* Bauman (2004) P.58

A escolha profissional se dá como um processo integrado do desenvolvimento do sujeito e tem como foco o sujeito que escolhe. (Bohoslavsky, 1977). Pode-se dizer que o processo de escolha profissional é sobredeterminado pelos aspectos sociais, deixando ao indivíduo pouco espaço para realizar uma escolha “totalmente” livre. A Orientação Profissional parte então de um olhar plural, e pretende trazer a possibilidade de articulação entre as diferentes variáveis inerentes ao processo de escolha de uma profissão. A escolha profissional se realizaria, então, na articulação entre o individual e o social.

A identidade vocacional, antes de ser o agente motivador único e determinante na dinâmica da escolha, pode ser vista como parte de um processo, determinado pela estrutura psíquica do sujeito, que traria a construção de uma identidade ocupacional. Nesse sentido, a vocação não seria algo que se descobre, mas sim algo que se constrói ao longo de toda a história do sujeito.

O conceito de identidade ocupacional pressupõe uma relação de continuidade entre o indivíduo e o mundo do trabalho, com característica flexível e mutante, permitindo adaptações conforme se dão as tensões entre o sujeito e o mundo (Bohoslavsky, 1977). A identidade ocupacional se manifesta através do comportamento ocupacional e representa o momento do desenvolvimento vocacional em que o sujeito se encontra. Já a escolha se daria na relação entre as estruturas social e subjetiva. O sucesso ou fracasso desta articulação poderia levar tanto a um viver autêntico, criativo e saudável, quanto o contrário, chegando, no extremo, a um adoecer psíquico e uma falsa adaptabilidade.

Para ajudarnos na contextualização pensemos, como aponta Collin (2000), que a construção da identidade se dá a partir de conceitos estruturantes de temporalidade e espacialidade. Sendo assim:

*“O deslocamento das responsabilidades de escolha para os ombros do indivíduo, a destruição dos sinalizadores e a remoção dos marcos históricos, rematadas pela crescente indiferença dos poderes superiores em relação à natureza das escolhas feitas e à sua viabilidade, forma duas tendências presentes desde o início no ‘desafio da auto-identificação’.”* Bauman (2004)  
P.57

O que se vive na sociedade contemporânea é a crescente dissociação entre o universo instrumental e o simbólico, entre o econômico e o cultural. Quem detém o poder não é mais o chefe de estado que impõe sua maneira de ver o mundo, nem o capitalista que explora o trabalhador assalariado. Quem dita a direção do mundo é o inovador estrategista, ou o financista, que agora se interessam em conquistar um mercado, não mais em dominar um território. A força reintegradora deve buscar unir a economia e a cultura, mas também se opor ao poder dos estrategistas. Esse processo de desmodernização se dá no seio do projeto de vida pessoal, único lugar, para Tourraine, em que o único ponto de apoio do indivíduo é o seu esforço para suas experiências vividas em construção de si mesmo como ator, como aquele que pode operar a combinação entre instrumentalidade e identidade, entre a técnica e o simbólico, baseado no desejo de que sua existência não se reduza a um conjunto descontínuo de respostas aos estímulos do meio que o cerca. A este esforço do indivíduo para ser um ator, para produzir a si mesmo, Tourraine chama de sujeito. E seria esse desejo de resistir ao seu próprio desmembramento em um mundo em movimento a resposta à dissociação do mundo em que vivemos, entendendo a afirmação da liberdade do sujeito como também um movimento social. Na medida em que este, quando reage à dominação do “mercado”, impõe a este um limite, baseado em um sistema de valores próprio, que o estrategista não pode transpor. E a idéia de instituições que existam a partir da comunicação entre sujeitos, que sirva a todos, em que os diferentes possam conviver, se coloca como solução à democracia da maioria. Afirmação da sua identidade pessoal e da sua cultura particular traz ao mesmo tempo liberdade e responsabilidade. Um sujeito, na concepção do autor, está, necessariamente implicado na sua forma de ver e pensar o mundo, portanto, não pode creditar ao outro, às instituições, aos chefes, a responsabilidade sobre si mesmo e suas próprias escolhas. Segundo Tourraine (1998):

*“uma resposta eficaz para a dissociação da economia e da cultura deve introduzir um princípio de combinação novo entre os dois universos que se separam, um princípio não abstrato, nem pertencente ao conceito de direito natural e de cidadania localizados acima da realidade social e econômica. Não se trata de derrubar um poder absoluto ou de contrabalançar o poder capitalista, mas de encontrar um ponto fixo num mundo em movimento, no qual nossa experiência é fragmentada e onde o lugar que antes era ocupado pelas instituições é doravante pelas estratégias das grandes organizações financeiras, técnicas e mediáticas. O tempo da ordem acabou-se; começa o tempo da mudança como categoria central da experiência pessoal e da organização social.”*

#### **4. Família**

##### **A família como contexto**

Gergen (2001) afirma que um sujeito constrói a si mesmo na inter-relação de suas estruturas e recursos internos com aqueles pertencentes aos outros. Sendo assim, o desenvolvimento humano se dá em uma perspectiva dinâmica das relações dos projetos e orientações de cada um sobre si e o mundo que o cerca. O jovem pertence a uma família e esta possui sua história e características próprias.

A escolha do contexto familiar como foco do olhar deste trabalho, está amparada na idéia de que as escolhas, bem como os projetos humanos não se realizam no vazio e sim no contexto das relações mais próximas e alargadas, sejam elas mais ou menos significativas, como colocam Gonçalves e Coimbra (2007). Ao nos depararmos com os aspectos psicossociais que cercam a escolha profissional, encontramos a influência da família, da estrutura educacional, dos grupos a que o indivíduo pertence, dos meios de comunicação que transmitem a ideologia do sistema social e representam as funções conforme seus valores. Partimos então do princípio que esses grupos são compostos de pessoas, indivíduos com suas vivências próprias do mundo que as rodeia, seus enfrentamentos e relações com o mesmo.

O processo de desenvolvimento de identidade de um sujeito, incluído aí o seu processo de desenvolvimento de identidade profissional, está intrinsecamente ligado aos papéis e relações que estabelece, influenciando e sendo influenciado reciprocamente pelos membros dos diferentes grupos aos quais pertence. Então a pergunta: “como se dá a relação do jovem com as figuras de identidade que o cercam?” pode ser entendida para o questionamento de como se dão as relações dos outros com o mundo na dinâmica da relação do jovem com o mesmo, “porque os sujeitos não se constroem exclusivamente a partir de estruturas, orientações, projetos e recursos internos, mas estes entrecruzam-se com referências estruturantes, orientações, projetos e recursos do mundo dos outros.” (Gonçalves e Coimbra, 2007).

O desenvolvimento da identidade vocacional, portanto, estabelece suas raízes em um solo fértil em saberes, afetos, conceitos, medos, vitórias, fracassos e consolidações de experiências vividas no seio familiar. A alquimia da combinação desses ingredientes garantirá, ou não, a integração psicossocial do jovem, levando-o a ser o protagonista da sua própria história, do seu próprio futuro.

À medida que o jovem caminha no seu processo de escolha, amplia-se também e se complexifica o seu olhar sobre aqueles que o cercam. Desenvolve consciência crítica, mais ou menos madura, dependendo dos recursos afetivos com os quais possa contar.

O jovem passa a perceber as ferramentas que recebe das famílias e mais, reivindica destas o suporte de que precisa para caminhar, como um ginasta que se vale do trampolim para subir na trave. O que fará lá em cima é síntese do seu trabalho e dedicação, mas sabe que precisa contar com uma ajuda para poder desenvolver sua performance.

Como sabemos, as diferenças sociais, culturais e econômicas são fatores relevantes na determinação das possibilidades de caminhos que se apresentam para cada um que escolhe. Mais que isso, as particularidades e recursos afetivos de cada organização social ou familiar fornecem-lhes os detalhes qualitativos das relações que irão estabelecer com o mundo e consigo mesmos. Sendo assim, a maneira como uma família e seus membros enfrentam as mudanças e incertezas do mundo do trabalho atual, pode prover o jovem que escolhe uma profissão de ferramentas mais sofisticadas para o cumprimento de tal tarefa.

*“Por isso, é considerado essencial para a escolha não somente o conhecimento que ele tem de si mesmo, mas também o conhecimento do projeto dos pais, o processo de identificação e o sentimento de pertencimento*

*à família, o valor dado às profissões pelo grupo, assim como o jovem utiliza e elabora os dados familiares.” Santos (2005)*

Sabemos o papel e a importância dos pais nos momentos de escolha dos seus filhos. Santos (2005) no seu estudo aponta a importância atribuída pelos filhos jovens em situação de escolha profissional à opinião e participação dos seus pais. A relação dos jovens com os sentimentos e opiniões acerca das suas escolhas gerados nas famílias teve grande influência no seu processo decisório. Ainda que essas opiniões sejam apresentadas pelos mesmos de modo contraditório. A autora chega a afirmar que “*não importa o que o adolescente planeje, é na família que ele tende a buscar o primeiro apoio*”. Afirma ainda a importância da família na formulação do seu projeto de vida, bem como seu suporte emocional e financeiro.

### **O contexto histórico da família**

A família pode ser definida, segundo Roudinesco (2003), num sentido amplo, como um conjunto de pessoas ligadas entre si pelo casamento e filiação. Claude Lévi-Strauss (*apud* Roudinesco, 2003) afirmava que a vida familiar se apresenta em praticamente todas as sociedades humanas. Ou seja, a família como a união de um homem, de uma mulher e de seus filhos é um fenómeno universal presente em todos os tipos de sociedades seja ela mais ou menos duradoura.

Assim, uma família só é capaz de existir dentro de um sistema social, cultural e económico, em que as demais famílias a reconheçam e reafirmem a validade dos laços que ali se estabelecem. Esse reconhecimento é feito a partir do sistema de valores pertencentes aos diferentes grupos sociais aos quais uma família pertence. Aristóteles (*apud* Roudinesco, 2003), falava de família como uma comunidade, organizada em uma estrutura hierarquizada e patriarcal, que serviria de base para a constituição da cidade, tornando-se indispensável à vida em sociedade. Se antes a família era compreendida como um conjunto de pessoas que incluía parentes, amigos e criados, a estrutura nuclear – pai, mãe, filhos - parece ter existido já na Europa da Idade Média, bem antes de tornar-se o modelo dominante dos nossos dias.

Roudinesco (2003) aponta que podemos distinguir três grandes períodos na evolução do conceito de família. No primeiro, a família “tradicional” serviria sobretudo para assegurar

a transmissão de um patrimônio, em que a célula familiar é submetida a uma autoridade patriarcal, como em uma monarquia de direito divino em um mundo imutável. No segundo, a família “moderna” estrutura-se segundo uma lógica afetiva, prevê a reciprocidade dos sentimentos e dos desejos carnavais entre o casal. Essa é uma família que valoriza a divisão do trabalho entre os cônjuges, delegando ao estado a responsabilidade pela educação dos filhos. A autoridade patriarcal passa a ser dividida, então, entre o Estado e os pais. Além da divisão entre os pais e as mães. É a partir dos anos 1960, que surge a família “contemporânea”. A união nessa organização familiar pós-moderna tem duração relativa, e depende basicamente da satisfação encontrada por dois indivíduos na sua busca por relações em que possam encontrar maior intimidade. À medida que as separações e as possíveis novas composições conjugais aumentam, aumentam os desafios da transmissão da autoridade.

Porém, ainda que tenha enfraquecido como instituição, a família continua a ser a instituição mais sólida da nossa sociedade atual. Os vínculos familiares vem sendo reeditados e revalorizados em uma sociedade que não encontra mais solidez nas suas instituições mais caras. Os laços familiares deixam de ser garantia, mas, em sentido oposto, é nesses mesmos laços que se apóiam as débeis pernas do jovem que se insere no mundo adulto. Os pais, destituídos do saber sobre esse mundo que outrora dominavam, não mais podem mostrar aos filhos os caminhos. Seja para que sejam criticados ou seguidos por eles.

*“Nossa época gera assim, a propósito da família, um distúrbio profundo, (...) no seio de uma economia liberal que tende a reduzir cada vez mais o homem a uma mercadoria”. (Roudinesco, 2003, Pg11)*

Ora, uma determinada cultura dispõe de um sistema de valores que de certa forma prevalece sobre o destino dos indivíduos que dela fazem parte. Esse contexto social não apenas aponta os caminhos profissionais possíveis, como também oferece suas próprias formas de recompensas e gratificações. Ou seja, conceitos como sucesso e felicidade não se dão isoladamente do contexto sócio-cultural a que o sujeito pertence.

Esse contexto exerce sua influência, não só sobre os adultos que constroem suas trajetórias pelo mundo do trabalho, mas sobre todos os indivíduos dessa sociedade. Uma criança, ao iniciar seus vínculos com o mundo, inicia seu processo identificatório, construindo, a partir desse diálogo com seu entorno, sua personalidade.

Bohoslavsky afirma que, da construção da identidade ocupacional do jovem participa o que ele chama de identidade vocacional. Esta teria sua gênese na infância e estaria relacionada aos vínculos estabelecidos com os “outros” da sua vida.

Quem seriam então os “outros” primordiais da vida dos indivíduos senão seus pais, sua família nuclear, com quem estabelece as relações de valores, gratificações, punições e recompensas primárias. Tais vínculos permitem à criança a construção de uma imagem do adulto com a qual ela se relaciona, bem como aos papéis que esse adulto exerce. Em recente experimento orientado por Maria da Conceição Uvaldo em uma pré-escola, com crianças de quatro e cinco anos, foi feito um levantamento, a partir da aplicação da técnica de desenho e história, da imagem que essas crianças faziam do papel de profissional dos seus pais. Esse experimento mostra que, já neste momento, as crianças constroem imagens a partir não só da natureza do trabalho dos pais, como também de como estes estabelecem sua relação com o mesmo.

Segundo Gonçalves e Coimbra (2007), os pais transmitem aos filhos as suas valorizações do mundo do trabalho, ou seja, o que eles acham ou não relevante para o sucesso profissional. Então, um pai que pode estabelecer uma relação com a realidade profissional externa, as mudanças e incertezas, de modo a encarar as dificuldades como desafios inerentes a essa realidade, aceitáveis e superáveis mediante planejamento e ação, suponho que possa transmitir a vivência dessa relação ao seu filho que principia seu movimento na direção do mundo adulto. Da mesma forma, um pai que vive a relação com o mundo como ameaçadora e estabelece formas de reação a essa ameaça baseadas na idéia de “embate”, de controle, reagindo ao um “ataque”, sem possibilidade de distanciamento e planejamento da sua ação, também transmite essa vivência para o filho.

Indo além, as vivências de sucesso e fracasso de cada um desses modelos por parte das figuras parentais são também fundamentais nesse processo de “transmissão” de valores e fantasias relacionados com o meio do trabalho. Isso porque os projetos pessoais de tais pais são construídos dentro do contexto social familiar. A família, como microssistema social é, por sua vez, impregnada de afetos, crenças culturais, fantasias de sucesso e fracasso, valores e normas que variam de acordo com, por exemplo, aspectos históricos da sua trajetória, ou ainda à participação em uma determinada classe social.

Audi (2005) atenta para o medo manifestado pelo jovem que escolhe do mercado de trabalho que o espera. Esse jovem cria fantasias de enfrentamento do mundo adulto para dar conta das suas inseguranças com relação ao futuro. Mas esse medo não é vivido da mesma

maneira por todos. Ainda que haja um discurso dominante de incerteza e insegurança, há quem perceba o incerto como possibilidade, como abertura.

### **Quem é o jovem que escolhe**

Entende-se que a questão principal do jovem é a formação da sua identidade, mais precisamente, a crise advinda das mudanças físicas, psíquicas e sociais por que vem passando desde o início da sua adolescência. Segundo Erikson (1972), esse momento seria fundamental para que o jovem possa fazer uma escolha própria de qual direção seguir. Ele vê esse momento como de crescente vulnerabilidade e potencialidade em que re-resolve seus conflitos constantemente, e forma, a cada crise vivida um sentimento maior de unidade interior e aumento da crença na sua própria capacidade de agir de acordo com seus próprios padrões e daqueles significativos para ele.

Segundo o autor, durante a infância ocorreriam cristalizações de identidade que permitiriam à criança sentir que sabe quem é. Essa certeza do eu é vitimada então pela descontinuidade do próprio desenvolvimento, quando o subjetivo e o objetivo entram em conflito, por exemplo. Essas descontinuidades seriam vividas como crises em que o jovem precisa combinar conjuntos de valores distintos em uma só identidade. Integrar em si os aspectos objetivos e subjetivos de uma escolha, de forma que esta valide essa integração.

O jovem, para Erikson, é aquele que vivencia de forma mais intensa a crise de identidade, por se encontrar em um momento do ciclo vital em que a promessa de nos encontrarmos a nós mesmos está intrinsecamente ligada à ameaça de nos perdermos. A geração adulta seria responsável, então, por fornecer os ideais que baseiam a formação da identidade do jovem, ainda que possam servir apenas como elementos de críticas e revoltas por parte destes.

Erikson define, ainda como moratória da adolescência, o prolongamento que estamos vivendo da mesma, em uma sociedade que não fornece aos jovens um referencial claro de caminho a seguir (ou contestar). O papel da sociedade seria o de oferecer ao jovem um “holding” que permitisse a expressão do conflito adolescente e suas contradições num mundo ocidental sem ritos de passagem claramente definidos. Nossa cultura narcisista e

individualista reafirma os valores adolescentes como objetivos a serem atingidos, divulgados amplamente nos meios de comunicação na forma de bens a serem obtidos para que nos tornemos os adultos que queremos ser.

Assim, fatores como a dificuldade real de entrada no mundo do trabalho, a impossibilidade de autonomia financeira da geração que inicia sua jornada profissional, ficam diluídos e individualizados, como fracassos pessoais e não como uma situação conjuntural mais ampla da sociedade e esta não reage a esta situação de forma a tratar do problema, aumentando o conceito de sucesso pessoal individual através da divulgação de histórias de homens-heróis que sozinhos conquistaram tudo e que o mesmo então é possível para cada um. Só depende dele.

O importante aqui é percebermos que a subjetividade não é um estado, uma qualidade ou uma ação. Menos ainda uma substância. A subjetividade é nossa participação no todo.

Aberastury (1981) dá ênfase ao processo de luto vivido pelo jovem, das perdas do período infantil. Ele viveria o luto pelo corpo infantil perdido, o luto pela infância passada e pelos pais dessa infância. A humanização dos pais como detentores de valores não mais heróicos e sim contestáveis geraria no jovem um processo de luto pelas certezas da infância perdidas. A criança vivia algumas certezas com relação a si mesma e aos seus significativos. Essas certezas são abaladas durante o processo de passagem pela adolescência, acarretando, para a autora, em um processo de luto que exige o tempo de cada um para ser elaborado e superado de maneira saudável. A autora entende que a falta dessa possibilidade de elaboração, acarretaria em um processo de entrada e saída da adolescência nunca alcançado.

Para Carvajal (1998), o jovem vive o seu processo de amadurecimento como algo natural, bem vindo e esperado. Aquele que adentra a adolescência almeja viver o que ele projeta nos jovens mais velhos que vê como possibilidades e potencialidades que ele mesmo não possui e também nos adultos em que se espelha. A experiência de passagem pelo período de juventude pode ser vista então como uma experiência de prazer e conquistas. Os conflitos existentes geram mudanças e conquistas de um eu que pode ir para o mundo provido de um conhecimento de si mesmo mais denso e mais próprio que a criança que ele deixou para trás.

Vale lembrar, que no contexto familiar que cerca esse jovem, os pais vivem também um processo de estranhamento com relação ao ser que se transforma na sua frente. Vivem o luto da perda do olhar infantil, que os colocava como heróis e únicos objetos de amor, vivem a perda de um vínculo que não mais se estabelece segundo as regras de até então. A relação

de um pai com seu filho jovem e jovem-adulto é baseada em valores negociados de respeito mútuo pelas diferenças e escolhas de uns e outros.

### **O projeto de vida do jovem e o projeto de vida familiar**

Muitos são os autores que se debruçam sobre o tema da influência do contexto familiar no processo de desenvolvimento profissional dos adolescentes e jovens, uma vez que a família se constitui como o primeiro e mais significativo contexto de desenvolvimento e de transmissão de modelos de referência (Gonçalves, 2006; Malmberg, Ehrman, & Lithén, 2005). Outros estudos se voltam para como as experiências de desemprego vividas pelo sujeito afetam os outros membros da família (Barling & Mendelson, Hanisch, 1999, Crouter & Bumpus, 2001).

Barling, Dupre e Hepburn (1998), apontam para a existência de indicadores de correlação entre crianças que percebem seus pais envolvidos e satisfeitos com o seu trabalho, e um nível de bem-estar mais alto além de desenvolverem atitudes positivas relativas ao trabalho. Verificaram também que as crianças cujos pais manifestam insegurança no trabalho enfrentam mais problemas sociais relacionados com a escola. Barling & Mendelson (1999), analisado os resultados escolares de um número de crianças, mostra como a insegurança no trabalho dos pais poderia ocasionar um impacto negativo no rendimento acadêmico dos filhos. Lim & Loo (2003) propõem que a insegurança no trabalho dos pais, aumente os comportamentos autoritários dos mesmos, como as demonstrações de controle e diminua a sensibilidade, a participação parental e o apoio ou suporte aos filhos. Vale apontar, também, que alguns autores apontam para a possibilidade de que adolescentes possam entrar no mundo do trabalho com atitudes e crenças negativas pré-existentes.

Outros trabalhos apontam de modo significativo para a relevância da concordância entre o projeto do jovem que escolhe e o projeto de vida dos seus pais. Young *et al.* (2006), por exemplo, afirma haver uma conexão entre a relação pais-filhos adolescentes e o projeto de desenvolvimento de carreira familiar. Segundo esse estudo, pais e filho adolescente estabelecem um projeto profissional conjunto centrado no futuro educacional e profissional do adolescente. Estudos como esse apontam para um crescimento progressivo do desejo de

participação dos pais como figuras de apoio ativo no processo de construção do projeto profissional do filho.

O projeto de vida dos pais está vinculado ao projeto de vida de seus filhos, sendo que as estratégias e dificuldades que os adultos encontram na relação com o mundo do trabalho afetam diretamente a vida dos seus filhos. Na literatura há um número significativo de publicações que estudam os impactos do desemprego nas dinâmicas familiares e também nas expectativas dos filhos com relação às suas escolhas profissionais. Gonçalves & Coimbra (2007) mostram a influencia da participação dos pais nos projetos profissionais dos filhos como tendo efeitos positivos sobre suas escolhas.

### **III. A Pesquisa**

## **Método**

### **a) Hipótese**

Algumas questões, elaboradas ao longo da observação empírica de jovens e adultos em situação de escolha em suas carreiras, guiaram a formulação deste estudo. Questões que concernem menos às profissões que os adultos exercem, e mais como as exercem, e mais ainda, que efeitos essa maneira de se relacionar com o mundo do trabalho teria em seu contexto familiar. Que relatos trazem do mundo do trabalho os adultos que retornam ao lar? Um lugar de prazer e conquistas? Ou um lugar de fracasso e sofrimento? Como esse sofrimento é vivido? Como é e se é superado? Que mundo externo adentra o ambiente familiar? Um mundo hostil, incompreensivo, algoz do sofrimento adulto? A cruza e hostilidade aparecem como surpreendentes ou são aceitas como parte da realidade? O desejado é recebido ou construído? Há uma expectativa com relação ao que o mundo deve dar? Ou há a idéia de ir e tomar do mundo o que é seu? Mais ainda, há a idéia de construir no mundo a partir do que ele já oferece e do que pode ser criado nele? As incertezas podem simbolizar campo fértil para a criatividade? Ou trazem a insegurança e incompreensão externas?

Essas questões fertilizaram um outro solo, o da relação que se estabelece entre o jovem que adentra o mundo profissional por meio da escolha de um curso superior e a realidade profissional vivida por seus pais. Como essas questões enfrentadas pelo adulto de hoje afetariam um filho nesse momento da sua vida? Mais uma vez, no contato com jovens em situação de escolha profissional e seus pais, pude perceber variações no relato dos filhos

coerentes com a postura de enfrentamento da realidade trazida pelos pais. Haveria então uma relação não só entre o sucesso e o fracasso dos pais e o medo dos filhos; entre as profissões escolhidas por eles e os estereótipos criados pelos jovens; mas também entre a maneira como enfrentam o mundo e o que passam disso para seus filhos, desde o primeiro momento em que estes últimos surgem em suas vidas.

### **b) Objetivo**

Esse projeto é um estudo de campo, que visa buscar subsídios que permitam amparar a hipótese percebida empiricamente da existência de uma inter-relação entre a maneira como o adulto que trabalha enfrenta os desafios impostos pelo mundo do trabalho e a maneira como o seu filho, jovem em processo de escolha profissional, constrói a suas estratégias de entrada no mundo profissional, para além dos processos identificatórios.

Para tal, foi preciso delimitar alguns fatores que afetam diretamente a abrangência do fenômeno estudado. O grupo social à que as famílias estudadas pertencem é a classe média por ser detentora dos valores, expectativas e possibilidades de futuro que regem as sociedades modernas. As famílias observadas são também famílias em que os pais são casados, sendo esse seu primeiro e único casamento, do qual geraram filhos que moram com eles. Ambos os pais fizeram curso superior e são ativos profissionalmente.

### **c) Delimitação do grupo social**

Entendemos que o grupo social objeto deste estudo pertence à chamada classe média, com pais que tenham cursado o ensino superior e filhos que pretendem adentrar uma faculdade como meio de entrada no mundo do trabalho.

Uma forma de delimitar o conceito de classe média é a partir de dados estatísticos que consideram o rendimento médio e respectivo poder de consumo de um determinado número de cidadãos, amparados em amplas pesquisas populacionais. Segundo o centro de políticas sociais da FGV<sup>4</sup>, estatisticamente, a classe média equivaleria, segundo dados populacionais, à

---

<sup>4</sup> Mais informações podem ser consultadas no site da instituição: <http://www.fgv.br/cps/index.asp>.

chamada classe C<sup>5</sup>, com rendimento entre R\$ 1064,00 e R\$ 4591,00 (valores do ano de 2008) per capita e potencial de consumo de cada uma. Essa estratificação é implementada a partir do impacto de bens sobre medidas de acesso a bens duráveis e seu respectivo número em cada família. Faz parte desse levantamento estatístico, a quantificação não só de indicadores como o número de eletrodomésticos e banheiros presentes em uma residência, como também de fatores como o acesso à informação e à cultura e o grau de instrução do chefe da família. Isso nos leva a um olhar mais amplo sobre o conceito de classe média.

Neri (2008), aponta em seu estudo, uma vertente de conformação de classes em que a classe média poderia ser definida não pela análise do poder de consumo, mas pelas atitudes e expectativas das pessoas. Essa vertente prevê certa mobilidade estrutural ascendente em uma sociedade, como um sonho da possibilidade de ascensão social. Para isso, cita o autor, têm sido criados índices com a intenção de medir na população o que chamam de “expectativa de felicidade”, buscando analisar as expectativas da população em cinco anos no futuro em comparação com o seu nível de felicidade presente medido. Esse chamado índice de felicidade futura (IFF) vem sendo considerado um medidor diferencial da classe média no Brasil e nos demais países do mundo.

Outros aspectos da definição de classe média são o acesso deste extrato da sociedade à cultura e à tecnologia através da internet, acesso a computadores e tecnologia móvel. Outro critério que busca ampliar o conceito de potencial de consumo para além do ganho financeiro, seria a possibilidade de manutenção da situação financeira familiar por um prazo mais longo de tempo, bem como o acesso a ferramentas sociais que garantiriam um maior nível de proteção social como o emprego formal, a previdência privada, o crédito imobiliário, a casa própria, o seguro-saúde. Outro aspecto diferencial de uma classe social seria a preocupação dos seus membros com aspectos como educação e inserção ocupacional.

Entender-se-ia por classe média, a propósito do estudo que aqui realizamos, uma classe social primeiramente pertencente ao sistema capitalista moderno, possuidora de poder de consumo, valores sócio-culturais e padrão de vida intermediários entre as classes trabalhadoras e as classes superiores. Essa classe é apontada, entretanto como quem determina o que é valorizado em termos de educação, cultura, espaços sociais, riqueza, rede de relacionamentos, maneiras, etc.

---

<sup>5</sup> Iniciando-se pelo maior potencial de consumo para o menor (ou fator de miséria), as classes seriam assim definidas: A1, A2, B1, B2, C, D e E, segundo o Critério Brasil.

Para se compreender esse papel da classe média, para além de um extrato social com determinado poder de consumo, é preciso observar que a classe média é tida como a classe portadora dos valores burgueses. E são esses mesmos valores burgueses que hoje estão em crise. Para que possamos melhor compreender o contexto em que se encontram nossos sujeitos, fazemos uma breve distinção de quais seriam estes valores. A sociedade burguesa pode ser entendida como aquela que se fundamenta em valores atribuídos ao trabalho baseados no mérito individual e que tem como reflexo destes o enriquecimento e a quantificação pública do mérito do acumulador. Exibir a riqueza é, então, uma forma de garantir um lugar na hierarquia e obter prestígio social. Possui costumes amparados em conceitos rígidos de princípios e moral, no materialismo, no respeito pelas hierarquias, os princípios cívicos, a informação, a promoção pela cultura, os bens duráveis, a propriedade, os bens legáveis. A escola e a família são representantes máximos das instituições duráveis. A família, restrita e nuclear, é tida como o cerne da virtude e a razão de todos os sacrifícios. As organizações empresarial, comunal e nacional seguem o modelo patriarcal familiar, de poder do homem e submissão da mulher. A ordem e a autoridade são princípios que sustentam a visão de um progresso contínuo, cumulativo e ascendente.

#### **d) Sujeitos**

Foram entrevistados quatro jovens em situação de escolha profissional e seus pais, compondo assim tríades familiares. Foram escolhidas famílias cujos pais fossem ambos profissionais com curso superior que exercessem uma profissão. Todos eles passaram por transições nas suas carreiras, enfrentadas de diferentes maneiras. Ainda que a hipótese de pesquisa não tenha relação, a priori, com a formação escolar dos pais, uma amostra mais homogênea visou minimizar a interferência de variáveis sócio-culturais, que não serão abordadas neste estudo de caso. O foco da presente pesquisa se apóia na relação de vivência de enfrentamento do mundo mutante de hoje por ambos os integrantes do casal parental, sem que se proponha discutir a questão das possíveis existências de diferenças neste enfrentamento decorrentes das diferenças de gênero.

Os jovens têm entre dezesseis e dezenove anos. Dois deles estão cursando o ensino médio e dois já terminaram a escola e estão fazendo cursinho preparatório para o vestibular. Todos eles têm como proposta de entrada no mundo profissional a realização de um curso

superior. Desses jovens, dois são do sexo feminino e dois do sexo masculino. Essa divisão teve como intenção manter certa pluralidade na amostra e não apontar diferenças de gênero na maneira como os jovens se relacionam com os enfrentamentos do mundo adulto vividos por seus pais.

A amostra, por não atender ao rigor de uma escolha aleatória, é o que Gil (1999) denomina de uma “amostra por acessibilidade”.

#### **e) Procedimentos.**

Como forma de coleta de dados, foram realizadas entrevistas semi-dirigidas. A entrevista representa um dos instrumentos básicos para a coleta de dados, e é uma das principais técnicas de pesquisa em ciências sociais, uma vez que permite a captação imediata e corrente das informações desejadas, segundo Lüdke e André (1986). A entrevista semi-dirigida se desenvolve a partir de um esquema básico, ainda que não rígido, garantindo certa homogeneidade, mas permitindo que o entrevistador faça as necessárias adaptações.

Para tal foi criado um roteiro para as entrevistas, com o intuito de servir de base orientadora para o encadeamento e balizamento das conversas entre sujeitos e pesquisador. As entrevistas puderam manter-se assim focalizadas no tema proposto, como sugere Gil (1999).

As entrevistas foram realizadas com cada um dos membros das famílias estudadas separadamente, nos locais que foram indicados pelos sujeitos. Todas as mães e filhos foram entrevistados em casa. Dois pais foram entrevistados no seu local de trabalho. Um pai foi entrevistado em casa. Um pai não foi alcançado durante todo o período que durou a coleta de dados.

As entrevistas foram gravadas para que se pudesse recuperar os detalhes do discurso do sujeito, mas também foram anotados os comportamentos não verbais que indicassem as emoções relacionadas com o conteúdo do que foi dito. Para isso, todas as entrevistas foram realizadas pela pesquisadora.

Ao início da entrevista, foram esclarecidos os objetivos gerais deste estudo e realizado um convite formal para o entrevistado através de um termo de consentimento cujo modelo se encontra anexo.

A análise das entrevistas foi realizada de forma a encontrar no discurso dos sujeitos elementos que revelassem seu posicionamento em relação ao mundo do trabalho, bem como suas expectativas e ferramentas de enfrentamento dos desafios postos, no caso dos pais, ou projetados, no caso dos filhos. Os elementos de correlação encontrados nos discursos não foram classificados, uma vez que o objetivo do estudo foi verificar a existência de correlações nos discursos dentro das tríades familiares e não entre elas.

#### **IV. As famílias**

## 1. Iara, Sérgio e Igor

### 1.1 Iara

#### a) A trajetória profissional

Iara, mãe de Igor, tem quarenta e seis anos e é psicóloga. Começou a sua trajetória profissional fazendo estágio durante o último ano de faculdade. Esse estágio visava a prevenção de doenças em acompanhantes de pacientes em tratamento médico. Assim que se formou montou consultório com amigas de faculdade enquanto fazia formação em clínica cirúrgica no Hospital das Clínicas. Mas sabia que queria trabalhar com prevenção, então decidiu procurar trabalho na esfera pública, através de concursos públicos. Nesse meio tempo, iniciou uma especialização em abordagem junguiana. Encontrou, seis meses depois de formada, um trabalho em uma clínica em que fazia atendimento de crianças. Como eram poucas horas de trabalho, pode conciliar com o curso de especialização e o consultório, deixando a formação do HC. Esse trabalho durou três anos. Logo, viveria uma primeira alteração no seu desenho de carreira.

No final desse período, Iara passou em um dos muitos concursos que havia prestado, mas não para trabalhar com prevenção, e sim para trabalhar com pacientes psicóticos em um hospital psiquiátrico. Ela se refere assim aos concursos que prestou:

*“(...) no começo eu focava nessa coisa da prevenção, aí depois eu precisava trabalhar e aí eu fui prestando tudo que foi concurso que apareceu, qualquer lugar, ligado com clínica sempre. (...) Aí eu fui trabalhar no hospital [psiquiátrico].”*

Ainda que não fosse a área em que quisesse atuar, Iara decidiu aceitar o trabalho com a intenção de continuar a procurar alguma coisa mais ligada à prevenção, mas estando empregada. Quando começou a trabalhar diz ter se apaixonado pela psiquiatria e envolveu-se

com o trabalho. Assumi um cargo de chefia menos de um ano depois por uma questão legal, mesmo ainda sendo muito inexperiente. E se viu em meio a um conflito político que, segundo seu relato, não soube manejar.

*“Eu não tinha a menor experiência, gente! Eu era uma ingenuidade total. Hoje eu penso que dava pra manejar aquilo com mais maturidade, mas você entra naquela história, briga política. (...) Tem coisas que você faz aos vinte e poucos anos...(…), então você entra na história: ‘não, vamos lutar por uma coisa diferente’, só que de uma forma tão estabanada que acabamos – várias pessoas, não só eu, - várias pessoas foram colocadas a disposição, mas não tinha uma justificativa pra demissão.”*

Como não podia ser demitido, todo o grupo precisou permanecer durante o período de um mês e meio indo ao hospital assinar o ponto sem poder trabalhar, como forma de pressão para que pedissem demissão. Através de articulação política puderam procurar outros lugares para trabalhar, para então serem transferidos. E Iara foi para outro hospital, com uma articulação política mais estruturada, onde permaneceu por nove anos. Aqui ela relata como se inseriu na equipe do hospital. E podemos perceber uma estratégia de esquivar do conflito direto com as demais profissionais.

*“Lá eu também fui trabalhar em ambulatório de saúde mental, mas eu fui trabalhar com psicóticos, porque tinha um monte de psicólogos lá, mas ninguém queria trabalhar com psicóticos. E eu vinha de um hospital psiquiátrico. Então eu peguei uma coisa que ninguém queria, então era a chance de eu não ser rejeitada, entendeu? Porque se eu fosse competir com as outras pelos outros espaços eu achei que ia ser complicado.”*

Então, viveu sua segunda mudança significativa de carreira. No novo emprego, aos poucos foi estruturando uma equipe, e relata ter vivido um período de trabalho muito positivo. Foi durante o período em que trabalhou ali que alguns eventos importantes em sua vida pessoal ocorreram: casou-se e teve seus dois filhos. Foi por causa do nascimento do segundo que decidiu realizar mais uma mudança na sua carreira e saiu do ambulatório.

*“Era longe pra caramba, mas era uma equipe bem legal e eu fiquei lá até a hora que eu falei: ‘Bom, agora não dá. Eu tenho que abrir mão de alguma coisa, eu não tive filho pra sair o dia inteiro e largar.’ E aí achei que o*

*melhor era ficar só com o consultório, onde eu montava o meu horário do meu jeito.”*

Aqui viveu uma ruptura com a carreira que até então havia construído. Ainda que houvesse continuado sempre a atender em consultório, o fazia apenas nos períodos em que não estava no seu trabalho regular e quando seu marido já havia chegado em casa para ficar com o filho. A decisão de deixar um emprego estável foi tomada para que tivesse mais tempo para a sua família. Entendeu que tendo dois filhos, precisava passar mais tempo em casa e se dedicar mais a eles.

Ao longo do tempo, decidiu continuar a se especializar para ampliar seu campo de trabalho e tentar voltar a trabalhar de forma preventiva. Conta que fez esse investimento aos poucos. E sinaliza algo que acompanha todo o seu discurso, que é o que coloca como a falta de coragem de assumir riscos em sua carreira. Ainda que nem sempre apareça como algo negativo.

*“Eu nunca tive muita coragem de ir fazendo as coisas sem ter uma base maior. Então eu fui fazer a supervisão sem atender, fiquei por um tempo, até criar coragem. Eu atendia casal e atendia família no ambulatório, mas (...) de outro jeito. E lá (...) eu achava que dava pra arriscar.”*

Hoje sua trajetória profissional continua em construção. Iara tem projetos ainda de voltar a estudar. Percebe que o seu caminho foi se fazendo conforme pode perceber as necessidades de mudança.

*“Acho que basicamente foi esse o caminho. Começou de um jeito, terminou de outro. Terminou, não, está ainda. [Continua?] Continua, é. [Continua como?] (...) sempre que surge alguma possibilidade de algo diferente, a gente vai dando uma olhada. Eu não estou fechada. Não é só isso que eu faço.”*

Mas coloca também que continua a não tomar decisões arriscadas. Mesmo querendo estudar e sabendo da sua necessidade, dá um passo quando sente segurança pra fazê-lo. Aqui dois trechos que mostram sua maneira de encarar o incerto. Em um primeiro momento, quando fala do curso que quer fazer, fala de uma visão da psicologia como uma profissão que permite que você não atenda à demanda por formação tão rapidamente, você pode ir “levando”, no seu ritmo, sem aderir à pressão.

*“(...) tenho vontade de fazer formação (...). Eu não tive coragem de prestar essa última turma que foi agora a prova. Porque eu acho que três noites por semana, eu acho que eu tenho medo de não conseguir bancar financeiramente. O Sérgio está saindo pra estudar, um monte de coisas, está fazendo inglês, e todo mundo fora... Eu sei que os meninos estão grandes, minhas amigas falam: ‘Eles já cresceram, tira debaixo da asa!’ Mas eu acho que os dois fora, três noites por semana eu acho muita coisa. Então deixa ele fazer agora porque ele tem prazo, a empresa banca uma parte, eu acho que ele tem uma questão de idade, de quem trabalha em empresa, que ou você vai ou você nunca mais consegue nada. E a nossa profissão permite isso, que você vá levando, não tem esse limite de idade, enquanto eu não esclerosar, enquanto a minha memória funcionar, eu acho que dá.”*

Em um segundo momento, falando da sua carreira, de como toma as suas decisões, aponta para um movimento de buscar acolhimento para poder dar um passo.

*“(...) Eu preciso ter uma certa segurança, sentir um certo acolhimento, alguma coisa que dê isso. Isso de mergulhar e ir, pronto! Fechar o olho. Jamais. Isso não faz parte de mim. (...) [Pra frente] eu penso em acrescentar coisas. Mas mudar completamente, ir para um outro lugar, não. Eu não tenho a menor vontade.”*

## **b) O mundo do trabalho**

Quando fala do mundo do trabalho atual, Iara fala de um mundo muito mais complicado que aquele em que começou a trabalhar. Fala de certezas que não existem mais, de certos alicerces que não dão mais sustentação. Dá como exemplo o irmão, um profissional bem-sucedido na sua área que, depois de ser demitido, não consegue voltar ao mercado.

*“Meu irmão chegou ao topo de multinacional, não sei o quê, foi demitido e não consegue mais emprego. Então assim, eu acho hoje muito mais complicado.”*

Mais adiante, ela faz uma ponderação a respeito das razões que podem tê-lo feito não conseguir se recolocar profissionalmente.

*“Meu irmão é um [que não procura se rever], ele até busca outra alternativa, mas uma alternativa de pouco risco, e aí está correndo o maior risco do mundo, porque está lá [desempregado].”*

Ao falar de desemprego e suas consequências, Iara, ainda que sempre cuidadosa, parece trazer uma certa tranquilidade, uma capacidade de lidar com o imprevisto sem assombro. Porém não fala de um imprevisto radical, de um desemprego sem saída possível e se apóia na vivência do consultório para balizar o que está considerando com imprevisibilidade. E qual imprevisibilidade não a assusta.

*“[A imprevisibilidade] não me preocupa. Quando você fala, como é a idéia do desemprego, (...) eu sempre acreditei que as coisas iam funcionar. Se eu buscase, se eu trabalhasse, fizesse a minha parte, sempre achei que a energia ia criar, enfim, que eu ia investir e a coisa volta. E sempre voltou. Não acho que eu tenha folga de nada, está tudo tranquilo, mas nunca passei por uma situação de achar que não tem saída, nunca. Então assim, eu acho que eu fui aprendendo, isso a psicologia me deu também: eu nunca sei quem vai chegar na minha frente, de que jeito que vai falar, tem uma sessão uma semana de um jeito, você está esperando e vem outra, completamente diferente. (...) eu aprendi a lidar com aquilo que eu tenho. Então isso não me assusta.”*

Faz também uma crítica ao modo como entende que o conhecimento vem sendo desvalorizado pela sociedade. Teme que a multiplicidade exigida do profissional acarrete na superficialidade do mesmo, do seu conhecimento, da sua possibilidade de se aprofundar na sua área de conhecimento. Trazendo mais para a sua área de atuação, relaciona a isso também a forma como a saúde vem sendo tratada. Como cada vez mais vem sendo buscadas respostas rápidas para os problemas, remédios que acabem com o sofrimento, intervenções superficiais. E procura relacionar essa superficialidade ao que observa nos filhos que fazem tudo ao mesmo tempo, mas para ela, não parecem fazer nada direito. O mundo que tem esse movimento, não é o mundo em que ela se insere, e é a profissão que a resguarda dos enfrentamentos decorrentes de estar na “contra-mão”. Ela pode ser profissional como entende que pode ser, sem precisar se adequar às exigências do mundo.

*“Eu acho que tem muita gente, um pessoal muito mais buscando a área de administração, de coordenação, de gerência e a parte técnica, a experiência, a área técnica de qualquer profissão, eu vejo sendo deixada de lado. (...) Eu*

*vejo que as pessoas não aprofundam nada tecnicamente. Todo mundo faz tudo, um pouquinho de cada coisa, mas eu acho muito superficial, ninguém aprofunda muito as coisas, o que rola o pessoal não discute, não vai. (...) Ninguém entra em contato com o conflito, a doença tem que ser descartada. Esse mundo dos meninos mesmo. Eles fazem lição na frente do computador, com a televisão. Eu mesma fazia lição e ouvia música, eu sempre estudei ouvindo música. Mas eles fazem quinhentas coisas e não fazem nada direito. Eu tenho a sensação de que nada se faz direito. E eu vejo o mundo um pouco assim, tudo muito rápido e às vezes eu me vejo na contramão disso. Mas eu ainda posso porque eu estou em um lugar que me permite isso. A profissão me permite.”*

Sobre os aspectos positivos e negativos do mundo do trabalho de hoje, Iara traz como proposta o olhar para os dois lados de uma mesma exigência. O lado positivo é empolgante, mas gerador de ansiedade. A falta de controle é algo que ela aprendeu que não existe mais.

*“Aí, eu acho que de positivo [o mundo] te exige criatividade. Eu acho que você tem que ser criativo pra tudo e isso eu acho sempre muito legal, (...) me empolga. A idéia de pensar coisas novas, pensar um jeito diferente, aprender alguma coisa diferente, isso eu acho sempre muito legal. Não dá pra se acomodar no mundo de hoje, achar que você vai ter alguma garantia, porque não tem garantia de absolutamente nada. (...) Achar que você tem garantia é uma grande ilusão sempre. (...) Mas dependendo como a vida fica estabelecida você tem a ilusão de que você tem controle. E eu aprendi que não tem. Não existe mais isso. Então a gente tem que olhar pras coisas e tentar sair delas. Não entro em pânico.”*

O outro lado, o negativo, fala de não sentir que pode se projetar no futuro e planejar a vida a longo prazo. A perspectiva de longo-prazo acabou, não existe mais.

*“Então, acho que é a mesma coisa no fim. Porque você não tem chance de parar pra respirar. (...) Esse imprevisível é difícil, você não pode pensar muito a longo prazo, assim. Às vezes eu tenho vontade de fazer um planejamentozinho... [E você não sente que você consegue mais?] Nem sempre. Eu até vou fazendo, mas muito no curto prazo.”*

Pensando em como o mundo está hoje, essa falta de garantias, essa impossibilidade de se planejar a longo prazo, Iara faz um exercício de imaginar como estaria esse mundo do trabalho dentro de, por exemplo, vinte anos, quando seu filho estiver falando desse ponto. E aponta para a necessidade de reordenação do mundo. E fala de “pessoas”, “eles”, como generalizações do mundo que de certa forma não a incluem.

*“Olha, às vezes eu acho que essas coisas vão precisar voltar. Esse mundo mais consumista, tudo muito rápido, eu acho que uma hora vai precisar parar. Porque não dá para sustentar isso por muito tempo. Essa exigência da produção a qualquer preço. Eu acho que em algum momento isso volta. A vida é cheia de ciclos, né? De idas e voltas. Então eu imagino, talvez daqui a um tempo, não sei se eu vou estar trabalhando até essa época. [pausa] Não, daqui a vinte anos vou. Mas eu acho que as pessoas vão ter que se tocar, entendeu? De que o mundo não é assim, de que a vida não é tão rápida, de prazeres tão curtos. Eu acredito que em algum momento vai ter que mudar essa história. E que o mundo não vai sustentar. A natureza não sustenta, (...) eu acho que talvez eles voltem a valorizar a experiência (...).”*

Quando pensa em seu próprio futuro profissional, ela fala da necessidade que o mundo impõe de revisitar seus próprios valores, de rever o seu caminho. Mas alerta para o fato que só consegue fazer aquilo que gosta. Então pensa em caminhos que estejam compreendidos nessa perspectiva, caminhos que permitam que ela continue fazendo o que gosta de fazer. Então a revisão de si mesma que propõe é colocada no sentido de encontrar uma relação entre o que é exigido de fora e o que lhe dá prazer. Novamente coloca como sente que precisa se preparar antes de poder mudar.

*“Desde que você se disponha a se rever (...) Mas eu acho que o que eu penso é que eu tenho que ficar sempre muito atenta às mudanças, buscar perceber as necessidades de fora, junto com as minhas sempre – eu não consigo fazer só aquilo que eu acho que o mundo precisa, tem que juntar com algo que me dê prazer (...). Eu só consigo fazer aquilo que eu gosto. Não só. Eu faço muita coisa que eu não gosto, mas o meu trabalho é algo que me dá muito prazer, então é bom ir trabalhar mesmo que eu não saiba muito bem como lidar com isso, tem um retorno do prazer mesmo. (...) Tenho pensado em outros caminhos que possam me ajudar nessa ampliação do que pode acontecer no mundo, sei lá. Eu tenho pensado em alternativas, tenho tentado*

*ver, mas ainda buscando base pra isso. Não arrisquei nada ainda. Primeiro eu preciso me preparar melhor pra alçar outros vôos, mas penso.”*

Iara coloca mais uma vez a questão de sentir que precisa se preparar antes de agir, aqui combinada à idéia de planejamento, de discussão e elaboração de uma possibilidade de caminho antes de efetuar a escolha. Coloca isso não apenas como uma necessidade, mas também a partir de um temor em relação a se arriscar, se lançar no incerto. Relata, neste mesmo trecho, uma experiência em que chegou a trabalhar fora da sua área, em um negócio familiar e que foi para ela desastrosa. Não gostava do que fazia, porque não sabia fazer e esse não saber não se apresentou como um desafio, como uma possibilidade, mas sim como uma barreira.

*“Eu não consigo fazer uma coisa que eu não me sinta segura pra fazer. (...) Eu discuto muito antes, tem uma coisa de ir atrás, aprofundar, antes de sair pondo a mão e fazendo de qualquer jeito, não me vejo fazendo de qualquer jeito. [Então tem um planejar, ponderar...] Tem. Tem um olhar também, eu tento ver onde mais eu posso entrar, o que mais eu posso fazer, que me dê prazer, que seja legal, que eu leve a psicologia junto, que eu goste de fazer. (...) Uma época abrimos um restaurante: um saco. Não era a minha vontade, mas acabei entrando por conjunturas e detestava aquilo(...). Fiz. Durante quatro anos, junto. (...) Eu gostava do meio de campo, de receber as pessoas, conversar, mas não tinha nada a ver com planejar cardápio. Primeiro que eu não sabia, não tem nada a ver. Mas fiz, porque tinha que fazer.”*

Ao falar do seu investimento em sua carreira, diz ter feito uma opção por investir na criação dos filhos. Com isso, teria deixado de investir, de criar dentro da sua atuação profissional. Mas também não coloca possibilidades mais flexíveis de carreira. A sua possibilidade de criação está ligada a um universo profissional restrito. Entende que faz bem o seu trabalho, mas fala dele como razoável, e traz como medida a permanência no mercado e não o reconhecimento. Se o seu sucesso não é maior, entende que é porque não investiu muito. O que traz embutida a idéia de se investisse mais, teria mais, o que pode nem sempre ser verdade.

*“Então eu tenho que ser criativa dentro daquilo que eu gosto de fazer, que eu sei fazer, que eu acho que eu faço razoavelmente, porque afinal eu estou aí no mercado faz um tempão e nunca passei por uma situação. E não investi*

*mais por opção. Porque eu quis investir nos meus filhos também. Eu jamais conseguiria delegar a maternidade, não dá. Adoro essa história. Curto, curti, enfim.”*

Por fim pondera sobre sua possibilidade de se adaptar a esse mundo de mudanças constantes. E, a partir da perspectiva de fazer sempre a mesma coisa, ter uma carreira previsível como na geração dos seus pais, coloca seu ponto de vista. O desafio não a assusta, o que a incomoda é a pressão e a exigência do mundo externo.

*“Começou e vai, está tudo certinho? Não. Eu gosto disso. O que eu não gosto é da pressão: tem que fazer no ritmo que o mundo exige de você. Isso me irrita. Mas a idéia do desafio me agrada.”*

### **c) O filho e sua geração**

Como é para o seu filho então, entrar nesse mundo do trabalho que aí está? Na mesma fala, Iara coloca a ausência de garantias do mundo para o filho que escolhe uma carreira, e a estabilidade da sua profissão. Interessante que o ao mesmo tempo em que o mundo está muito mais complicado que antes, para os psicólogos ainda há muito espaço para abrir. Como se, de certa forma, para a psicologia, se o profissional não parar de estudar, se cultivar sua rede de contatos, há uma estabilidade a ser alcançada.

*“Eu estava falando do que eu acho que hoje as coisas estão muito mais difíceis. Eu ainda acho que pros psicólogos ainda tem muito espaço pra abrir. (...) eu penso no meu filho nessa hora dele escolher, quê que ele pode escolher que dê garantia? Nenhuma. Não tem nada que é certo que ele vai conseguir um espaço. Eu acho que hoje está muito mais complicado. Pra mim eu ainda acho que eu estou mais ou menos estabilizada, se eu não parar, se eu não deixar de fazer os meus contatos, a minha rede, deixar de estudar. Isso não dá pra fazer mesmo. (...) Os psicólogos têm ainda essa vantagem, não estão fora do mercado porque estão ficando mais velhos. (...) eu acho muito mais complicado hoje do que era antes, vinte e cinco anos atrás, por exemplo. Acho bem mais difícil.”*

O que torna então a escolha profissional do jovem de hoje mais difícil é a questão que aqui se aprofunda. Os valores de hoje e o ritmo do mundo são outros. E é o filho quem traz a

preocupação com o ganho financeiro. O que ele não sabe é se ele vai conseguir se sustentar e como vai fazê-lo e não tem nenhum modelo que lhe dê alguma garantia. Se puder ficar rico, então talvez na riqueza resida a garantia que busca. Ou uma solução mágica para um futuro sem respostas.

Iara questiona se conseguiu transmitir ao filho outros valores que não os pautados pela necessidade de consumo. E apresenta, numa brincadeira, uma perspectiva de futuro, de certa forma, bastante sombria.

*“[Hoje] eu acho que a escolha profissional é mais difícil. Primeiro porque eu acho que tem muitos valores hoje de status, de dinheiro, que na verdade na minha época – não sei se eu vivi em um outro mundo – mas que eu não dava tanta importância. Eu pensava muito mais na realização profissional. Que é o que eu tento discutir com ele [o filho] o tempo inteiro: ‘O que você gosta de fazer? Pra onde você quer ir? Tente fazer uma coisa que você goste.’ Mas ele tem muito essa história: ‘Mas isso aí como é que eu vou fazer? Eu vou conseguir ficar rico?’ e eu digo ‘Eu não sei. Mas você tem que fazer uma coisa que você goste. Se você vai ficar rico ou se você não vai ficar rico eu realmente não sei. Mas eu não acho isso o mais importante.’ Agora eu vejo que esse mundo cobra. É muito mais consumista hoje, cobram dele muito mais coisas. Eu não sei se a gente acabou mostrando um mundo muito diferente, não sei. Porque eu não fui formada assim. Não vim de uma família rica, eu aprendi a me virar e tenho outros valores. Ele às vezes se cobra isso: ‘Ah, mas eu vou fazer e eu vou conseguir me sustentar?’ Eu acho até que vai, mas não talvez com um ‘padrão’ [faz um gesto de aumento com as mãos]. Ele falou: ‘Eu queria escolher uma profissão que eu ficasse muito rico.’ Eu falei: ‘Só se você for traficante hoje em dia. Porque é o que tem garantia que você vai ficar rico, porque fora isso...’”*

O que é esse mundo sem garantias? Esse mundo em que as regras são outras? Talvez as perspectivas não sejam as mesmas e a possibilidade de viver sem garantias não se coloque como possível para Iara. Os filhos não sabem como ela fazia para se comunicar. Ela não sabe como se movimentar nesse mundo de hoje. Não entende as tecnologias, brinca, durante a entrevista que os filhos precisam explicar diversas vezes como mexer no computador. Que eles são das tecnologias e ela não. Ela entende que agora há muitas opções, muitos caminhos e isso torna as perspectivas muito mais complicadas, no seu entender.

*“Não tinha nada disso, não tinha celular, não tinha nada. E que a gente vivia de um outro jeito. (...) Mas eles não conseguem entender esse mundo como funcionava. Agora o que eu vejo é que hoje tem muita gente. Então é muita gente procurando trabalho, é muita gente prestando vestibular, é muita gente, muito. Ele fala: ‘A nota do vestibular na sua época era mais fácil’. Eu acho que não era, é que hoje tem muito mais faculdade pra tudo, é tudo muito, mega, e isso eu acho muito complicado, muito.”*

O mundo, como o apresenta Iara, traz mais pressão, impõe mais o seu ritmo. Mas também traz mais oportunidades. É mais difícil, mas pode ser mais interessante.

*“Eu ouço às vezes amigos, tem uma pressão: ‘o que você vai fazer, como você vai se sustentar, quando que você vai?’ Eu ainda acho que ele [Igor] tem que escolher algo que dê prazer, (...) e vai ter energia pra descobrir um caminho pra se sustentar a partir daí. Por outro lado, tem muitas oportunidades. Têm muitas coisas, profissões novas surgindo, o que eu acho muito legal, muito legal. O que não tinha na minha época, então era aquela coisa mais fácil, entendeu? Hoje eu ouço falar de umas profissões que eu penso ‘gente, o que será que faz?’ e que estão sendo supervalorizadas. Na minha época fazer alguma coisa ligada com turismo, hotelaria, era uma coisa muito menor. E hoje eu vejo, nossa, o pessoal fazendo mil coisas nessa linha, gastronomia, imagina, não tinha nada disso. Então eu acho que eles têm muitas oportunidades, eu acho até que eles se perdem diante dessas oportunidades e acabam ficando no tradicional e olham pouco para o resto. Mas se eles souberem achar esses outros caminhos, vai ser bem legal, porque tem muita gente.”*

Nessa perspectiva, Iara pondera a respeito das habilidades que Igor precisaria desenvolver para poder participar dessa realidade profissional que se apresenta. Coloca que ele precisa ampliar a sua visão de mundo.

*“Eu acho que ele precisa aprender a olhar pro mundo. Não dá pra ficar fora. Isso até que eu falo, eu reclamo da internet, das coisas, mas eu acho que ele precisa... eu acho que quem vive coisas, tem mais experiências de vida mesmo: viagem, leitura, cinema, teatro, independente do que for fazer, acho que isso dá mais recursos pra ficar no mundo hoje pra poder fazer uma*

*escolha legal, pra ser escolhido pelo mercado. (...) Eu acho que hoje, conhecer outras pessoas, conhecer outras coisas, olhar mesmo o que o mundo oferece, eu acho que isso eles precisam desenvolver muito, porque eu acho que é isso o que dá a base não só para uma escolha profissional, mas pra conseguir se dar bem profissionalmente. Não dá pra ficar só no seu mundinho quadrado.”*

Na outra extremidade, Igor, aos olhos da mãe, tem, como qualidade, a capacidade de observar o mundo.

*“[Ele tem] a observação do mundo. Ele observa o mundo com uma capacidade. É impressionante a capacidade que ele tem de perceber as coisas que estão em volta. E essa energia, ele sempre foi um cara muito [faz um gesto agitando as mãos], ele não é parado. Então se ele puder usar tudo isso: essa capacidade de observar o mundo, de sacar as pessoas, porque ele faz isso superbem, e puder se movimentar, porque ele é um cara do movimento, eu acho que ele fica bem. Ele precisa só dar ouvidos pra isso, porque às vezes ele não dá. Ele vira e fala ‘Ai’ e se acomoda. Mas eu acho que quando ele se acomoda ele se frustra.”*

Iara vê que seu filho pode dar conta de entrar nesse mundo que ela apresenta, mesmo com todas as dificuldades que este impõe. Mas, para poder entrar, é preciso coragem.

*“Eu acho que sim, [ele consegue entrar nesse mundo do trabalho]. Só ele ter coragem de encarar essas mudanças. Porque ele tem essa curiosidade pra vida, que eu acho que é fundamental. Ele é um cara curioso, assim, do mundo. Mas é que às vezes ele tende a ficar só, ele arrisca pouco fora do ambiente que ele conhece, eu acho que ele precisaria arriscar um pouco mais.”*

Iara entende, por outro lado, que para a sua geração entrar no mundo profissional seria, e é, mais difícil. Que os jovens têm vantagens sobre quem é da sua geração. Aponta ainda para uma questão muito próxima à sua história, o desemprego. Iara viveu o desemprego do marido de perto, mais de uma vez.

*“Eu acho que é porque o mundo pra eles já foi diferente, mais cheio de estímulos. Então eu acho que é só pensar em como se procurava trabalho na minha época, você mandava o currículo, olhava no jornal as empresas e*

*mandava o currículo praquelas empresas. Hoje? Ninguém procura emprego no jornal, né? (...) Então eu acho que é completamente diferente e eu não sei se o pessoal da minha geração conseguiria, se fosse pegar lá e colocar aqui, se saberia fazer isso. Achar um outro meio, essa questão da troca, de falar pras pessoas. Às vezes as pessoas não comentavam que estavam desempregadas, porque era vergonha. (...) Imagina, estar desempregado era sinal de que era incompetente, foi mandado embora porque fez alguma coisa errada e às vezes não tem nada a ver, a empresa corta, enfim. (...) Eu acho que seria muito mais difícil isso. Eu acho que eles têm isso hoje, a rede de contatos deles hoje é impressionante. (...) O mundo é mais aberto.”*

## **1.2.Sérgio**

### **a) Trajetória profissional**

Sérgio tem quarenta e oito anos, é engenheiro mecânico. É o que se chamaria atualmente de um engenheiro tecnólogo, para diferenciá-lo dos engenheiros-administradores. Fez sua trajetória profissional dentro da área de projetos de máquinas nas empresas em que trabalhou. Passou por algumas transições na sua carreira, incluindo períodos de desemprego. Tem um histórico de atualização constante de conhecimento e busca um espaço para sobreviver sendo um especialista em um universo corporativo cada vez mais multiprofissional.

Sua escolha por engenharia vem da profissão do seu pai, engenheiro civil. Sua paixão por carros e motores fez com que optasse, já na faculdade, pela área da mecânica, contrariando o sonho de seu pai de vê-lo seguindo sua carreira. Conta ter enfrentado resistência por parte do pai, mas que aos poucos foi vencida. Contudo, entende que seu pai tinha sim, um sonho que se frustrou.

*“Mas não foi fácil enfrentar meu pai nessa história. Ele queria que eu fizesse civil de qualquer jeito. (...) Mas, no fim, depois ele aceitou sem problemas. (...) eu prefiro mecânica mesmo. Eu estou feliz com o que eu faço.”*

Iniciou sua carreira profissional fazendo um estágio de um mês ainda na faculdade, tendo sido essa sua única experiência profissional nesse período, o que hoje lamenta. Fala que o filho também aventou a possibilidade de trabalhar, mas que não vingou. Entende que o filho, como ele, se acomodou. Cobra dos pais, de certa forma o incentivo que poderia tê-lo feito trabalhar, mas não vê que faz o mesmo com o filho.

*“Eu até me arrependo um pouco disso, acho que eu deveria ter feito alguma coisa. Meus pais nunca estimularam muito (...) e eu também fiquei acho que acomodado. Criança, moleque, você não está muito a fim de nada sério. (...) eu acho que as pessoas, a molecada quando vai trabalhar, eu acho que é a necessidade. Se tiver a condição financeira, acho que prefere estudar e ficar numa boa. (...) Eu acho que com a cabeça que eu tenho hoje, eu teria feito qualquer coisa que fosse. Nem que fosse balconista, pra ter uma experiência, um dinheirinho seu, acho que valeria a pena.”*

Quando terminou a faculdade, Sérgio passou oito meses procurando emprego até encontrar uma empresa para trabalhar. Na verdade, encontrou duas. Na primeira, em uma cidade da grande São Paulo, ficou uma semana, quando foi chamado para outra, mais perto de casa e em uma área que lhe interessava mais. Ficou nessa empresa por quatro anos. Ali descobriu a área em que gostaria de trabalhar e na qual ainda trabalha.

*“Aí que eu me achei. (...) Na área de projetos. E fiquei até hoje. Não saí mais da área de projetos. Então tem praticamente (...) vinte e dois anos que eu trabalho em projetos. Já em outras empresas, com vários tipos de projetos diferentes, mas sempre na área de engenharia.”*

Saiu dessa empresa para ganhar um salário melhor. Encontrou uma empresa que pagava cinquenta por cento a mais e mudou. Ainda que a escolha tenha sido boa, Sérgio a fez em um momento de mudança de governo e de grande instabilidade econômica, sem levar esse contexto maior em conta. Não teve o *timing* para a mudança. A empresa entrou em crise e fez um corte grande de funcionários. A área que havia sido criada, da qual Sérgio fazia parte, foi eliminada e com ela todos os funcionários contratados. Então, seis meses depois de contratado, foi dispensado.

Mais uma vez viu-se procurando emprego. Procurava, como havia feito ao sair da faculdade, em classificados de jornais. Levou seu currículo nos consulados e câmaras de

comércio. Em dois meses havia se reempregado novamente. Mas em uma empresa na qual não queria ficar.

*“Aí consegui na [empresa], mas foi terrível. Foi a pior experiência da minha vida, o gerente que trabalhava lá era péssimo, de relacionamento. Fiquei lá acho que dois, três meses e saí. (...). Ai apareceu uma outra oportunidade porque [ali] não dava mais (...). Na verdade eu já estava decidindo sair, mesmo sem ter outro lugar.”*

Foi chamado para outra empresa, para ser supervisor da área da engenharia, e ficou lá por dez anos. Chegou a ter quarenta pessoas sob o seu comando. Fez uma especialização em administração na esperança de ser promovido. Mas entende que em um certo momento, devia ter tomado outro rumo na sua carreira, mas não o fez. Considera que cometeu um erro, que o levou a permanecer na empresa por mais tempo do que seria salutar.

*“Agora acho que aí que eu cometi um erro profissional. Porque quando eu entrei nessa empresa e percebi que ia ser supervisor, num cargo de liderança, foi muito bom. Falei: bom, então eu fico uns três anos, com essa experiência de liderança eu já posso procurar um emprego, procurar uma outra oportunidade pra líder, ser gerente, supervisor, uma coisa assim. Mas eu sempre fiquei com a impressão que eu podia chegar mais longe na empresa e fiquei perseguindo esse objetivo que nunca chegou e no fim eu fiquei dez anos. (...) aí tem uma coisa meio política lá. Eu nunca consegui convencer meu diretor, (...) mostrar meu potencial pra ele (...). E no fim das contas ele acabou até me mandando embora. Depois de dez anos, ele achou que eu era o problema. Porque tinha umas coisas que não andavam lá e eu tentava mostrar que o problema não era eu (...).”*

O interessante é que Sérgio detectou o conflito cedo, mas mesmo assim, permaneceu na empresa, sem ser capaz de solucioná-lo, ao contrário, tornando-o ainda maior. Sua insistência em permanecer na empresa, mesmo em uma situação de conflito que não se alterava, denota uma postura passiva em relação às decisões que toma na sua carreira. Esperou por dez anos que o seu superior mudasse, ao invés de mudar ele mesmo.

*“Eu queria que [o diretor] percebesse o quanto ele tinha influência nesse grupo. Então não adiantava ele passar pra mim uma liderança, se eu falava uma coisa pro rapaz e ele falava outra (...). Então eu tentei mostrar pra ele*

*isso, 'o que eles falam pra você, é diferente do que eles falam pra mim. Então eu venho aqui com uma informação pra você, que você não fica satisfeito e você vai no cara. E aí pra te deixar feliz ele fala o que você quer ouvir. E você fica se enganando'. (...) Mas ele não aceitou."*

Ainda que estivesse bastante insatisfeito, ele não esperava ser mandado embora, mesmo sabendo da situação de conflito em que se encontrava. Conta ter sido surpreendido com a notícia. Agora tinha dois filhos, com quarenta anos de idade, em uma situação muito mais complicada que anteriormente. Relata ter vivido com certa tranquilidade na época o desemprego, que a noção da gravidade do que viveu veio depois.

Durante os nove meses de desemprego, Sérgio ocupou-se de diversas maneiras. Procurava emprego sistematicamente nos jornais, acionou um serviço de recolocação e começou a estudar a possibilidade de montar um negócio próprio. Chegou a conhecer por três meses uma empresa em que havia a proposta para ser sócio, mas não se entendeu com a pessoa com quem iria fazer sociedade e achou melhor não ir. No dia a dia, fora o período em que “trabalhou”<sup>6</sup> na empresa em que prospectava sociedade, buscava se ocupar de diferentes maneiras. O apoio familiar foi fundamental para poder passar por esse período.

*“Eu lia, me informava bastante. Via um pouco de TV. Arrumava coisa pra ler. Pensava em arrumar negócio próprio, então ia pesquisar, ver o que é, fui ver franquias. Até que foi bom porque foi um aprendizado, fui ver como é comércio, eu comecei a ter alguma visão melhor, porque eu não sabia nada, (...) então foi bom. Mas eu me ocupei mais ou menos assim, buscando coisas próprias. Jogando pra todo lado. Mas tinha dias que eu não fazia nada, ficava em casa, ajudando em casa, coisa assim. A Iara me deu toda a força. Ela disse que eu não deixei a peteca cair, mas eu acho que ela ajudou muito a não deixar a peteca cair.”*

Reempregou-se em uma empresa grande, multinacional da área de automação e energia, na área de petróleo e gás. Menos de um ano depois de entrar, a empresa entrou em uma crise mundial e vendeu a divisão de petróleo para um grupo de investidores.

*“Foi péssimo essa época porque um grupo de bancos quer um resultado financeiro só, não quer saber de mais nada, então a empresa ficou estagnada*

---

<sup>6</sup> Aqui a palavra trabalho está entre aspas, pois durante o período de prospecção, ainda que o entrevistado fosse todos os dias para a empresa, e de fato exercesse lá algumas tarefas, seu intuito era o de conhecer o negócio e não o de oferecer seu serviço ou sua força de trabalho em troca de pagamento.

*no sentido de investimento profissional, investimento pessoal, maquinário, tudo praticamente estagnou.”*

Construíram uma sede própria e a empresa foi comprada por outra multinacional.

*“Então assim, é interessante que nesses oito anos que eu estou lá eu já trabalhei em três empresas sem mudar de emprego. E sempre na área de projetos.”*

Trabalhar na área técnica por tanto tempo, ainda que seja o que Sérgio realmente gosta de fazer, tem trazido conflitos para suas perspectivas de carreira. Dentro das empresas, as carreiras técnicas, os especialistas vêm desaparecendo, dando lugar às carreiras administrativas. Ou seja, em boa parte das empresas a ascensão profissional se dá através da área administrativa, e não técnica. Além disso, Sérgio tem um modelo de carreira tradicional, em que espera da empresa as diretrizes para então seguir um caminho.

*“Aí eu fico dividido pelo seguinte: (...) eu não fui pra área administrativa porque eu não me sinto preparado pra isso, então me acomodo e me defendo dizendo que eu gosto de engenharia de projetos, ou eu gosto de engenharia de projetos mesmo e por isso que eu não vou pra área administrativa? Eu não consegui definir ainda muito bem essas coisas. Na verdade eu gostaria de juntar as duas e acho que existem algumas possibilidades disso acontecer.”*

Mas, já na empresa atual, Sérgio começou a perceber algumas questões com relação à sua carreira e ao ambiente empresarial. Coloca as oportunidades não como coisas que não agarrou, mas sim como coisas para as quais não foi aproveitado. Ou seja, coloca nas mãos da empresa as decisões pela sua carreira. Espera ser chamado, mas não chama para si a oportunidade.

*“Aconteceram algumas oportunidades lá e infelizmente em nenhuma delas eu fui aproveitado e é isso que eu estou nessa crise, agora. Por causa disso. Porque várias pessoas que estavam no meu grupo (...) foram aproveitadas em outras oportunidades e eu fiquei lá, fui sobrando. Estou parado no mesmo lugar.”*

E não parece saber bem como sair dele. Para Sérgio, ele faz tudo o que precisa para ser promovido, mas não consegue. Não tem o jogo de cintura necessário para poder perceber o que está sendo pedido para o profissional ideal para um determinado cargo. Como

aconteceu na última empresa na qual trabalhou, não considerou que entrar em conflito direto com seu chefe traria uma grande chance de perder seu emprego. Agora, fala de não saber o porquê de não ter sido aproveitado nas oportunidades que surgiram. E mais uma vez, está buscando fazer uma especialização fora para poder ter mais chances na empresa. Fez sua escolha de curso baseado em uma conversa que teve com seu gerente.

*“(...) eu falei: bom, vou tentar juntar com a empresa, o que ela está querendo de mim. Aí eu fui conversar com o meu gerente. Falei: estou com dinheiro, quero investir num curso, numa formação e eu quero saber o que a empresa quer. Se ela precisa de mim na área técnica, eu me preparo pra ser coordenador técnico, por exemplo, da área. (...) E aí eu, com essa conversa que eu tive como gerente, acabei optando pela engenharia de petróleo e gás.”*

Pela sua fala, a sua decisão parece ter sido tomada pela lógica da recompensa. Como se ao fazer o que a empresa, representada pelo seu gerente, quer, ou diz querer, obteria uma oportunidade. Podemos considerar que Sérgio não sofre apenas as consequências de ser um especialista em um mundo generalista, mas também de não possuir as habilidades de mobilidade e jogo de cintura necessários para sobreviver profissionalmente.

Porém, sua persistência e perseverança, além da sua competência como engenheiro de projetos, são notáveis. Ele continua buscando uma forma de permanecer no mercado e de desenvolver-se nas áreas em que se considera necessário. Coloca-se aberto a ouvir do outro uma opinião, para verificar a sua própria. Mas não parece compreender o que faz com que um profissional seja promovido e outro não. Aqui ele relata uma situação em que pode trazer apenas a compreensão de um lado da questão. Como se não considerasse o todo, as forças políticas e interesses do contexto em que se encontra inserido.

*“(...) o coordenador da minha área me chamou e falou: ‘olha, eu não estou me achando aqui, eu não estou contente (...) e eu queria saber se eu posso indicar como meu substituto.’ E eu falei: ‘Claro. É o que eu estou perseguindo há bastante tempo.’ E várias vezes ele falou pra mim: ‘você tem o perfil’. Porque lá o coordenador de engenharia é o que eles chamam de 80/20. 80% técnico, 20% administração. Era o que eu realmente queria, então estava indo bem. Aí um dia ele me chamou inclusive, conversou comigo dessa forma, como se eu fosse o substituto natural dele. Passaram duas semanas, esse rapaz que tinha ido pra engenharia de pré-vendas foi escolhido coordenador e não eu.”*

Atualmente, Sérgio está treinando uma equipe nova de engenheiros. Disse gostar de trabalhar com pessoas mais novas e menos experientes e exemplificou isso a partir da vivência que teve coordenando o trabalho de uma estagiária na empresa anterior. No início estranhou os questionamentos dela, mas compreendeu a importância da troca que podia viver. Que ele podia aprender com ela também. Que a combinação da ousadia do novo com a experiência e o pé no chão do mais experiente é fundamental para uma equipe.

Mas na equipe nova, vem lidando com um ritmo de ascensão de carreira com o qual não está acostumado e em uma situação na qual não se sente hábil para contornar. Um dos engenheiros novatos que está treinando se mostrou bastante ambicioso, buscando espaço e uma ascensão rápida, de forma mais agressiva. Aqui Sérgio coloca sua preocupação e também sua percepção de que não se sente capaz de dar conta da investida do novato.

*“Então na verdade ele quer entrar em muita coisa que eu acho que ele não devia estar entrando. Está querendo pegar espaço que não é dele. Isso que me preocupa. Depende de como ele conseguir vender isso, se ele for melhor vendedor do que eu, o que não é difícil, porque (...) eu me considero um péssimo vendedor de mim mesmo, ele vai seduzir os gerentes e eu posso de novo perder uma oportunidade (...).”*

Então o novo engenheiro não é aquele que assume uma postura agressiva com relação à sua carreira em um mercado competitivo, mas alguém que quer tomar o que não é dele e que seduz, como quem toma as decisões. A preocupação de Sérgio tem fundamento, mas não só porque o colega é agressivo, mas também porque ele é passivo.

*“(...)tem que ir atrás. Esse foi um erro também que eu cometi. Não aprendi (...) na [empresa] eu era passivo. Achei que com o meu trabalho eu ia ser reconhecido. Que a empresa ia chegar: toma a sua promoção, toma seu aumento. E cheguei à conclusão que não é assim. Se você não for atrás, ninguém vai te dar nada. Você tem que ir lá: ó, seguinte, eu quero ganhar tanto. Se vocês acham que vale, que eu valho isso, então me pague, porque senão eu vou buscar no mercado. Não é com esses termos, claro, mas é uma negociação nesse sentido. E tem que ir. Se você ficar lá parado esperando, não vai chegar.”*

Faz críticas à maneira como as empresas tendem a valorizar diplomas e não a experiência. Mostra como vê que um profissional recém-formado que faz um MBA e já quer

assumir uma posição de liderança acaba trazendo problemas para a empresa. Quando falou de MBA, deu seu próprio exemplo. Da primeira vez que entrou em um curso não tinha muita experiência profissional. Quando retornou cinco anos depois, sentiu que pôde aproveitar muito mais. Que esse conhecimento faz mais sentido se for combinado com a vivência profissional.

Também traz o conflito entre o pensamento técnico e o administrativo e o valor que é dado ao trabalho administrativo nas empresas. Que o valor do trabalho técnico não vem sendo reconhecido pelo mercado, obrigando, muitas vezes, esse profissional a não conseguir fazer bem o seu trabalho.

*“Eu acho que (...) o chefe total é o resultado financeiro. Então você começa até a deixar a qualidade do produto de lado pra poder entregar no prazo e fazer o resultado que você tem que mostrar.”*

No futuro, com a perspectiva da revalorização do engenheiro tecnólogo, principalmente na área que trabalha, de petróleo e gás, ele entende que terá boas chances. Mesmo dizendo que o conhecimento técnico não tem sido reconhecido, vem se preparando para obter o conhecimento técnico necessário.

*“Eu acho que valorizando de novo a experiência, o técnico, tal, eu acho que vai ser bom. Pensando nisso que eu estou fazendo esse curso de pós que ainda, primeiramente é um curso técnico. Estou justamente achando que tendo essa experiência, essa preparação, eu espero me manter no mercado por vários anos. Petróleo e gás eu acho que é um mercado que vale a pena e eu não queria mais sair desse mercado. (...) nessa pós que eu estou fazendo, quem trabalha diretamente com exploração de petróleo, só eu. (...) Então já é um diferencial. Não é todo mundo que tem esse conhecimento, já é um diferencial. Então faça a pós, que você vai ficar igual a eles com um diferencial de ter o conhecimento específico. Eu acho que o mercado é promissor, eu estou me preparando.”*

#### **b) O filho e o futuro.**

Quando pensa no mercado de trabalho, Sérgio coloca como negativa a necessidade de titularização pedida pelas empresas.

*“(...) Difícil dizer. Acho que negativo essa necessidade de ter que se diferenciar sempre. Em títulos e não em competência. Isso eu acho que é um ponto negativo. Eu vejo isso lá na [empresa]. O importante lá não é ser bom, é você ter títulos. Se você fez MBA, se você faz inglês. (...) acho que fica uma coisa tão competitiva, você não pode descansar, parece. Sempre tem que correr atrás pra se manter na frente de todo mundo, acho que isso acaba ficando muito estressante e é uma desvantagem.”*

Em compensação, quem é mais novo tem mais facilidade para compreender o movimento do mundo. E percebe o seu próprio movimento de acomodação.

*“Acho que sim, acho que tem mais pique. Primeiro percebem mais às vezes as coisas. A gente, acho, que vai ficando mais velho, vai se acomodando um pouco. Natural. Você procura não se acomodar, mas você não tem mais o mesmo pique de quando você era moleque. Então eu acho que eles estão mais antenados. O que precisa fazer pra se manter empregável, competitivo. Mas eu acho que essa competição de se manter o tempo todo diferente do outro, acho que isso é negativo.”*

O mundo que Sérgio apresenta não parece ter um parâmetro, uma referência externa e ele mesmo se sente perdido sem saber como navegar por essa nova lógica. Sendo assim, a orientação do filho no seu processo de escolha torna-se uma tarefa impossível. Fala de um filho acomodado, mas pondera se não deveria permitir que ele adie mais um pouco a sua escolha. Como quem colabora para a moratória da adolescência do filho, percebe o movimento do filho, que ele entrega os pontos e não tem garra pra vencer a dificuldade, mas também não se vê, como seu pai, apto a ajudá-lo.

*“Começar a trabalhar hoje acho que é difícil. Eu acho que primeiro [o Igor] precisa decidir o que ele (...) quer fazer. Eu não falo, tento não influenciar, mas eu acho que ainda falta muito, não sei se não é exigir demais. Falta maturidade, acho. Acho ele muito tranquilo, muito acomodado, acho que falta um pouco mais de iniciava, um pouco de garra. Mas também, com 17 anos será que a gente pode exigir esse tipo de comportamento? Será que não é hora dele ficar assim como ele está, desenganado, e começar a se preocupar com isso daqui a uns dois anos. Mas de característica dele, eu acho que falta um pouco de garra. Um pouco de batalhar pelo que ele está perdendo. Então, na escola, por exemplo, ele repetiu de ano uma vez e as notas caindo, caindo e em vez dele ir lá buscar pra reverter a*

*situação, ele entregou. Ele deixou a coisa ir. No basquete aconteceu a mesma coisa. Ele começou a perder, no basquete [mostra com as mãos uma base ampla] começa aqui em baixo e vai fechando cada vez mais, então você tem que ir tentando se aprimorar. E ele percebendo que a coisa estava ficando ruim, ele não foi batalhando pra ir melhorando pra conseguir fechar um lugar. Ele foi deixando a coisa acontecer. Ele é muito passivo pra essas situações de dificuldade. Isso me preocupa. Isso realmente me preocupa. Eu queria tentar fazer ele mudar. Mas eu não sei, não sei como é que faz isso.”*

Vê como qualidade do filho a sua capacidade de se relacionar, como uma ferramenta importante nos dias de hoje. O próprio Sérgio fala de ter se afastado dos amigos e de não ter cultivado os relacionamentos fora do ambiente de trabalho, o que é uma questão na sua carreira hoje.

*“Ele é um cara que se relaciona muito bem. Tem muito amigo, é querido por todos. Eu não sei nem se ele percebe isso, mas ele é um cara querido pelos amigos. E acho que isso é um ponto positivo. Ele não vai ser um cara com dificuldade de se relacionar no ambiente de trabalho. Isso é um ponto bom.”*

Com relação à escolha do filho, ele vê sua paixão pelo esporte e entende que o filho deveria seguir esse caminho. Conta que teve também uma paixão quando ainda adolescente e queria ser piloto de kart. Com quinze anos queria que seu pai lhe comprasse um kart para poder correr e se diz frustrado até hoje por não ter seguido seguir esse sonho.

*“Eu acho assim, particularmente eu acho que a escolha pra ele podia ser alguma coisa ligada com esporte. Ele gosta muito de esporte. Ele gostava muito de basquete. Gosta de basquete. Gostava de praticar basquete. Agora o futebol. Então eu acho que poderia ser uma escolha pra ele. Educação física, ou alguma coisa que ele já falou, por exemplo, jornalismo. Pensou em fazer jornalismo, depois fazer uma especialidade esportiva.*

### 1.3.Igor

#### a) A escolha por uma carreira

Igor completava, à época da entrevista, dezessete anos. Cursava o segundo ano do ensino médio em um colégio de classe média na mesma região da cidade onde mora. Havia estudado até o primeiro ano em uma escola conhecida como uma das mais tradicionais da cidade, onde era bolsista. Saiu por ter repetido o primeiro ano. Define assim sua saída:

*“[Quando] repeti (...) meus pais queriam um colégio que tivesse uma visão mais individualista. Porque (...) eu era só mais um na multidão. E eles queriam um colégio em que me vissem mais como o Igor e não como mais um aluno, entendeu? (...) Eu gosto, tem mais meu estilo que um colégio mais convencional. Eu não sou muito convencional. (...) eu achava que [na escola anterior] tinha muito exagero com essas coisas de disciplina e eu acho que eu não me dava muito bem com isso.”*

Igor diz-se ainda muito indeciso com relação à sua escolha profissional, ainda que esteja certo de que seu caminho para o mercado de trabalho passe por cursar uma faculdade. Quando iniciou o processo de se aproximar da escolha profissional no final do ano anterior, tinha como possibilidades educação física, jornalismo e, por último, psicologia. Diz pender mais para essa última escolha, mas se percebe ainda muito indeciso.

Com relação ao que o chamava para a educação física e ele contou que jogava basquete, como federado, até o ano anterior. Mas foi cortado do time. Aqui ele relata, ainda com bastante pesar, o ocorrido.

*“Eu adorava, adorava. Era a paixão da minha vida (...) só que eu parei de jogar esse ano. [Por que?] Porque, [pausa] porque eu fui cortado do time. Chegaram três seleções brasileiras pra jogar. Três seleções brasileiras! Aí eu fui mandado embora e o único time que tinha pra jogar aqui em São Paulo (...) é muito longe da minha casa e eu já estava mais querendo me voltar para o estudo porque eu não queria virar jogador. Não tinha condições.”*

Logo depois, procura mostrar que talvez ele mesmo não quisesse mais jogar. Como se não tivesse sido cortado, mas sim tivesse parado voluntariamente de jogar.

*“(...) Habilidade, se eu treinar, eu consigo. Mas eu não tenho altura, e também aqui no Brasil é muito difícil ser jogador (...). É muito ruim, porque você ganha um salário mínimo durante onze meses e tem que sobreviver o resto da vida inteira. (...) Aí eu falei: é melhor parar. Eu precisava ser cem por cento basquete. A semana seria cem por cento basquete, mas não dá. Não dá pra esquecer totalmente a escola. Ano passado tinha dias que eu treinava das três até as nove e meia da noite. Perdia todo o dia. Chegava em casa cansado, muito cansado e nem estudava. Chegava, jantava e ia dormir. Aí, não dá, não dá.”*

Mas insistindo no tema, o sonho inicial relacionado a essa escolha profissional pode aparecer, bem como a frustração que se seguiu.

*“(...) eu vivia pro basquete, entendeu? Eu não estava nem pensando em qual profissão seguir. (...) Eu queria ser jogador [pausa]. Meu sonho: ser jogador da NBA e depois me aposentar e virar técnico de basquete. Era o meu sonho, eu achava que ia ser isso, era a minha meta. (...) Estava na sétima, oitava série, porque (...) eu era um dos destaques, eu jogava pra caramba. E meu sonho era esse.”*

De alguma maneira, Igor buscou, então, uma escolha reparadora: estudar jornalismo para ser jornalista esportivo. Como gosta de outros esportes além do basquete, ele acompanha não só as competições, como também os programas jornalísticos, matérias e blogs sobre o assunto. Entendeu que ser comentarista seria também uma opção interessante, uma vez que poderia manter-se ligado ao esporte de alguma maneira. Mas deparou-se com outro obstáculo. Ele queria ser jornalista, mas não gostava de escrever. Além disso, acha que escreve mal. Aqui, Igor volta a colocar a dificuldade como um obstáculo intransponível. Não se aproxima da questão para saber o que da sua fantasia se confirma na realidade.

*“É, eu escrevo meio mal e também não curto mesmo. Não acho legal ficar escrevendo, escrevendo. [E contar uma história?] Contar uma história sim, falando. Só que escrevendo é difícil. Mas também, não sei porque eu desisti de jornalismo. Acho que eu dei uma desanimada, também.”*

Recentemente ele vinha pensando em cursar psicologia. Uma área conhecida, uma vez que tem alguns familiares próximos que são psicólogos: sua mãe, dois tios, uma prima

que terminou a faculdade e outra tia que é psicopedagoga. A possibilidade de enveredar pela psicologia esportiva, conciliaria os dois interesses.

*“Aí psicologia, porque eu sempre curti essa idéia de psicologia. De entender a mente, essas coisas. E minha mãe é psicóloga. E eu também queria ir para a psicologia esportiva, que é uma área bem legal, que eu acho legal. (...) Eu acho que aí, por não ser uma área muito concorrida, acho que ia ser mais fácil de me destacar.”*

Entende que o tempo passou muito rápido, que a necessidade de escolher uma profissão está muito próxima e isso o assusta. Não se sente preparado. Fala também de colegas seus que estão no terceiro ano do Ensino Médio e já estão tendo que escolher e acha bom o fato de ter, de certa forma, ganho um ano para poder pensar melhor. Pensa também em fazer intercâmbio quando a escola acabar e se preparar para o vestibular no semestre seguinte, apenas.

*“É assustador um pouco. Passou o tempo muito rápido. Eu não imaginava que ia ser em dois anos. Que eu ia já estar fazendo faculdade... É assustador. Isso me deixa tipo: nossa, já?”*

Com relação a o que seria que o profissional dessas três áreas faz, como seria ser um psicólogo, um jornalista ou um educador físico ou técnico, Igor trouxe uma preocupação quanto à rotina de trabalho de cada um. E, principalmente, à pressão que cada profissional sofre no seu dia a dia. Com relação a ser técnico, ele deu como exemplo os técnicos que ele conheceu nos seus tempos de jogador. Ao mostrar como entende que seria a rotina deles, apontou para o dois pontos importantes. A falta de tempo para a família e a pressão que sofrem.

*“Então, esse é um dos meus pontos pra eu desistir da idéia de ser técnico, também. Acho que o jeito como eles vivem, eles perdem muito a família, essas coisas. Eu via isso pelos meus técnicos, meu técnico o ano passado marcou treino no Dia das Crianças, com a filha dele pequenininha! (...) Eles perdiam o final de semana. Às vezes eles saíam pra jogar sábado em São José com o meu time, então tinha que viajar. E voltava, aí jogava no domingo em outro lugar. (...)o cara tinha que ficar com a gente até as nove da noite e de manhã já era professor de educação física de academia. Ele quase nunca ficava em casa. Eu acho isso loucura fazer. Acho que tem que ter um tempo pra você*

*ficar em casa, pra sua família, pros seus filhos. É muito exagero. Tem que fazer, mas acho que é demais. [Você acha que ele faz isso tudo, por quê?] Porque você tem que treinar. Porque todos fazem isso, não é só ele. Todos fazem isso. E se você não fizer, você acaba não tendo resultado. (...) se o cara não tem um resultado bom, ele é demitido. (...) Tem uma pressão grande, também, em cima deles. Eu via às vezes quando a gente perdia um jogo, a culpa não vinha em cima da gente (...). A culpa vinha em cima dele e ele ouvia do diretor nas reuniões, ouvia um monte.”*

A questão da pressão que sofrem técnico e jogador no esporte profissional voltou então com mais intensidade, e Igor começou a mostrar que esse parece ser um entrave para ele na hora de fazer sua escolha. Que entende a pressão que sofrem os profissionais do esporte como algo que ele não conseguiria viver.

*“Então, imagina, no nível profissional é muito pior. A **pressão** não só em cima do técnico, mas em cima de jogador muito, também. Acho que é bacana o esporte, tudo, mas é um negócio de muita **pressão**, pra quem gosta de **pressão**. Por isso esse negócio de viver com **pressão**, porque se você não souber viver com **pressão**<sup>7</sup>, você não consegue viver de esporte.”*

Ao falar de jornalismo, mais uma vez o jovem apontou para a questão de uma rotina em que o profissional trabalha muito, com pouco tempo para a família e em um ambiente de muita pressão. E trouxe essas questões como razões para não seguir essa carreira.

*“Jornalismo também, acho que é uma rotina muito louca, porque às vezes (...) você tem que entregar uma matéria até oito da noite, aí você vai pensando, pensando, pensando, sete e meia você ainda não escreveu direito e você tem meia hora pra escrever tudo aquilo. (...) Às vezes você tem que estar de madrugada lá de sexta. Então acho que eu não gostaria disso.”*

Já quando falou de psicologia, Igor trouxe uma saída para os dois impasses que o estavam impedindo de escolher. Uma possibilidade de rotina de trabalho em que pudesse ter mais tempo para a família e os amigos e também um ambiente de trabalho sem pressão.

---

<sup>7</sup> Grifos nossos.

*“Agora, tem rotina melhor, minha mãe é psicóloga, ela trabalhava no ambulatório, acho legal também, agora está com o consultório. Ela monta o horário dela, trabalha nos horários que ela quer, acho isso legal.”*

### **c) Trabalho e futuro**

Mais uma vez, ao falar de trabalho, Igor pareceu falar de um trabalho aprisionante, em que não parece haver um sujeito que escolhe e sim alguém que se submete às regras do mundo do trabalho para sobreviver. Mais uma vez falou dos técnicos para ilustrar o tipo de vida que não quer ter.

*“Uma coisa que eu acho que quero é: eu não quero viver pra trabalhar, eu quero trabalhar pra viver. Agora, esses meus técnicos, eles vivem para o trabalho, vivem vinte e quatro horas por dia pensando no trabalho. Eu acho que isso não é o que eu quero.”*

Mas o que queria dizer para ele trabalhar? Igor ficou confuso e não soube responder.

*“Trabalhar? [pausa] Ah, nossa, é difícil. Ah, sei lá [pausa] é você sair, aí você trabalha. [pausa] Não entendi. Não sei, não entendi, não. [pausa] Não sei responder.”*

Essa questão pareceu estar ainda muito distante, como uma coisa que, a princípio, parece muito ruim e da qual não há saída, caminhamos todos para ela quando caminhamos para a vida adulta. O trabalho está ligado à necessidade de sobrevivência, ao trazer dinheiro, mas também pode estar ligado à satisfação e à realização profissional. Quando recomeçou a falar de trabalho, expôs o motivo da sua hesitação anterior. A idéia de que o trabalho seja só uma forma de ganhar dinheiro, “não pode ser”.

*“(...) Eu ia falar que é um negócio pra você ganhar dinheiro, mas não é só isso. Não pode ser. [Mas você pensa que ganhar dinheiro faz parte?] [pausa longa] Penso. Mas também penso em fazer o que eu gosto. Porque tem gente que só pensa em fazer aquilo que dá dinheiro. Eu acho isso muito errado mesmo. Eu acho que você tem que fazer o que você gosta, porque fazendo o que você gosta, você acaba ganhando dinheiro. (...) imagina você ganhar dinheiro e passar a sua vida inteira fazendo um negócio que você não gosta. Deve ser horrível. Oito horas por dia fazendo um negócio que você não gosta.*

*Agora se você faz um negócio que você gosta, você tem empenho, você vai vendo outras coisas pra fazer, outros lugares pra trabalhar, você vai acabar ganhando dinheiro fazendo aquilo que você gosta.”*

Então ampliou o conceito de trabalho para ele para algo que dê satisfação, mas também algo que permita que ele viva coisas fora do ambiente de trabalho, como a sua vida social, sua família, seu tempo para o esporte. Ou seja, algo que permita que ele concilie uma das suas questões iniciais, o tempo para a família.

Um profissional bem-sucedido para Igor seria alcançar seus objetivos. Mas não conseguiu colocar qual seria o seu objetivo profissional.

*“Pra mim? Ser bem-sucedido é conseguir os seus objetivos que você alcançou, que pra uns pode ser ganhar dinheiro, pra outros pode ser ter uma família, assim. (...) Meu objetivo é... eu acho que é mais pra [pausa] ah...é difícil, sei lá [pausa longa] ser feliz. Mas ser feliz pra mim é ter amigo, sair, tipo [pausa] se divertir, entendeu? Mas ser bem-sucedido também é conseguir conciliar as duas coisas.”*

Sua concepção de felicidade está evidenciada mais uma vez fora do ambiente de trabalho. A felicidade está nos amigos, em se divertir e não em realizar. Felicidade aparece para ele como sinônimo de prazer e não de realização, alcance das metas pessoais, etc. O que o trabalho poderia então trazer? E Igor buscou reatar com a possibilidade do trabalho poder ser um meio para conquistar a felicidade, ainda que o tenha feito de maneira confusa, ligando a felicidade à possibilidade de se sentir bem.

*“Pode dar [pausa] felicidade e satisfação. E se você está fazendo porque você gosta, eu acho que é importante. Se você está fazendo o que você gosta, você fica satisfeito e vive mais feliz com o trabalho. E você pode também estar ajudando alguém [pausa] pode fazer alguma coisa que ajude os outros ou você mesmo, que você se sinta bem. Acho que é isso que o trabalho dá. Faz você se sentir bem.”*

Como seria então trabalhar nesse mundo que está aí fora. O que ele percebe parece ser um tanto fruto do que escuta dos adultos e dos meios de comunicação e um tanto do que testemunha.

*“Eu acho que é [pausa] está cada dia mais difícil, eu acho. Cada dia muda, de uma hora pra outra, o mercado. Você não sabe mais. [pausa] eu acho que você não sabe mais o que vai acontecer com você. Um dia você pode, por exemplo, estar muito rico e no dia seguinte você pode perder tudo. Você não sabe mais. O mundo hoje em dia muda assim. Muda muito, em muito pouco tempo. Na hora em que você pisca o olho já mudou tudo, não dá pra saber o que vai ser de você, entendeu?”*

Aqui a sua percepção de um mundo adulto mais próximo se faz mais clara. Ele fala de um alguém que estuda e não consegue. De um alguém que tenta utilizar as estratégias conhecidas para entrar no mercado e sucumbe.

*“O que me assusta? Que passou muito rápido e que o que eu vejo é que o cara estuda, estuda, estuda, estuda muito e não consegue às vezes trabalho direito, entendeu? Faz não sei quantas faculdades, estuda, faz mestrado aqui, não sei o quê... e não consegue nada. Trabalha, trabalha, mas não consegue ganhar dinheiro, a satisfação dele, assim. [pausa] Eu acho isso muito ruim.”*

O mundo do trabalho nesse momento aparece como opressor, como algo que nos deixaria à sua mercê e não como um lugar em que existem oportunidades. A solução não seria instrumentar-se para entrar no mundo do trabalho, já que não adianta, mas encontrar uma escolha profissional que permita que não precisemos entrar diretamente nele, que possamos passar ao largo do mesmo. Na sua fala, Igor não traz suas possibilidades de enfrentar os obstáculos e dificuldades à frente, e sim um olhar que encontra na nova ordem das coisas uma barreira para o crescimento. O preço a pagar é muito alto.

Então, para ele, um profissional para ter sucesso precisa fazer certas coisas, batalhar pelo dinheiro, como quem batalha pela sua sobrevivência em um mundo que não é justo. Em que algumas pessoas são beneficiadas e outras não. Mais uma vez trouxe uma pessoa que está trabalhando há vinte anos no ramo e não é valorizado. Não está falando genericamente, assim como também não o faz quando ilustra o episódio da balada.

*“Acho que ela precisa batalhar. [pausa] Acho que não adianta você querer [pausa] só algumas pessoas que conseguem ganhar dinheiro sem ficar batalhando. Tem que batalhar pelo dinheiro. Não tem essa de: sai da faculdade e já está ganhando o mesmo dinheiro que quem está trabalhando há vinte anos no ramo, entendeu? Eu acho que você tem que lutar, tem que*

*batalhar. É isso. Mas infelizmente eu acho que no Brasil vai muito do contato, eu acho, que as pessoas tem que ter contatos, assim. Tem um lugar que você quer ir: tem que ter 'QI'<sup>8</sup>. Aí você tem que arrumar alguma coisa. Eu acho que não devia. (...) Tem gente às vezes que tem muito mais capacidade e acaba indo por afinidade, amigo de não sei quem, sabe? (...) Até pra minha idade, às vezes, acontecem essas coisas. Tipo: você quer ir numa balada, mas você não pode porque tem o amigo do filho do dono que já chega e já tem o negócio dele reservado, mas você chegou primeiro. Ele vai lá, fura a fila, é amigo do segurança também, e já consegue o negócio. Eu acho que isso é muito ruim.”*

E faz uma comparação com o mundo como era antes dele, na geração do seu avô, em que havia mais segurança, sabia-se onde se ia trabalhar. E mostra que pra ele hoje é preciso ser mais flexível, buscar suas oportunidades.

*“Não adianta você (...) querer tipo antigamente: meu avô se formou em engenharia, sabia que queria ser engenheiro e ia trabalhar numa empresa a vida inteira. (...) trabalhou sempre fazendo a mesma coisa, não sei o quê. Hoje em dia, por exemplo, eu saio da faculdade, trabalho em uma, mas eu não sei se vou estar nela no ano seguinte, não sei em que área que eu vou atuar, entendeu? Acho que você tem que saber encaixar o que você gosta e abrir outras coisas, outras oportunidades. (...) Se adaptar às mudanças, não querer só fazer a mesma coisa, sempre. Que aí não vai. Acho que hoje em dia não dá certo, mudam muito rápido as coisas”.*

Mas vê que sua geração tem mais facilidade para as mudanças tecnológicas que as que a precederam. Sabe que já nasceu em um mundo em que o avanço tecnológico é muito rápido, tornando o conhecimento adquirido muito rapidamente obsoleto. A noção de aprendizado constante faz parte do seu dia a dia e é vista como “normal”, ainda que nem sempre seja transponível a outros tipos de aprendizado, como os ligados à construção de uma carreira.

*“E aí você vai se adaptando às tecnologias novas junto com elas, entendeu? Eu nasci já junto com as tecnologias novas. Eu nasci até com babá*

---

<sup>8</sup> QI aqui é usado não para designar o Quociente (ou coeficiente) de Inteligência de uma pessoa, mas pelo seu uso coloquial em que a letra Q designa a palavra “quem” e a letra I designa a palavra “indica”. Com isso, o entrevistado quis dizer que para ter acesso a alguns lugares ou postos de trabalho, é preciso ser indicado.

*eletrônica. [risos] Quando a internet chegou, eu nem sei. Eu nem sei, eu nem lembro o dia em que eu aprendi a mexer no computador. Foi aos pouquinhos. A gente já tinha aqueles computadoresinhos de criança, pequenininhos. Aí você ganha um e fica feliz e fica mexendo, assim, e quando você vai ver você já está quase mexendo em um normal. (...) Acho que você já sai sabendo as coisas.”*

Quando é solicitado a falar da sua família próxima, Igor traz a idéia de sucesso aliada ao conceito de poder sobreviver sem problemas e sem dívidas. Tanto quando fala dos pais quanto da família dos tios que podem ter uma casa, estabilidade no emprego, os filhos em uma escola boa e “*não tem muita dívida*”.

*“Meus pais eu acho que se deram bem. [O que é se dar bem?] Conseguir ter uma vida que eles se sustentem, não tenham muita dívida. Às vezes tem aperto, lógico, acho que todo mundo tem. Mas acho que eles conseguiram estabilidade financeira e com a família. Nossa família não tem nenhum problema. [Financeiro?] Financeiro e também emocional. Não tem nada de briga, assim. Por exemplo, essas coisas que têm em família, de brigas. Essas coisas na minha família não tem nada. Eles são bem-sucedidos por isso.”*

Quando pergunto quem na sua família ele considera bem-sucedido, ele cita novamente o avô, que, no seu tempo, teve uma carreira de sucesso. E traz essa imagem de sucesso para o presente quando afirma achar que seu avô estaria mais adaptado à realidade de hoje. Cita também sua avó como exemplo de adaptação, uma vez que esta deixou de ser dona de casa quando o marido adoeceu pela primeira vez para voltar a estudar e entrar no mercado de trabalho. Ela estudou biblioteconomia e trabalhou como bibliotecária até falecer, recentemente.

Então explicou o seu ponto de vista com relação ao seu conceito de sucesso, buscando relativizar as conquistas dentro do escopo mais amplo de uma sociedade. Porém, Igor faz parte de uma classe média, mais até pelos valores que carrega, que pelo patrimônio que possui.

*“O que eu vejo no Brasil é que a gente é muito minoria. (...) Tem muita miséria. Por isso eu acho que a gente é bem-sucedido. Agora, por exemplo, para o pessoal do meu colégio anterior, a gente não é (...). O pessoal lá é milionário. (...) Então, eu vivia sempre os extremos. Lá eu (...) não era um dos*

*que tinha grana, só que no [clube], eu era o mais rico do time. (...) Foi lá que eu aprendi a ter noção, a dar valor, muito mais valor ao que eu tenho. Foi lá que eu aprendi isso de falar: putz, eu tenho muita sorte. [Se você ficasse com a referência da escola...] Eu ia achar que eu era um pé rapado. Mas eu não sou, eu sei que eu não sou. Aí eu vi lá isso. O pessoal que tinha que pegar quatro ônibus pra ir treinar, não tinha muito o que comer, eu acho isso horrível.”*

Igor comentou que seus pais estão apreensivos com relação à sua indecisão, mas que não o pressionam, deixando-o escolher. E relatou algo que nos auxilia mais ainda na compreensão da sua relação com o pai. De como entende que o pai está se assustando com o fato dele, Igor, estar crescendo e, de certa forma, saindo de controle.

*“Mas então, meu pai, ele adora carro. A paixão dele é carro. Aí ele me ensinou a dirigir, de brincadeira, em um condomínio fechado, eu sentava no colo dele e eu ficava com o volante. Depois fui indo para o acelerador, quando eu comecei a alcançar, depois a embreagem. Ele me ensinou tudo, tudo. Só que, hoje em dia que está chegando perto [de tirar carta de motorista], ele não deixa eu fazer mais nada. Ele percebeu: “Nossa! Ele já está chegando perto de tirar carta!” e não me ensinou a fazer mais nada!”*

Já da relação com a mãe ele traz um relato de alguém que o auxilia a entrar em contato com o mundo.

*“Minha mãe sempre tomou cuidado com essas coisas, ela me ajudou muito a saber sempre conviver com gente menos que eu e com gente muito mais que eu. Ela fazia questão que eu conhecesse, entendeu? Quando eu estava na pré-escola, eu brincava com o filho da faxineira que estudava na mesma escola que eu. Ele ia na minha casa e eu emprestava os meus brinquedos pra ele, a gente brincava junto. Minha mãe sempre gostou disso. Sempre fez questão que eu vivesse essas coisas. Eu acho isso muito legal.”*

#### 1.4. Análise

Quando Igor fala de trabalho, fala de um ambiente de muita pressão, em que o trabalhador trabalha muito para ganhar muito pouco. Essa questão permeia todo o seu discurso e se coloca como impeditivo da escolha. O termo pressão aparece nos discursos dos três membros da tríade familiar. Para Iara, a pressão é um fator da exigência do mercado que precisa ser evitado na sua carreira. Já Sérgio, inserido no universo das grandes empresas, vive a pressão diariamente e relata já ter chegado a não conseguir fazer o seu trabalho com a qualidade que gostaria para atender ao que chama das exigências do capital.

No seu discurso, o profissional que Igor traz como exemplo recorrente daquele sofre maior pressão do mercado é o técnico. E técnica é também a carreira do seu pai.

Sérgio traz, em diferentes momentos da sua fala, o conhecimento como algo que não é valorizado pelo mundo do trabalho, sendo substituído pelas titulações. Iara também coloca a mesma preocupação. Já Igor o traz como uma barreira, ao trazer o profissional que estuda e estuda e não consegue um trabalho. Quando fala desse profissional, Igor parece estar fazendo um paralelo com seu pai, que apesar de fazer cursos de inglês e especializações, não tem seu trabalho valorizado.

Iara aponta no seu discurso a carreira de psicologia como uma escolha através da qual é possível se esquivar da pressão do mercado e de fazer o seu próprio tempo. Esse discurso materno por uma alternativa de carreira que visa evitar o enfrentamento das demandas do mundo do trabalho, parece ser o discurso dominante nessa família. Assim, Igor encontra na possibilidade de escolha por psicologia não a carreira que quer seguir, mas uma forma de não ter que enfrentar as situações de pressão que as suas escolhas iniciais impõem.

Tanto Igor quanto Sérgio apontam para a excessiva valorização dos contatos e das indicações em detrimento de uma real, ou suposta, competência. Essa dinâmica do mundo atual é tida por essa família como uma coisa negativa e injusta, que prejudica aquele que precisa batalhar pelo dinheiro.

A competitividade excessiva é trazida em grande medida por Sérgio, que aponta para uma tendência de jovens entrarem no mercado querendo ganhar o mesmo que quem

já está lá há mais tempo. Igor, por sua vez, diz não achar certo sair da faculdade e já sair ganhando o mesmo que quem está no mercado há vinte anos, como seu pai.

Quando falam da entrada no mundo do trabalho, Sérgio e Iara a apresentam como algo difícil. Essa palavra também aparece no discurso de Igor que diz não saber o que esperar.

Ainda que digam, como o filho, que é preciso ser flexível nas suas carreiras, tanto Iara, quanto Sérgio encontram-se presos a modelos de carreira muito rígidos com pouca margem para mudança. De um lado Sérgio, que vem percebendo essa tendência da sua carreira como questão, porque se especializou demais. E de outro Iara, que coloca como a condição para o seu desenho de carreira a permanência no que faz e sabe fazer bem. Assim consegue permanecer no universo restrito de uma opção de carreira que lhe permitiria evitar a exigência de um mundo que impõe o seu ritmo. Ou seja, nem um, nem outro possui as ferramentas para realmente auxiliar o filho no seu processo de escolha.

Sérgio identifica no filho uma postura passiva, que, em certa medida, reconhece em si mesmo e, muito acertadamente, se diz incapaz de ajudá-lo, uma vez que não possui as ferramentas para isso.

Já Iara procura orientá-lo, mas não sente que consegue ajudá-lo com suas angústias e traz questionamentos pertinentes em relação aos seus próprios valores. Embora não saiba, seu filho traz um discurso coerente com o dela em que acredita ser preciso fazer escolhas amparadas no que se gosta de fazer e a partir daí chegar a construção de um projeto profissional. Só não sabe como fazer isso, porque se encontra em um impasse.

Essa família mostra alta correlação nos discursos de pais e filhos e suas estratégias de enfrentamento dos desafios propostos pelo mundo do trabalho, sejam elas bem-sucedidas ou não.

## 2. Marisa, Paulo e Rafael

### 2.1. Marisa

#### a) Trajetória profissional

Marisa, mãe de Rafael, tem quarenta e seis anos, formou-se em Comunicação Social e Jornalismo e fez especialização em Administração mais adiante no curso da sua carreira. Mais precisamente quando adentrou a realidade de trabalho administrativa.

Começou sua carreira trabalhando em uma escola infantil durante a faculdade. Depois, mesmo durante sua formação, trabalhou como repórter em rádio e em assessorias de imprensa, sempre como *freelancer*. Então trabalhou por um ano em um jornal de grande circulação e migrou para a esfera pública, onde permaneceu pelo período de três anos, também na área de assessoria de imprensa. Saindo desse emprego, buscou trabalho em uma empresa de tecnologia, onde permaneceu por sete anos.

Marisa conta essa primeira fase da sua vida rapidamente, quase como um resumo, para então falar da grande mudança que ocorreu na sua carreira. Passou a trabalhar na empresa da família, na área de transporte e logística, para atender uma necessidade sucessória. A empresa, familiar, originalmente pertencente ao seu pai e a dois tios, começava a passar por um processo de profissionalização para se dar o processo de sucessão do negócio para os herdeiros.

*“[O pai e os tios] começaram a perceber que o mundo está mudando, e eles também precisavam profissionalizar a empresa. Mas, ao profissionalizar a empresa você se depara com a questão da sucessão, né? São três sócios, um terço pra cada um. Quem que sucede cada um? No caso do meu pai, ele tem três filhas, cada uma na sua área. A que mais tinha afinidade era eu, porque eu trabalhava (...) em comunicação em empresa. Então (...) eu sabia como funcionava uma empresa (...). E [pausa] como uma boa sociedade familiar, eles tinham tudo junto, sabe. O sítio era junto, não sei o que, [risos] tudo junto. E, uma coisa é você estar com seus irmãos, outra coisa é você estar nessa família ampliada que são irmãos com filhos, e, ainda ampliando, irmãos com filhos e filhos, né?”*

Marisa coloca claramente ao longo da sua fala, que é contra os herdeiros estarem na gestão, mas que foi voto vencido e seu núcleo familiar, como denomina os herdeiros do seu pai, precisava estar representado. Então ficou a questão: se ela entende que não deve haver herdeiro na gestão e que os negócios devem ser separados, porque já não o fez desde o início?

*“É, na verdade o não ter ido tem um significado. Tem abrir mão disso tudo, entendeu? Que é um [pausa] que foi uma vida do meu pai. E não é [pouco], né? O padrão de vida que essa empresa sempre propiciou, o melhor nível de educação. Tudo. (...) Não dá pra abrir mão de uma coisa dessas.”*

Ainda que mostre claramente, em vários momentos do seu relato, que entrou no negócio só por uma necessidade, Marisa parece ter sido tomada não só pela rotina e pelo trabalho nessa grande empresa, mas também pelo sentimento de pertencimento a algo maior. Quando se refere ao que a empresa faz, se refere a partir de um termo coletivo, personalizando o fazer técnico e prático. Como quando diz, em um exemplo ilustrativo: *“Então tudo isso a gente conseguiu montar, foi muito legal montamos várias coisas que ficou bem bacana (...)”* Porém, ela parece viver em uma certa ambiguidade em relação à empresa. Por um lado, mais da metade do seu relato consistiu em descrições do que o negócio é, do que ele faz e de como ele é interessante. E de fato, sua fala chega a ser contagiante. E sua trajetória e crescimento profissionais também se deram, em grande medida, no seio dessa empresa familiar. De quando começou, precisando se ambientar:

*“Não tinha noção [do tamanho que a empresa tinha ficado quando foi trabalhar lá]. E ela cresceu muito nesses últimos anos. Eu já estou lá há doze anos. Comecei na área de marketing. Primeiro comecei no geral, conhecendo a empresa. [pausa] Fiquei uns três meses só conhecendo a empresa (...)”*

À posição que ocupa hoje e o aprendizado e a vivência profissional que pode ter, sua fala revela a relação afetiva que estabelece com a empresa. Quando, no excerto abaixo fala da sua vida ter sempre sido o transporte, por causa do pai, fala isso no meio do relato sobre o que aprendeu e cresceu com a empresa na qual trabalhou os últimos doze anos.

*“Eu gosto. (...) principalmente a área que eu estou. É que é uma área (...) que eu posso te dizer, eu considero uma área bastante estratégica. Mas, pro conjunto da obra, pra mim é muito interessante, foi muito interessante estar nessa área. Por quê? Eu pude conhecer todas as filiais. Eu pude conhecer*

*todo o processo, desde o comercial até o atendimento ao cliente. A gente consegue ter uma formação [pausa] generalista. Tudo bem que eu também tenho facilidade porque minha vida foi o transporte, né? Meu pai... apesar de ele falar muito pouco a respeito do assunto. Mas, nesses doze últimos anos foi direto, conhecendo. Conhecendo o país, conhecendo como é a malha rodoviária, conhecendo isso, conhecendo aquilo. E ainda falta muita coisa pra aprender, porque [faz um gesto mostrando que é muito][risos].”*

Mais adiante, Marisa se pergunta se realmente gosta do que faz, ou se gosta de administrar um negócio que é também seu.

*“É muito legal, é assim, é superinteressante. Aí às vezes eu penso, pô, será que eu gosto, porque eu acho muito interessante ou se é por que é uma coisa que é do sangue, sabe aquela coisa? Enfim, mas o que é aconteceu.”*

Mas a empresa foi vendida recentemente para uma multinacional por decisão estratégica da família e também com a finalidade de começar a separar os negócios. Sendo assim, Marisa se encontra em uma situação de transição profissional bastante importante. A princípio o seu horizonte profissional se ampliou. Mas as estratégias que estabelece, continuam ligadas à relação familiar. Além dessa empresa, existem outros negócios e bens da família que precisam ser administrados. E ademais, ela quer poder participar do processo de transição da empresa. O mercado aparece como uma janela de oportunidade, mas permanece adiado pelo projeto ligado às empresas da família.

*“Então, eu na verdade, eu acho que está sendo superinteressante (...). Eu me questiono muitas vezes pensando, ‘pô’, que eu poderia relaxar, porque você não relaxa na empresa familiar quando você é da família, né? No mercado você pode relaxar e trabalhar. Produzir [pausa] a sua capacidade profissional mesmo, sem contaminação. Mas ao mesmo tempo eu vou desfocar de um objetivo, que é pro futuro. Que é não ter nada...se eu...se eu.. eu não con... não vou conseguir dar conta das duas coisas, porque são coisas grandes, as duas coisas, entendeu?”*

Mais adiante, Marisa passa, pela primeira vez, perto do processo de luto de se desfazer do negócio que ajudou a administrar durante os últimos doze anos. É quando fala do processo de transição e das relações profissionais que deixará para trás, que se revela a sua

preocupação com as demais pessoas. Com a relação que se estabelecerá entre elas e a nova mantenedora do negócio.

*“Agora fica assim: Eu tenho um contrato de um ano, que eu tenho que estar lá, porque é uma multinacional, e [pausa] eles meio que deixaram a nosso critério (...) ficar na empresa, né? (...) e estou fazendo um trabalho de transição com as outras (...). Também me preocupo, sabe, porque eu sou afetivamente ligada também ao pessoal. Conheço cada um, viajo em todas as filiais, entendeu? E, não quero que seja uma coisa muito traumática. Você, sabe, a gente trabalha numa região que é muito interior, então é uma coisa muito personalizada, o pessoal é muito simples, entendeu? De formação, educacional baixa. E eu fico pensando: ‘Putz, vem esses executivos de multinacional, não olham pessoas, olham números.’”*

Marisa continua trabalhando na empresa e com o objetivo de continuar a participar dos outros negócios da família até que eles possam ser separados. Quer poder dar aos seus filhos o que chama da parte boa da herança, que seria a possibilidade de usufruir dela e não a que seria a parte ruim, que é ter que estar atrelado à família para manter os negócios.

*“(...) eu tenho como um objetivo separar esses negócios. Por quê? Eu sou a favor das individualidades. Cada cabeça hoje pensa de um jeito, e isso também não ajuda a você crescer nos negócios. (...) Eu acho que os filhos, (...) todos eles, não têm que vir com essa sina de que tenho que tocar os negócios do meu avô, ou: ‘Ah não, se você vai eu também tenho direito.’ Que é o que rola. Eu não acho que seja por aí.”*

## **b) As transições e a família**

*“Então, essas transições sempre foram numa boa. Não tinha assim uma coisa... de: ‘Ai, o que eu vou fazer agora’ e tudo mais. E sempre quando tem um momento como esse. Eu sempre falo: ‘Pô, que bacana. Uma coisa nova.’ Sempre, sempre.”*

O trecho acima parece ilustrar bastante bem o posicionamento de Marisa frente às mudanças profissionais em sua carreira. Até entrar para a empresa da família, seu caminho profissional passou por uma fase de experimentação, em que trabalhou por períodos mais

curtos em áreas diversas, até começar a se consolidar o caminho para o trabalho com comunicação empresarial, primeiro no Estado e depois em uma empresa privada.

Como Marisa ficou um período de seis meses sem estar empregada, entre sair do jornal em que trabalhava e ir para a Secretaria da Cultura, colocou-se a questão de como esse hiato entre empregos pode ser vivido. Ela relata não ter vivido, talvez por ainda ser solteira e morar na casa do pai, momentos de angústia em relação ao desemprego. Quando não estava fazendo algum trabalho temporário ela buscava se ocupar estudando ou mesmo cuidando da sua casa, uma vez que seu pai era viúvo.

*“[Eu] sempre fazia curso. Nunca ficava parada. Sempre tem uma coisa pra fazer, né? Casa. A minha mãe era falecida, a gente cuidava da casa. Nesse ano, por exemplo, que eu fiquei esses seis meses, as minhas irmãs, uma morava na Europa e a outra já era casada. Então eu que cuidava da casa do meu pai, né? (...) E eu sempre estive estudando. Nessa época eu fazia acho que [jornalismo]. (...) Não era uma coisa que você falava: ah, fiquei sem fazer nada.”*

Paralelamente à sua trajetória profissional, Marisa se casou e teve dois filhos. No excerto abaixo, ela apresenta como conciliou a maternidade com seu trabalho. Como pode, a partir de um ajuste no seu contrato de trabalho, permanecer ligada à empresa sem se ausentar demais do cuidado com sua família.

*“Na Secretaria de Estado foi quando eu casei. E aí eu fui pra [empresa de tecnologia]. Quando eu estava na [empresa] eu tive o Rafael. Trabalhei uns dois anos [lá] e fiquei grávida e aí tive o Rafa. E aí eu fiquei seis meses em licença maternidade, porque fui emendando tudo que tinha direito e eles mudaram pra Jundiaí. E eu tentei trabalhar um dia e falei: ‘Bom, impossível.’ E, aí eu combinei com eles, foi numa época que estavam terceirizando muitas áreas que não fosse o core business das empresas, né? Era uma época que teve terceirização até não poder mais. E eu entrei nessa terceirização. Eles me contrataram, e eu tinha um chefe maravilhoso, que ele também gostava muito do meu trabalho. Então ele falou: ‘Então faz o seguinte, você vai prestar serviços e você monta uma estação na sua casa.’”*

Já quando teve a segunda filha, Marisa decidiu parar de trabalhar para ficar em casa cuidando dos dois. Parou de trabalhar para a empresa de tecnologia da qual era terceirizada e

ficou um ano em casa, antes de voltar ao trabalho na empresa da família. Também se questiona a respeito das decisões que tomou com relação ao primeiro filho, fazendo um interessante balanço entre a necessidade de trabalhar e a necessidade de estar em casa para cuidar dele.

*“Como eu era terceirizada (...), quando eu parei de trabalhar parei de trabalhar. E fiquei um ano porque eu falei: ‘Não. Com dois filhos eu quero ver. (...) Então aqui em casa foi legal, foi importante estar esse ano junto com a Fabi e com o Rafa. Coisa que eu não fiz quando o Rafa nasceu. Com o Rafa eu trabalhei. Eu fiquei seis meses só. Mas administrei, fiz uma coisa, meio a meio. E ele foi pra um berçário, enfim. Agora, a Fabi não, a Fabi ficou três anos em casa. E hoje, se eu tivesse que optar, eu preferiria ter deixado o Rafa mais em casa, do que colocar num berçário. Foi uma necessidade. Mas também foi uma escolha, né? Porque eu também poderia ter parado aquele ano. Porque na verdade na hora você não sabe muito bem, né? Porque que você deve parar ou não. A gente sempre dividiu tudo, eu e o Paulo. (...) E (...) na força de trabalho faz diferença um não trabalhar.”*

Quando fala do marido, Marisa se refere sempre a um marido companheiro e de um casamento de muita cumplicidade e respeito pelas diferenças dos dois. Na sua fala, ela aponta em muitos momentos essas diferenças e a importância do equilíbrio que se estabelece na dinâmica familiar.

*“O Paulo, assim, é uma pessoa que é tudo de bom em dar apoio, entendeu? Ele é supertranquilo, ele tem, claro, tem os momentos dele, é óbvio, é um ser humano, mas por exemplo, pelo fato dele ter esse temperamento muito mais suave do que o meu, isso me ajuda, né? Porque, senão eu acho que eu despirocava mesmo. Porque é muita coisa. (...) [Comigo] é uma coisa muito emocional, não sei o que, parará, e ele, já é outra natureza, entendeu? Ele já tem uma outra entrada, ele tem um outro ritmo. Imagina o que a gente não se desentende por causa disso, né? [risos]”*

Marisa, por trabalhar na empresa da família, tem certa mobilidade de horários, uma vez que não precisa cumprir um horário imposto por uma chefia, ou cumprir um determinado número de horas, por exemplo. Com isso, é bastante presente na vida dos filhos, apesar de trabalhar muito. Mostra preocupação com relação a como sua dedicação ao trabalho afetaria seus filhos.

*“Agora, hoje (...) eles são pequenos, (...) não sabem muito o que significa o trabalho na vida de uma pessoa. Mas eles sabem que eu trabalho muito. E eles se ressentem um pouco por isso. Pelo fato de que [pausa] que eu sou muito dedicada ao trabalho.”*

Tem com o filho uma relação de cumplicidade e aos poucos vem colocando para ele as situações que vive na empresa. Quando a venda começou a ser negociada, ela dividiu a notícia também com o filho.

*“(...) O Rafael já sabia que a gente ia vender a empresa, já sabe coisas... pra ele eu conto muito mais as coisas que eu vivencio no trabalho.”*

Quando falou da sua relação com o trabalho, Marisa colocou sua necessidade de trabalhar. Ela chama de força de trabalho uma energia para trabalhar que entende que precisa ser aplicada no trabalho. Sente-se muito agitada e entende que trabalhando pode encontrar um equilíbrio para cuidar também da sua casa e da sua família.

*“Eu gosto muito [de trabalhar] e tenho essa força de trabalho. Que eu já sei que ela não é boa em outro lugar, você entendeu? Ela não é boa em outro lugar porque ela fica insuportável. [É saudável pra eles que você fique lá] [risos]. É, por favor, agradeça que sua mãe trabalha em qualquer coisa. [risos] Joga ela no mercado de trabalho que ela vai estar bem.”*

No momento em que essa entrevista é realizada, Marisa se encontra em pleno período de transição. Ao mesmo tempo em que pensa em voltar para o mercado de trabalho com a experiência que tem acumulada, reluta ao perceber que ao deixar as empresas da família estará abrindo mão de um bem. Interessante que para ela a possibilidade de voltar para o mercado é a oportunidade para relaxar e produzir, enquanto ficar na empresa representa se manter em certa tensão. Talvez também em conflito. Há na empresa conflitos de interesses claros entre os diferentes herdeiros. Isso pode ser percebido nos dois trechos que se seguem.

*“Então, (...) na verdade, eu acho que está sendo superinteressante, (...) eu me questiono muitas vezes pensando que eu poderia relaxar, porque você não relaxa na empresa familiar quando você é da família, né? No mercado você pode relaxar e trabalhar. Produzir, [pausa] a sua capacidade profissional mesmo, sem contaminação. Mas ao mesmo tempo eu vou desfocar de um objetivo, que é pro futuro. Que é não ter nada (...).”*

*“Eu... na verdade eu preciso te dizer que esses doze anos, eu gosto do negócio, etc; mas não é uma relação tranquila trabalhar na empresa. Se eu estivesse trabalhando no mercado, como eu trabalhava na [empresa de tecnologia], era melhor pra mim. Porque na empresa, (...) tem toda essa contaminação afetiva da família. Não é bom, entendeu?”*

Marisa vive profissionalmente uma carreira de herdeira, daquela que está destinada a continuar um negócio que não foi sua escolha, ainda que faça parte da sua história. Em um mundo em que as empresas familiares estão desaparecendo e raramente duram mais que duas gerações e em que o patrimônio como legado familiar, transmissão do nome, construção da história não fazem mais sentido, é quase natural que se veja em conflito com essa condição.

### **c) O mercado e quem entra no mercado**

Na sua visão, o mercado de trabalho que se apresenta para os seus filhos e os demais jovens da mesma classe social, é um mercado bastante exigente, em que as qualificações mínimas já não bastam.

*“(...) Primeiro, você precisa ter muita qualificação. Porque as pessoas estão muito mais qualificadas, muito mais. Você não se diferencia porque você tem inglês, você não se diferencia porque você fez as melhores universidades. (...) Isso é o mínimo que você tem que ter. Você tem oportunidade, mas com esse mínimo você já tem que vir. (...) É um mercado extremamente exigente. Estou falando muito de São Paulo, né? (...) porque é o melhor mercado de trabalho pra área de empresa, essas coisas, sem dúvida. Se ganha bem. Tudo rola aqui. Mas é um baita de um sacrifício. Porque não tem muita qualidade de vida, né? (...) as empresas acho que estão sempre buscando coisas novas, profissionais novos, práticas novas, e mercado tem. Sempre tem. E pra garotada, tendo toda essa qualificação, entendeu? Tendo disposição.”*

Ao se deparar com os jovens que estão entrando no mercado e com os quais convive, seja na condição de mãe, seja na condição de chefe, Marisa encontra um sentimento comum de imediatismo. Como se os jovens pulassem etapas. Já quisessem chegar logo em posições de destaque e com bons salários. Ela aponta para a importância de cumprir as etapas do

crescimento profissional para crescer na carreira. Que cada etapa traz um aprendizado necessário para a etapa seguinte.

*“Uma coisa que me assusta um pouco, às vezes conversando com os amigos do Rafael, (...) por ser uma geração de coisas muito mais imediatistas, eles já acham que vão entrar em cargo gerencial. (...) A impressão que eu tenho, e que me assusta um pouco, é você já querer entrar ou ganhando muita grana, ou num cargo muito legal, e não é assim, inclusive porque você queima etapas. Pra você chegar na maturidade profissional é um passo atrás do outro, é esse aprendizado, é esse dia a dia, sabe? Eu vejo, tem um menino que trabalha comigo, (...) e eu sou bem exigente. Mas (...) ele fica muito chateado quando acontece alguma coisa errada e tudo mais, eu falo: ‘mas é isso que vai fazer você aprender. É essa coisa que deu tudo errado, e que você está superfrustrado agora, e tudo mais, é que vai fazer você ter força e da próxima vez você já vai ficar menos triste, entendeu? E vai conseguir lidar com a situação de uma outra forma. Se você não passar por isso é que você não vai ter esse aprendizado lá na frente.’”*

O que um jovem vai precisar desenvolver para ser bem-sucedido no mercado de trabalho estaria condicionado ao que o mercado demanda. Assim, as empresas determinariam, de certa forma, o que seria preciso desenvolver.

*“Eu acho que vai depender muito das diretrizes das empresas, né? As empresas elas são cada vez mais competitivas. Então uma pessoa que é mais pró-ativa ou uma pessoa que tem raciocínio, inteligente, rápida, e... e que também esteja bem disposta, porque eu percebo assim, que as empresas elas querem tudo isso e querem muito comprometimento. Eu acho que tem (...) pra quem é assim na vida, né? Porque (...) comprometimento não é uma coisa que você fala: ‘Ai, eu vou ser comprometido.’”*

Quando fala das oportunidades de trabalho, traz uma perspectiva otimista. Há mais oportunidades de trabalho e áreas mais diversas de atuação. Mais uma vez, Marisa fala das chances para uma determinada classe social.

*“Ah, eu vejo que, na verdade assim, mercado tem, porque você sempre precisa de renovações, etc. Só que é um mercado de exigência, que exige gente muito mais qualificada. Só que, para humanidade, né? Para*

*humanidade, não é só o mercado de trabalho, pra humanidade você precisa de tudo. Você vai precisar dos artistas, você vai precisar dos bailarinos e bailarinas, você vai precisar das pessoas que se preocupem com a alimentação e com o corpo, (...) tem que se preocupar com o planeta... Então, assim, as oportunidades são todas. Vai depender um pouco dos objetivos que você tem em relação à vida, em relação ao mundo, entendeu? Se o meu filho for, que não é [risos], mas se ele fosse um cara ligado no verde, ele tem todas as possibilidades. Se ele quiser ir trabalhar no Greenpeace lá do Alaska, ele pode. Qualquer um pode. Claro que, essa classe social.”*

#### **d) Os filhos e o futuro profissional**

*“(...) eu sempre tento lembrar de como era eu aos meus dezesseis anos. Tenho uma dificuldade incrível de lembrar como... porque assim, eu não consigo ver que eu tinha essa rebeldia. [risos] Mas eu devia ter, entendeu? Porque eu me achava, assim como ele se acha [risos].”*

Marisa fala de sua dificuldade em lidar com a adolescência dos filhos e brinca com a sua própria adolescência. Fala de como a adolescência do filho não está sendo fácil para ela. E fala da dificuldade que tem de lidar com a rebeldia dele. Apresenta um filho obediente, mas extremamente contestador. Por outro lado fala da sua honestidade, mas uma honestidade dentro do contexto da contestação e em contraponto com a filha mais nova, que tem um comportamento mais evasivo.

*“(...) e a gente tem dificuldades de colocar o não muito claro pra o Rafa, porque também essa pessoa não aceita [risos]. Cria um inferno. Mas ele sempre faz, (...) ele é extremamente obediente, do jeito dele. (...) Ele contesta. Contesta, depois ele pum. Ele faz. Com o Rafael é assim, o tricô é longo. [risos](...) Mas, (...) ele é extremamente honesto, (...) por exemplo, ele foi fazer a tal da [escola de inglês], e aí no primeiro bimestre ele veio com uma nota lá de produção escrita horrorosa, eu falei: Nossa Rafael! (...) Aí ele falou: ‘Putz, e eu vou te dizer, no próximo semestre vai ser pior. (...) Porque eu não fiz. (...) E eu vou vir com zero.’ Eu falei: ‘Pô Rafael, mas por que que você não fez? É uma redação, pelo amor de Deus!’ Porque ele*

*não faz Cecília, ele não faz, entendeu? Agora, assim, eu deixei de falar pra ele o quanto é importante ele cumprir com as tarefas? Fazer as lições? Fazer no prazo certo? Etc, etc. Ele sempre vai empurrando, vai fazendo, é o jeito dele.”*

Marisa, quando fala dos filhos, mostra muita preocupação com a formação deles. Entende que o Rafael precisaria se esforçar mais e levar mais a sério as coisas. Mas também diz não saber muito o que fazer, como fazer ele perceber que o que ele decide agora poderá ser importante para ele no futuro.

*“Com o Rafael me preocupa que eu acho que ele não percebe que essas coisas são necessárias hoje, né? De você saber (...) que tem mais oportunidade quando você está na melhor faculdade. Fora o fato de ela ser pública [risos], maravilhosa, que também é um baita de um aprendizado com (...) essa diversidade que é a USP. (...) E claro, eu confio que ele tenha condições de fazer isso, mas o Rafael, o que acontece, ele se pegou muito nessa coisa do [pausa] ‘eu sou inteligente então eu não preciso fazer muito mais do que isso.’ (...) E ele tem essa coisa meio rebelde, ele acha que ele não precisa fazer determinadas coisas, entendeu? (...)”*

Como o filho faz esporte e se dedica a ele, Marisa se vê dividida. Por um lado acha bom ele se dedicar aos treinos e ter focado nessa escolha. Por outro, acha que ele devia estar se preparando melhor para a faculdade.

*(...) Tipo, vai no cursinho. E ele: ‘Não, não, não vou fazer, porque é muita coisa, vou focar no handebol.’ Eu também acho que o handebol tem essa coisa, tem a disciplina, mas também tem a coisa de que me escondo atrás do handebol, entendeu? E realmente, (...) pra um pai, o que você prefere? Que seu filho faça esporte ou fique fumando maconha, que todos eles já fumam, né? Socorro! Mas, você fala: Pô, eu sei que isso talvez seja uma forma, também, de escudo pra ele não entrar nessa história das drogas que eles estão vivendo hoje.”*

Entretanto, quando pensa nas suas expectativas com relação às escolhas e projetos profissionais dos seus filhos, não fala pautada pelas expectativas do mercado. Fala a partir do que parece vivenciar no seu próprio trabalho.

*“Espero que (...) eles possam encontrar a praia deles. Seja ela qual for, sabe? Seja ela qual for. Uma que não dependa da questão financeira, ou que dependa. Eles têm essa escolha hoje (...). Mas, se eles não tiverem, porque pode acontecer deles no momento não terem, eles poderem ter escolhas que deixem eles felizes no que fazem, entendeu? Que dêem prazer. Porque você fica muito tempo no trabalho, (...) você fica muitos anos trabalhando. Se você não fizer uma coisa que te faça levantar no dia seguinte com vontade, né? Porque tem mil coisas na vida que fazem você não querer levantar [risos].”*

## **2.2.Paulo**

### **a) Trajetória profissional**

Paulo, pai de Rafael, acabou de fazer cinquenta anos de idade, é formado em Direito pela USP e atua profissionalmente no meio advocatício trabalhista, previdenciário. Sua trajetória profissional começou pela escolha de um curso que não fosse muito distante da carreira do seu pai e também do seu irmão mais velho, ambos engenheiros. Já na escola, ele optou por fazer o ensino médio com maior concentração de disciplinas em exatas. Na faculdade ele começou a cursar economia, mas ao término do primeiro ano, entrou em direito e em ciências sociais. Acabou por trancar o curso de ciências sociais, não retornando mais.

Durante a faculdade fez trabalhos diversos sempre para ganhar algum dinheiro. Também fez estágio na sua área de formação enquanto trabalhava como *barman*. Fazia faculdade pela manhã, estágio à tarde e trabalhava no bar à noite. Aqui ele ilustra um pouco da sua relação com o trabalho à época.

*“(...) eu fui recenseador do IBGE, fui fiscal do vestibular (...). Sempre descolando uma grana, porque a minha família é muito numerosa e tal, apesar de ser uma família legal, mas é aquela história, do pai rico, filho nobre, neto pobre. Eu sou o neto. Não posso reclamar, mas, é muita gente, todo mundo tinha que se virar.”*

Essa postura da sua família já era visível, quando os irmãos, que haviam estudado em uma escola particular religiosa de bairro, foram fazer o ginásio<sup>9</sup> em um dos então existentes ginásios industriais estaduais. Essas escolas ficaram conhecidas pela excelente qualidade de ensino e também por ter alunos de diversos extratos sociais.

Depois de se formar, Paulo passou três anos fazendo trabalhos diversos até começar a advogar. Começou em um escritório de advocacia e enveredou para a área que exerce hoje. Seu foco principal de trabalho é prestar assessoria e consultoria para empresas. É o que mais gosta em seu trabalho. Sua prática como consultor teve origem em outro trabalho, no qual permaneceu por seis anos. Com alguma prática na área, foi trabalhar em uma empresa de consultoria na área jurídica como consultor e redator.

Saiu da empresa para trabalhar em um escritório de advocacia novamente. Já estava casado e tinha nascido o seu primeiro filho. Paulo saiu para ganhar melhor. Ficou nesse escritório por um ano, um ano e meio. Mas as condições de trabalho ficaram muito ruins e ele mudou novamente de escritório. Classifica a sócia majoritária do escritório como “cambalacheira” (sic). Ficou o tempo que precisou para encontrar outro escritório, do qual soube por um colega em uma conversa na praia. Um escritório de médio porte.

*“Entrei lá como advogado associado, as coisas começaram a correr bem, depois eu virei sócio, com uma pequena participação. Depois eu virei sócio com uma participação maior, tinha uma grana boa de retirada mensal, mais participação de processo, então, foi super-redondo esse período todo. Cresci junto e ganhei uma bela grana. Foi legal! Foi uma fase boa!”*

Com a recente crise financeira mundial, as finanças do escritório se desestabilizaram e Paulo, que vinha almejando montar seu próprio escritório, decidiu sair. E mudou-se para um escritório pequeno, com um sócio, que trabalha com outra área, e uma estrutura bastante enxuta.

*“Então nessa fase, eu vim pra cá bem postado com o que é que é melhor nesse momento. Nesse momento eu não posso querer abraçar o mundo. (...) E eu estou nessa fase ainda, né? Meio chuleando o movimento, vendo o que é melhor... Não sei se vai ser aqui pra sempre, ou se vai ser em definitivo, mas por enquanto, eu estou vendo a luz no final do túnel, as coisas estão indo,*

---

<sup>9</sup> O “ginásio” corresponde ao atual ensino fundamental 2.

*então, enquanto estiver indo, estiver indo pra cima, pra frente, beleza! Agora se vai ser sempre assim... vamos ver!”*

Paulo vem de uma família numerosa e bastante harmônica. Fala dos irmãos como companheiros. Relata um movimento constante de cooperação e cumplicidade entre todos. Atualmente cuidam dos pais, aposentados, cuidado esse que pode ser traduzido em dedicação, tempo e ajuda financeira.

*“(...) Mas, é uma farra. Sempre foi bagunça, gente pra caramba, casa superconfortável, todo mundo gostava, mesa grande, mil amigos de todo mundo, todo mundo come junto, vem um cara com a namorada, vem um com amigo. Sempre foi muito gostoso, assim, o relacionamento familiar, muito aberto, todo mundo numa boa, irmão e amigo mesmo. Então foi legal! [Ainda é?] Ainda é. Não com a mesma intensidade, né? Porque o tempo se encarrega... (...) mas a gente se fala direto, meu pai está passando por problema de saúde. Ainda hoje a gente se reúne, nós nos cotizamos. Meu pai tinha um padrão de vida legal, não conseguiu manter, evidentemente, então, os filhos dele, que estão em condição de ajudar, ajudam. A gente faz um rateio lá. Gasta tanto por mês, vai dar ó, dividido por sete. Mas, nunca os sete podem contribuir, né? Eu sempre contribuí, ainda bem, [bate três vezes na mesa] durante todo o tempo e com todo o valor, mas tem sempre um desempregado, tem um cara que separou da mulher, sempre está tendo... mas a gente é superunido nessa história, quando um não pode o outro corre, o outro ajuda. (...) A gente se reúne sempre [pausa] qualquer questão pra resolver, meu pai que está tomando remédio, precisando de gente pra cuidar... [Vocês decidem juntos?] Decidimos juntos.”*

Paulo pensa em voltar a estudar, mas se pergunta o que seria interessante para a sua área de atuação. Na carreira de advogado, na área em que atua, os “diplomas”<sup>10</sup>, diferentemente de outras carreiras, não são tão importantes para o sucesso profissional. Um profissional cresce dentro dos escritórios mais pela sua experiência e competência (e sucesso dos seus casos) que por ter feito essa ou aquela especialização. Com relação aos seus planos futuros, ele pensa em poder seguir com o plano de ter o seu próprio negócio, o seu próprio escritório.

---

<sup>10</sup> Refiro-me aqui a uma tendência do mercado corporativo de valorizar, às vezes desmedidamente, um acúmulo de especializações em detrimento da experiência e do aprendizado profissional.

*“Nessa linha da qualidade de vida, [eu tenho vontade de] conseguir alavancar meus próprios negócios, não sei se montando uma pessoa jurídica que eu seja o cabeça, eu puxe os outros. Talvez. (...) Se eu conseguir fazer esse giro próprio, puxar as minhas coisas e puxar mais gente, beleza! É com isso que eu conto. (...) ser dono do meu próprio destino, do meu próprio nariz, é inédito. [Até hoje foi] sempre direcionado, sempre com um guarda-chuva te cobrindo. (...) Às vezes amigos meus falam ‘Bicho, você está louco! Escritório! Eu prefiro trabalhar numa empresa das nove às seis e não levo os problemas pra casa, e também seis e um ninguém vem encher o saco porque acabou!’ (...) [Mas] Acho que eu tenho perfil. (...) [O que acredito] é fazer o seu trabalho com a sua responsabilidade. Não adianta nada o cara ficar lá das nove às dezoito e [não fazer nada] o dia inteiro. Prefiro contar com uma pessoa que fique das dez às dezesseis e nem almoce, mas, (...) tirou da frente, fez tudo. Isso pra mim é o que importa. (...) Acho que funciona melhor, não sei. Então, é questão de filosofia.”*

Com relação às transições, Paulo afirma nunca ter ficado períodos longos sem trabalhar. Sempre procurou cuidar das suas transições. Mesmo quando a situação em um emprego não estava boa, começava a se movimentar para sair e assim não ficar desempregado.

*“(...) Eu sou meio medroso também, não pulava do nada de uma coisa sem ter outra amarrada antes, né?”*

## **b) O mercado de trabalho e o futuro**

Com relação a como percebe o mercado de trabalho, Paulo dá ênfase para a questão da competitividade exacerbada dos nossos dias. Traz também a questão da pressão das empresas com relação à facilidade da substituição de um profissional por outro. De como a existência de um exército de reserva é usada para pressionar o profissional a tentar manter seu emprego a qualquer custo. E aqui ele parece falar de uma vivência mais próxima da sua realidade profissional, quando fala que nem todo mundo é leal, que não se pode mais falar de uma realidade das relações profissionais e de mercado com base em valores morais. Levanta também outro aspecto bastante próximo às suas relações profissionais. Fala da frivolidade que percebe nas relações em geral e como isso também aparece nas relações de trabalho. E

em como muitas vezes a fama de uma empresa, ou dos seus frequentadores ou clientes pode ser mais valorizada do que a qualidade do trabalho que oferece.

*“Isso (...) é jogado na cara das pessoas, se você sair daqui tem fila, sabe? (...) põe duas pessoas pra ganhar a metade do que você ganha, vão fazer teu trabalho, vão se dedicar muito mais. (...) Acho que o mercado está muito competitivo demais, é uma coisa inescrupulosa já. (...) Pro cara garantir o seu ali, não é todo mundo que é leal, não é todo mundo que tem uma conduta, não. Não importam os meios... (...) Eu acho que assim, nas crises que havia sempre dava uma pioradinha. Mas agora meio que ficou institucionalizado o negócio. (...) A globalização dizem que é o novo nome do que a gente chamava antes de imperialismo. (...) Agora tudo é mercado.”*

Quando falamos das expectativas que tem em relação ao futuro dentro dessa perspectiva do mundo do trabalho, ele traz um olhar para a mudança. Não para logo, nisso ele se diz até pessimista, mas traz a idéia de que haverá um limite para as relações como estão postas. E, em última instância, o limite se dará pelos recursos naturais. Mas aponta também a relação desigual entre os países mais ricos e os países mais pobres, em que sempre haverá espaço para o que chamou de “sobrevivência do mais forte.”

*“Não tô muito otimista não, viu. Ainda tem muita lenha pra queimar nessa direção, antes de começar a buscar. (...) [Mas] eu acho que vai mudar. Vai mudar porque vai exaurir o que a gente tem de recursos naturais, de tudo. (...) [Mas também] você fala, o terceiro mundo é superatrasado! Aí você vai pra Europa e a entrada pra quem é da comunidade, um euro, entrada pra quem não é da comunidade, vinte e cinco euros (...). A gente paga para os caras que já estão lá em cima no bem-bom. (...) Mas é muito pra fora mesmo essas medidas todas. Eu não tô muito otimista não, mesmo com a possibilidade de exaurir mesmo tudo que tem. Mesmo assim, sempre vai ter essa coisa de sacanagem (...).”*

Quando fala dos desafios que essa nova realidade impõe, Paulo se volta para a questão dos valores éticos e morais nas relações de trabalho. Que é preciso ser coerente com seus valores e com o seu julgamento, mesmo que isso faça com que você saia prejudicado em uma situação. Aponta a importância de você poder olhar no olho de uma pessoa e justificar o porquê de você ter tomado determinada decisão.

*“Então é aquela história, você faz a sua própria lição de casa, você pode fazer ela bem-feita, ser coerente, ter uma linha, que fica muito mais fácil lá na frente você justificar uma coisa que não aconteceu . (...) Então, se você tem essa linha de conduta, a culpa pode ser sua, mas ela é coerente com aquilo que você no momento julgou ser o melhor.(...) É melhor você se ferrar ali no dia a dia, no varejinho, mas é melhor ter uma conduta ética legal, que você consiga falar: “É assim mesmo, eu sou assim”, do que você ficar com ponta solta lá atrás. Você não vai conseguir se justificar.”*

Ao pensar no jovem que entra no mundo profissional, ele aponta para a necessidade de o jovem trabalhar com algo que ele goste de trabalhar. De seguir um caminho profissional que seja coerente, senão, como coloca: *“vai ser trabalho dobrado, ou você vai ser infeliz, ou você vai começar de novo com trinta e cinco.”* Mais uma vez pensando nos jovens de uma determinada classe social, em que todas as possibilidades estão à disposição, entende que é possível para os seus filhos, por exemplo, buscar fazer algo que gostem de fazer.

*“Acho que o mandamento número zero seria esse, fazer uma coisa que você goste, né. E, se você fizer uma coisa que você goste e te dê dinheiro... coisa maravilhosa! Não tem coisa melhor. Pô, ainda eu sou uma pessoa muito feliz, eu faço o que eu gosto (...) Então, acho que se você conseguir juntar os dois, pelo menos faça aquilo que você goste mesmo...(...) E a vida, ela dá tempo de você fazer as coisas. Na verdade, a gente é muito apressado, eu acho. A gente tem muita pressa de ficar rico rápido, de ganhar dinheiro rápido, de comprar uma casa rápido. Calma! Vai tocando sua vida, (...)mas não perca de vista aquilo lá, que é legal.”*

### **c) O futuro para o filho**

Paulo levanta, inicialmente, um lado positivo e um lado negativo da personalidade do filho que ele precisaria trabalhar. Desenvolver mais o positivo e cuidar mais do negativo.

*“Eu acho, por exemplo, que ele é um cara sociável. Ele é muito reservado, é meio caladão, mas ele é um cara superesperto, sociável, tal. Então, se ele conseguir espalhar mais essa sociabilidade, se ele conseguir mostrar pras pessoas que ele é um cara aberto, que ele se dispõe a ajudar e etc etc, (...), então, eu acho legal. Bom, agora (...) tem um ponto que ele é muito agressivo*

*principalmente com a mãe, comigo também. (...) Pelo que eu vi assim de rabo de conversa, (...) tem hora que ele dá umas patadas nos amigos a troco de nada. Não tem nada a ver. Então, é uma coisa que ele pode melhorar, não sei se é por causa do treino de handebol, se (...) é muito contato. Ele é meio assim mesmo com a irmã sabe. (...) Então, eu acho que essas coisas que eu acho que se ele puder ter mais a manha, melhor.”*

Com relação às suas preocupações, Paulo traz a questão da possibilidade do filho se acomodar. De passar a depender dos pais e não ir cuidar do próprio futuro.

*“Acho a única preocupação maior é que o cara não se acomode. Por quê? Porque a gente tem um bom nível social, um bom nível de relacionamento, etc. e etc., e como os filhos são o espelho dos pais, eu falo, (...) se o cara pega essa coisa já meio feita. A Marisa reclama muito do meu ritmo: “Agiliza, não sei o que lá...”, sempre falo, se o cara encostar, se achar que a coisa já está meio pronta, e se ele achar que pode levar a vida muito na flauta, aí não vai ser legal.”*

Sua postura em relação a quando o filho deve entrar na faculdade é diferente do posicionamento da esposa. Considera o Rafael ainda novo, além de entender que ele deve primeiro decidir realmente o que quer fazer.

*“[O vestibular] na cabeça dele talvez não seja uma coisa assim tão preocupante, porque pra ele, o importante vai ser tirar o canudo do colegial, ele vai poder continuar com o treino e meu pai e minha mãe tão falando que eu preciso fazer vestibular. Aí ele vai fazer um cursinho bem-feito. (...) eu falei pra ele se ele passar ótimo, ele faz lá, se não der, ele faz o cursinho. Faz tipo, turmas de maio. E viaja, vai visitar a [tia] lá nos Estados Unidos, fica sessenta dias lá, fica fevereiro, março e volta em abril, sei lá... Não é uma sangria desatada, o cara nem sabe se é mesmo Economia que vai fazer, já falou que era Relações Internacionais, já falou Direito, pensou em Engenharia.”*

Aqui ele coloca quais as vantagens que o filho teria para entrar no mundo do trabalho.

*“Eu acho que ele é muito bom pro relacionamento social, ele é superesperto, ele é inteligente. (...) ele tem uma percepção assim, do que está acontecendo, mesmo que ele não fale, ele saca, ele percebe o movimento, ele*

*tem a sensibilidade de perceber onde que é roubada, aonde que ele vai, aonde que ele não vai, então, ele é bem ligado, ele é bem atento com essas coisas. Então, são grandes vantagens. No mundo de hoje é muito legal, porque ele tem facilidade de relacionamento, e isso é importante, e ele tem a percepção do todo (...). Ele sabe, (...) assim como eu, modéstia à parte, ele sabe mais ou menos quem é do bem, ele percebe a ironia, sacanagemzinha do outro, é um cara bem esperto. (...) Ele é superbom em línguas. Nesse mundo globalizado, isso é hiperimportante né, fala superbem inglês, fala português, fala bem, escreve bem, então são coisas legais, (...) acho que ele tem toda chance.”*

E outra preocupação:

*“(...) não pode dispersar. Foco. ‘Bicho, agora, bicho, trabalho! Teu chefe é uma mala, lembra dele, o cara vai te pegar no pé, então fica esperto!’ Então, acho que vai ter que ter essa chegada nele, mas ele vai, ele vai bem, ele vai bem.”*

Paulo entende que o filho ainda não decidiu totalmente o que quer fazer. Concorde com o filho quando afirma que quando ele decidir, ele vai fazer bem o que fizer.

*“Eu acho que ele não sabe exatamente ainda o que ele vai fazer, mas a partir do momento que ele decidir, eu acho que ele vai bem, vai bem. Eu acho que ele não vai ficar pulando, não vai começar uma coisa, desenganar, fazer outra, não. Talvez ele derrape um pouco, pra descobrir, ah não tem nada a ver com o que ele imaginou antes. Falou de várias coisas, (...) mas se ele encasquetar que é Computação Gráfica, por exemplo, ele vai, vai fazer bem, vai se virar. Eu não fico especialmente preocupado não. Eu acho que só, talvez, a definição demore um pouco mais.”*

### **2.3. Rafael**

#### **a) Trajetória da escolha profissional**

Rafael tem dezessete anos e cursa o terceiro ano do ensino médio em uma escola particular na mesma região da cidade em que mora. No ano anterior passou por um processo

de orientação profissional. Pensa em prestar Economia no final do ano. Define assim seu processo de escolha:

*“Já pensei em fazer Direito, Engenharia e... só. Economia eu nunca tinha pensado. Mas eu vi que é o meio que vai conciliar os dois. Entre o Direito e a Engenharia, vou pra Economia. Porque eu vou ter bastante de exatas, mas eu também vou ter um pouco de ciências sociais, essa parte de mexer com pessoas, assim, que vai ser legal. (...) Vi grade curricular. Por exemplo, na Unicamp chama ciências sociais aplicadas, o curso de economia.(...) Fui mudando de idéia porque eu via que, por exemplo, fazendo direito eu ia perder a parte de exatas, que eu sou bom e fazendo engenharia eu ia perder a parte de humanas, que eu também sou bom.”*

Já pesquisou as faculdades que oferecem o curso e se decidiu por três delas: USP, UNICAMP e GV. Seus critérios pela escolha das universidades passam pela localização, qualidade do curso oferecido, qualidade da instituição e ambiente estudantil. Mais pra frente, na entrevista, levanta outra hipótese que pode tê-lo feito se decidir por Economia. O que pode ser visto no trecho que se segue.

*“Essa parte de economia também pode ter vindo um pouco da minha vontade de saber como o mundo funciona. Que... sei lá, no final economia é dinheiro e o mundo está girando em torno disso, então vou acabar conhecendo... tudo! E eu espero que isso aconteça. Que eu consiga ver.(...)”*

Quando perguntei se não quis seguir outra carreira, trouxe uma questão importante ligada à carreira esportiva.

*“Sempre pensei em ser jogador de futebol, todo mundo já pensou. Sei lá, eu jogo handebol e nunca pensei em ser profissional, porque é muito sofrido, assim, treina mais que jogador de futebol, menos reconhecimento, você não vira profissional, o handebol ainda é um esporte amador (...). E você ganha se você for bom, (...) uns seis, oito [mil reais por mês], (...) mas são duas etapas por dia de quatro horas cada, você meio que morre. E daí tem que ter muito mais resultado, cobrança e a sua vida útil é muito pequena e pra fazer uma coisa ligada a isso depois não é tão difícil, mas não é tão agradável assim, você ter que comer bola todo dia, toda hora, depois dar treino pra não*

*sei quem, acho que não compensa. (...) eu ia ficar meio saturado com isso, já fico meio de saco cheio e só tenho um período de treino.”*

Perguntei se ele vinha se preparando para os vestibulares que pretendia prestar no final do ano e ele me respondeu que não, que não estava se preparando realmente cem por cento, porque sente que ainda tem um caminho para percorrer no handebol, mesmo sabendo que é uma carreira curta.

*“Meio que não foi muita cabeça, assim, porque pro meu futuro seria melhor eu dar uma parada de treinar, fazer um cursinho e passar na faculdade esse ano, mas não, foi coração. [Por que seria melhor?] Ah, porque tudo, a família, ah não, não passei na faculdade esse ano, não sei o que. E sei lá. No final pra mim não é isso que importa. Importa o que eu estou sentindo agora e o que eu sinto é que eu devo continuar a treinar, buscar meu espaço porque é uma coisa que eu vou realizar pra mim. É uma coisa que eu quero fazer. Mais ninguém. E isso pra mim é muito mais importante. E não vale a pena ficar: ‘ai não, o que os outros vão pensar?’ Não. O que vai me fazer feliz é treinar e jogar bem e ir pra seleção. E passar na faculdade também, claro, mas eu acho que a seleção brasileira é agora a minha hora, entendeu? Faculdade eu posso prestar todo ano, se eu quiser.”*

Seu objetivo de seguir a carreira esportiva nesse momento está baseado em uma análise que ele faz do percurso que já percorreu até aqui e das chances que pode ter pela frente.

*“(...) o ano que vem o meu projeto mesmo já estava isso. Treinar bem esse ano que eu sou o mais novo da categoria, garantir a vaga e ano que vem tentar seleção [brasileira], e uma vez na seleção, ótimo. (...) eu já estou titular no time 91/92 sendo 92 e eu fiquei muito feliz quando eu consegui e agora eu quero continuar, não dá pra eu parar agora. (...) Eu acho que, (...) como eu estou titular esse ano mostra que eu sou acima da média já, senão teria um mais velho no meu lugar e não é assim, então ano que vem eu acho que eu posso aparecer mais, tudo mais.”*

Fala a partir da noção de uma condicionalidade que é inerente a essa escolha. Se ele for escolhido, a cada passo desse caminho, então pode continuar nele. Senão, o caminho acaba e ele toma outro rumo. Então estrutura seu projeto de escolha profissional de forma a

conciliar sua escolha imediata pela carreira esportiva à sua escolha de longo prazo pela a carreira de economia. Sabe que a carreira esportiva é limitada e depende não só da sua dedicação, mas também da qualidade do seu jogo. Vai traçando passo a passo, ano a ano o que pretende fazer.

*“(...) Daí tá, entrar na faculdade, daí no segundo, terceiro ano conseguir um estágio pra aprender a ‘fazer’, né? [E você largaria o handebol?] É, acho que sim, mas o tempo ia dar certo. Porque ó: ano que vem, [se] eu já estiver na faculdade. Faço minhas coisas, não sei que. Pronto. Dependendo de como eu fechar o ano eu decido se eu vou continuar treinando ou não. E continuo faculdade, com certeza. Começo o segundo ano da faculdade, se eu tiver resolvido parar de treinar eu consigo fazer um estágio, senão, não. Mas eu acho que pra eu me convencer de continuar treinando eu vou ter que estar muito bem mesmo, (...) ter começado o ano bem, jogar um ou dois jogos pra ver, pra sentir mesmo, pra ter certeza. Porque é uma decisão que pesa também. E depois me formar, conseguir um trabalho, trabalhar, trabalhar, trabalhar.”*

#### **b) Expectativas com relação à profissão**

Com relação à escolha pela carreira de economista, Rafael pensa em algumas possibilidades de caminho que gostaria de percorrer, a partir da carreira de uma figura-modelo, um tio que trabalha no Banco Mundial. Ele não sabe o que o tio faz no seu dia a dia, mas constrói a ideia de que ele é requisitado pelo banco para trabalhar em diversos lugares diferentes. E esse seria um diferencial de sucesso desse tio.

*“(...) eu sempre tive duas coisas claro: ou vou brincar de jogar na bolsa. Ou eu quero trabalhar pra alguma empresa internacional que me deixe viajar, assim, pra vários lugares. Sei lá, eu pego o meu tio que trabalha no Banco Mundial, vive um pouquinho aqui, um pouquinho acolá, e já conheceu bastante, assim, do mundo. (...) Morou em Nairobi, em Roma, em Recife, agora está morando em Washington. E está conhecendo. Sempre faz uma expedição pra não sei onde. E vai e volta, é bem legal.”*

Aqui ele pondera sobre a necessidade de mais formação para seguir uma carreira internacional. E exemplifica isso a partir da necessidade de ter o conhecimento de outras

línguas. No final da sua fala, mostra mais uma vez uma característica importante que marca sua relação com a escolha de carreira, quando diz que quer ser bom no que fizer. Então, fazer apenas o que é o suficiente para atender as necessidades do mercado não está nos planos que traça para a sua carreira.

*“É, mas eu também penso, pra fazer isso daí eu tenho que ter mais umas duas, três línguas, o inglês e daí, sei lá, um espanhol, (...) um francês, um alemão, sei lá. (...) E é um negócio de ver qual que seria mais adequado. Pro negócio. Por exemplo, se eu entrar em um banco mundial da vida, (...) a terceira língua é a que vai definir os lugares que eu vou poder ir. Então eu tenho que pensar bem isso. [...a língua comercial é o inglês. Resolve.] É. Mas eu não quero que resolva, quero ser bom no negócio.”*

Mais adiante, faz outra afirmação, no tom de brincadeira, mas que revela mais uma vez sua postura frente às suas escolhas. Quando perguntei se ele achava que sendo assim seria um cara que teria sucesso, ele respondeu, em tom de zombaria, mas de bate pronto:

*“Eu acho que eu vou ter sucesso independente do que eu resolver fazer [risos].[e depois explicou] Não é modéstia. O problema pra mim sempre foi decidir o que fazer, porque uma vez decidido, (...) não é que não importa se vai ser bom ou vai ser ruim, agora, depende de mim, entendeu? Tipo: o que eu quiser fazer vai depender de mim, o meu sucesso vai depender da minha capacidade, do quanto eu tiver disposto pra fazer isso. E... uma vez decidido é só escolher o caminho que eu vou, assim. (...) Vou fazer. Fazer o que é certo, sem ferir o que eu acho certo, os meus valores, os meus princípios e vou continuar, assim. Quem não gostar, não gostou. Fica no caminho, entendeu?[risos]”*

Com relação ao que seria uma rotina possível de trabalho para um economista, uma vez profissional, Rafael trouxe a idéia de ir todos os dias para o trabalho, fazer seu trabalho e voltar para a casa. Quis saber então o que ele achava dessa idéia.

*“Eu acho ótima! Assim, muito ócio eu ia ficar maluco, mas muito trabalho também eu ia ficar muito maluco. Então é bom assim: trabalhar, descansar. (...) Mas eu também sempre fiz umas loucuras assim, ah, resolvi trabalhar três semanas direto. E trabalhar, trabalhar, trabalhar e depois, ah, beleza, tirar umas férias.”*

Para o jovem, a idéia de trabalhar cada vez com um projeto diferente parece não só possível, como também atraente. Para ele o conceito de descontinuidade não aparece como gerador de ansiedade, ao contrário, é visto como algo esperado, para o qual é preciso se preparar. E traz pontos positivos e negativos, mas basta saber com o que está lidando para dar conta e ter sucesso. Perguntei então o que seria para ele ser um profissional bem-sucedido.

*“Tirar um dinheiro, claro, mas, por exemplo, não é o fundamental. É conseguir de novo esse negócio do equilíbrio. Conseguir ter um tempo pro trabalho, assim, pro ciso e um tempo pro riso mesmo. Ficar numa boa, assim, que eu gosto de...sei lá... ficar na praia uma semana sem fazer nada.”*

E quem seriam seus exemplos de profissionais bem-sucedidos?

*“Ó, eu tenho dois alguéns. Tem o meu vô. Que construiu a empresa que o meu bisavô criou. Ele e os dois irmãos fizeram a transportadorazinha lá [da cidade do interior] virar uma [grande] empresa. (...) eu acho que ele foi bem-sucedido, assim, um fruto do trabalho dele, (...) não tem nada mais digno. E o meu primo, agora (...), pra eu dar um balanço. Que se formou aqui numa faculdade que eu não lembro qual era, foi pra Inglaterra fazer um curso, e (...) ficou dois anos lá. Começou a trabalhar num pub pra pagar o curso, os caras gostaram dele, ele acabou o curso, continuou no pub, não sei que, hoje ele é tipo gerente honorário do pub e os caras querem que ele volte, tudo o mais. Ele voltou pra cá, isso faz uns dois, três anos (...), começou a trabalhar com um negócio meio novo, tipo assim: sua empresa precisa de um lugar pro funcionário ficar durante uns dias na cidade, ele tem um flat, assim, uma coisa com preço tipo de hotel, mas mais legal que hotel, tudo. Ele começou a fazer isso e daí ele começou a mexer com computação gráfica (...) e ele sempre fala que ele trocaria com certeza a faculdade dele por vários cursos assim, aleatórios. (...) Eu acho que ele fez Eventos, tanto que ele trabalhou um pouco pro governo, fez uns shows de RAP que ele me chamou. E eu acho que ele é um cara que tipo, se adequou (...) um cara mais moderno assim.”*

Então ele fala de duas pessoas que tiveram muita iniciativa no curso das suas carreiras. Entende o conceito de sucesso inicialmente a partir desse ponto de vista. Que o crescimento profissional advém do esforço individual principalmente. O ganho financeiro, no sentido do acúmulo de riqueza, mais uma vez não aparece como sinônimo de sucesso ou

fracasso. Ainda que sim, tenha relação com ser remunerado pelo seu trabalho. Essas duas afirmações ilustram seu ponto de vista.

*“(...) não adianta nada, você não vai ficar lá: osmose, ameba e o teu trabalho vai ser feito, ou você vai ficar lá e vai cair uma promoção no seu colo. Você não vai conseguir nada fazendo nada. É o seu único resultado: você não faz nada, você não ganha nada. Eu acho que pra mim é simples assim. Eu acho que de um jeito ou de outro o seu esforço vai ser recompensado.”*

*“É (...) importante também tirar um dinheiro bom, assim. Porque você não vai ser feliz morando num barraco. Você pode ser feliz, mas você... você não gosta. Não vai ter alguém que fale: nossa, eu gosto aqui da minha casa de pau-a-pique. Ninguém vai falar isso. Eu acho que você tem que ter algumas metas e, vamos dizer assim, ir procurando seguir elas. E não adianta você ah, mirar na lua direto. Tem que ir no seu passinho, assim, e você vai chegando. Vai chegar uma hora que você vai acostumar a andar (...) e vai chegar. Não precisa ter pressa nem nada. É só (...) ter sempre isso em mente, né? Isso só funciona se tiver sua meta clara e se você não ficar com preguiça, (...) deixar meio de lado. Você tem que fazer.”*

Aos poucos relativizou o conceito de sucesso, trazendo a idéia de remuneração como uma ferramenta necessária para a manutenção de um estilo de vida. Então um trabalho não obrigatoriamente remunerado, em que pudesse fazer o bem para outra pessoa, seria mais interessante que um trabalho só para o crescimento pessoal.

*“No final não importa, fazer bem pra alguém te deixa muito melhor que fazer bem pra você mesmo. No final é um pouco de egoísmo você ser ah, vou ficar pra mim só.”*

### **c) Configuração familiar e visão de futuro**

Rafael fala da família paterna. Nela as histórias profissionais familiares não são transmitidas abertamente. Relata que seu pai tem uma relação muito próxima com seus tios, e que percebe quando as informações são passadas. Mas só fica sabendo o que realmente aconteceu quando escuta no banco de trás do carro, por exemplo, os pais conversando. Então

sente liberdade de perguntar para o pai sobre alguma situação profissional, mas não sente liberdade de falar diretamente com o tio que está passando por ela.

*“Na minha família eles escondem muito assim, quando ta maaal. (...) É todo mundo meio família mesmo. Então meio que se espera já que você saiba como o outro está. É meio estranho isso, mas é e acaba funcionando assim. Que meu pai sabe: ele olha pro irmão dele e tipo ‘é, já sei o que está acontecendo’. E eu não faço idéia.”*

Conta de outras formas de transmissão de tradições e valores familiares que identifica e também da relação do seu pai com os irmãos de idade mais próxima. De como características da criação do seu pai foram transmitidas para ele e para os primos. E celebra esse vínculo, como também confirma a eficácia da didática utilizada com eles. Em um movimento de cumplicidade com o pai, os tios, o avô e os primos.

*“Daí os homens são companheiríssimos. E eles faziam as mesmas brincadeiras idiotas com a gente quando era pequeno. (...) eu acho demais o que meu tio conseguia. Inventava uns problemas na hora, assim, pra mim e pros meus primos, de lógica, (...). Tipo: não via o tio de ninguém fazer isso. (...) Porque ele (...) sempre ganhava a gente pela inteligência. E daí quando a gente adivinhava, a gente ficava hiperfeliz, né. (...) E meus tios todos falam que meu vô fazia isso direto, que o método de criação do meu vô era completamente maluco, uma coisa meio maluca que ele inventou de tipo: fazer um irmão competir com o outro, mas pros dois, por eles mesmos, aprenderem. (...) E no final eles acabavam se ajudando (...). E deu muito certo isso. E eu acho que meus tios tentaram fazer isso e funcionou. Todos os primos são mais rápidos, assim, pensam, é bem legal.”*

Quando se refere ao sucesso profissional dessa família, busca pensar a partir do critério da pessoa estar satisfeita com o que faz, ser reconhecida pelo seu trabalho e ser remunerada por isso. Entende que é uma família bem-sucedida no geral, com alguns apontamentos relacionados à falta de um desses critérios, como um tio que é bem remunerado, mas não é devidamente reconhecido pelo que faz. Então traz um olhar interessante relacionado a maiores conflitos familiares que percebe não existirem na família, o que a torna, no seu ver, uma família saudável.

*“Não tem aquele tio bêbado que é parasita de ninguém. Todo mundo faz o seu, não sei que. Todo mundo tem carro. Todo mundo tem casa, todo mundo consegue pagar o aluguel.”*

Já na família materna, traz mais uma vez um relato de harmonia e união, quando se refere à família mais próxima, seu avô, seus tios e primos. Mas, como sabe dos acontecimentos na empresa da família, através do relato da sua mãe, formula outra opinião. Da mesma forma que não percebe nenhum problema com os parentes mais próximos, se mostra alarmado com os conflitos da família mais alargada relacionados à empresa.

*“(...) Ah, não, minto! Minto completamente! Porque a empresa é dos três, né. E não é só minha mãe que trabalha lá. Ela tem vários primos que também trabalham. E como são os três e hipoteticamente mandam igual, eu fico sabendo porque a minha mãe vem falar comigo. Mas acho que ninguém mais sabe, assim, eu sei porque eu sou, tipo ‘especial’. Mas dá pra ver que tem muito problema lá dentro (...).Acho que não tem nada a ver e agora também não adianta tentar mudar.”*

Rafael mostra-se preocupado com o avô quando fala da venda da empresa familiar.

*“(...) Vendeu agora a empresa. (...) Ah, meu avô está triste. Porque é a vida dele! E ainda agora junta que ele está parando de fumar. Ele fuma desde os dezoito. São 56 anos fumando (...) Fumando todo dia, fumava dois maços por dia. E parou agora. E parou de beber também, parou de tomar café, então foi tudo assim pá. Ele está meio fraquejando, aí, mas ele tem que tentar. Ele vai conseguir.”*

Então Rafael se coloca como profissional e pensa como seria sua inserção profissional. Num primeiro momento, logo depois de formado:

*“[pausa] [Eu me imagino] Normal. Nada demais nem de menos. Como eu me imagino? Ah, espero que já me encaminhando assim, pra dentro de alguma empresa. Não acho que eu vá fazer que nem meus primos, um mestrado, uma coisa assim.”*

Em um segundo momento, já trabalhando, cerca de cinco anos depois de se formar.

*“Subindo. Subindo sempre. Em alguma empresa e subindo. Não estatizado<sup>11</sup>. Se estiver em uma empresa em um cargo meio chuleta e uma outra empresa: ah, tenho um cargo legal, não sei o que. Acho que eu ia resolver ir pra lá. (...) eu não tenho muito problema em arriscar, assim. Eu acho que no final eu sempre acabo escolhendo bem. Eu fico ah, será que eu arrisco, será que eu vou fazer. Daí no final eu olho e eu acabo sabendo. Assim, a minha intuição fala bem, assim, o que for. Daí eu acho que eu vou saber escolher o que fazer.”*

No final da entrevista, Rafael falou de como imaginava que poderia ser o futuro do mundo. O que ele achava que ocorreria com o mundo do trabalho. De pronto, falou de mudanças imediatas, baseadas em um olhar bem informado sobre o que está ocorrendo no mundo agora.

*“Bom, não sei... uma coisa que eu tenho certeza é que com esse negócio do pré-sal e afins, se você resolver fazer geologia, qualquer coisa dessas insuportáveis que ninguém quer fazer – que eu acho que ninguém quer examinar terra pra vida. E você vai e você vai ganhar uma fortuna. E você vai com certeza ganhar bem e vai ter trabalho pra até umas horas.”*

Em um segundo momento, voltou-se para o que considera que seria uma formação mais adequada para o profissional do futuro, aproximando-se da idéia do seu primo de fazer vários cursos diferentes. Uma formação mais elaborada pelas escolhas do aluno e não rigidamente imposta.

*“Não sei. [pausa] É uma coisa agora, uma coisa meio por cima que eu pensei agora, nunca tinha pensado nisso, mas acho que vão cada vez mais tentar investir numa, não numa [pausa] calma! [pausa] não numa carreira assim, mas em cursos na faculdade que não te fechem. Não te limitem a fazer uma coisa. Talvez tirar algumas disciplinas tão específicas e por algumas coisas como matemática, uma coisa que: ah, você vai pensar e vai começar a fazer exercícios que vão estimular a sua lógica. Umas coisas assim. Ah, você vai ver assim: hoje você vai pra Arábia Saudita e vai fazer não sei o quê. Pra você ver como é que é o negócio. E umas coisas assim, que te dêem esse outro olhar. Que é muito importante. Porque cada vez o mundo está menor. (...)*

---

<sup>11</sup> Aqui o entrevistado provavelmente queria dizer estagnado.

*Porque tem o lado ruim que algumas culturas podem desaparecer, e perder a identidade, mas eu acho que o pessoal tem que ficar atento aí pra não deixar desaparecer. 'Ah, eu tenho a minha, a sua é legal, mas a minha também tem um valor.' E poder aprender o máximo que você puder com todas as outras. Com o que tiver você tem que ver, pra aprender."*

## 2.4. Análise

O primeiro fator que chama a atenção nessa tríade familiar surge na relação que Rafael constrói com a carreira esportiva. Seu discurso é coerente e ponderado, fruto de um exercício constante de questionamento dos seus projetos profissionais. Tem consciência da efemeridade da carreira esportiva, mas também percebe ser esse o momento de investir nela para poder viver o máximo do que esta puder lhe proporcionar. Não tem sonhos impossíveis, mas aspirações reais, que podem se concretizar, ainda que uma delas seja fazer parte da seleção brasileira. Faz uma análise ponderada das suas chances de sucesso e fracasso e tem no projeto de escolha de faculdade o seu "plano B", mas também em dinâmico processo de estruturação.

Essa mesma coerência no discurso está presente na fala da sua mãe, que vive uma transição em sua carreira, mas analisa o momento em que se encontra e as necessidades e oportunidades que tem pela frente. O mesmo se observa no passo ousado dado por Paulo, que vive seu momento de transição, com o planejamento possível e sem desespero. A ausência do aspecto dramático no discurso em momentos de transição de carreira é comum aos três membros da tríade familiar.

Paulo traz uma preocupação com a falta de princípios e a superficialidade das relações no mundo atual e mostra a importância que valores como honestidade e lealdade têm para o seu projeto de carreira. O filho fala também de buscar uma possibilidade de futuro em que possa viver segundo suas crenças e valores.

Tanto Marisa como Paulo apresenta um posicionamento agressivo com relação às suas carreiras, no que se refere a se apropriarem das suas decisões, e traçarem suas estratégias de carreira em sintonia com as características do mundo moderno. Ambos assumem riscos,

mas o fazem de forma cuidadosa, calculada, dando um passo por vez, sem perder de vista o objetivo mais ao longe. Rafael, por sua vez, toma para si a elaboração das estratégias com relação à carreira como jogador de handebol, ou como economista, passo a passo, ao mesmo tempo que se mostra fiel das suas capacidades para obter sucesso.

Rafael fala da importância de aprimorar o seu conhecimento, de acordo com suas metas de carreira, para poder ter mais oportunidades, como no exemplo que dá da carreira internacional. Marisa, do lugar de empresária, apresenta um mundo exigente, usando a si mesma como exemplo, que demanda diferenciação. Também Paulo considera a necessidade de observar as demandas externas quando aponta as chances do filho que já possui algumas habilidades desenvolvidas.

Quando fala em pretender ter um bom retorno financeiro pelo seu trabalho, Rafael coloca isso como algo menos fundamental que a conquista do equilíbrio entre o trabalho e o lazer, mas não descarta a sua importância. Paulo, que atualmente monta seu negócio próprio, não o fez na louca, nem deixou de ter um bom retorno financeiro, ainda que não ganhe o mesmo que na época das vacas gordas do escritório em que estava.

O trabalho é visto pelo jovem como positivo e não gerador de sofrimentos ou angústias. Marisa coloca a sua “necessidade” de trabalhar quando fala da sua energia para o trabalho, Paulo coloca também a questão do encontro da satisfação pelo trabalho. Nessa família o trabalho é um valor, não um fardo.

Os três falam da necessidade de ir devagar, passo a passo para fazer as conquistas de carreira com foco e persistência, mas sem pressa e sem pular as etapas importantes para o aprendizado.

Os valores familiares e a transmissão dos mesmos aparecem nas falas de Paulo e Rafael a respeito das lembranças familiares e também na fala do jovem a respeito da preocupação com o avô. Outro aspecto é o cuidado com os membros mais velhos da família como um aspecto importante dessa organização familiar em relação às famílias de origem tanto de Marisa como de Paulo. E presente também na fala de Rafael.

O conceito de sucesso de Rafael é baseado principalmente na satisfação trazida pelo trabalho e no reconhecimento pelo mesmo, mais que na quantificação do retorno financeiro.

Tanto Marisa quanto Paulo vivem a satisfação trazida pelo trabalho e o reconhecimento dentro da medida de cada profissão.

Ambos os pais concordam que a habilidade social do filho é um fator importante para o seu sucesso profissional. Marisa traz relatos profissionais de negociações comerciais e familiares, bem como de operar conflitos dentro da empresa. Paulo conta que utilizou suas habilidades sociais, por exemplo, em duas das suas transições de carreira em que recorreu a conversas com amigos além das habilidades como negociador nas empresas que atende. Eles vivem a importância da sociabilidade como fator de sucesso profissional.

Rafael levanta a que o seu problema é decidir o que fazer. Uma vez decidido, sabe que terá sucesso no que fizer. O mesmo é colocado por Paulo, com as mesmas palavras e em parte por Marisa quando afirma que confia que o filho tem condições de fazer as suas conquistas, apesar de suas apreensões com relação à postura mais “relaxada” do filho com a vida.

Esse fator é também uma preocupação de Paulo, que identifica em si mesmo essa postura e traz a preocupação de que o filho, dada a ausência da necessidade pela batalha pelo sustento, se acomode debaixo do guarda-chuva dos pais.

Rafael traz a valorização da iniciativa empreendedora do avô empresário, mas também valoriza a adaptabilidade e o dinamismo “modernos” do primo. As conquistas familiares profissionais, além das afetivas, são valorizadas por ambos os pais.

A correlação do discurso de pais e filhos é bastante alta nessa família, que tem pais presentes não só no acompanhamento e respeito pelas escolhas do filho, como também das próprias carreiras.

### 3. Maria, Hélio e Miriam

#### 3.1. Maria

##### a) Trajetória profissional

Maria, mãe de Miriam, tem cinquenta e cinco anos e é psicóloga. Sua escolha por psicologia começou cedo, desde o ginásio. Pensava em ter uma formação humanista, então fez uma faculdade que acreditava, à época, lhe daria essa formação. Durante a faculdade chegou a trabalhar em uma pré-escola por dois meses, sendo essa a sua primeira experiência profissional. Relata ter feito pequenos trabalhos antes com finalidades pontuais, o que classificou de “bobagens”.

Conta que se envolveu muito com a faculdade, tendo trabalhado como monitora desde o segundo ano e acredita a esse envolvimento ter sido convidada, ainda cursando o quinto ano, então já bacharelada, para dar aula na mesma instituição. Conta que então não viveu a transição entre a condição de estudante para a de desempregada e então a de profissional. Quando efetivamente se formou, já estava dobrando sua carga horária. Permaneceu lecionando nessa instituição por onze anos.

*“E foi um mergulhão, eu fiquei lá onze anos. Eu amava, amava. Acho que tudo o que eu tinha fantasiado em termos de educação, ali eu realizei.”*

Ao final desse período, em uma reforma da universidade, o curso que dava e no qual tanto gostava de lecionar, deixou de existir. Então ela foi transferida para outra área do curso de Psicologia. E foi aí que desanimou.

*“(...) falei, bom, isso é possível, mas eu não tenho nenhuma emoção especial em fazer isso. Isso é um emprego. E eu passei a dar [aula] também na faculdade, que eu dava desenvolvimento três. E também eu podia fazer aquilo, minha área era bem desenvolvimento, mas [pausa] a utopia eu tinha perdido. E por algumas outras circunstâncias pessoais, a Miriam chegando. Então onze anos depois eu pedi demissão. Em meio ao coro de: ‘Louca, sua louca! Você vai jogar um emprego fora.’”*

Mas outros fatores contribuíram para a sua saída.

*“Aconteceu que nesse meio tempo, (...) logo que eu me formei de verdade, eu fui procurada por uma menina que tinha, no tempo de faculdade, você aplica teste, faz aquelas coisas da clínica obrigatória, estágios. Uma menina que eu tinha aplicado TAT me procurou e ela falou: ‘ai eu soube que você se formou e eu quero fazer terapia com você’. ‘Mas eu não atendo clínica.’ Não, mas eu quero você.’ Ela tinha entrado na psicologia e tinha vindo me procurar. Bom, clínica não era a minha praia, mas uma amiga minha que tinha aberto consultório com todas as horas ociosas falou: ‘não, atende na minha sala, vem, experimenta, tal. E eu topei, falei, vou aprender. Peguei uma supervisão e comecei. E adorei. (...) e o consultório foi crescendo, assim, dois pacientes num ano, três no outro. E aos poucos foi invertendo com a [faculdade], foi ficando o difícil de encaixar. Eu sei que quando o Diego nasceu eu já estava diminuindo a [faculdade] pra encaixar o consultório”.*

O nascimento do primeiro filho concomitantemente com as mudanças ocorridas na faculdade e o crescimento do consultório levaram Maria a fazer uma primeira mudança de carreira. Assim que voltou da licença, ela passou a trabalhar em um atendimento à comunidade da faculdade, um trabalho que durou até o término da gestão. Fez o período de adaptação do filho na creche intercalando mamadas com o trabalho na faculdade e com o consultório.

*“Nesse período, o que aconteceu de diferente? Com o Diego eu ainda fazia uma investida acadêmica grande. Por exemplo, eu entrei no pós. Fiz lá um mestrado, (...) mas era muito enrolado. Era assim: começava aquela idéia de que todo mundo que dava aula ia precisar uma hora fazer. (...) Daí você levava sete anos fazendo mestrado. Era assim. Eu acho que eu fiquei uns quatro, cinco anos e não terminei. [risos] (...) fiz o projeto, fiz a pesquisa, (...) só não fiz a tese. Porque a coisa foi enrolando, foi enrolando. Quando chegou a hora de escrever definitivamente, pintou a Miriam. Foi uma gravidez de risco, eu fiquei bastante tempo de repouso e eu falei quer saber? Vou largar a tese, aliás, pra que a tese, vou largar a [faculdade]. Aí me convenceram a pedir licença, uma maneira mais moderada. Fiquei dois anos de licença, suficiente pra ver que eu não ia voltar. E foi um tempo de experimentar ser só clínica. Para todo o sempre. (...) aí sim eu tive mais tempo pra estudar. Aí eu*

*fiz especialização, (...). Fiz vários cursos dentro da abordagem Junguiana, lá. Atualmente eu faço [formação]. Então daí entrou numa enganchada.”*

Aqui conta como voltou a fazer mestrado.

*“Depois, lá às tantas foi uns seis anos atrás, ou sete. Me deu vontade de fazer pós de novo. (...) Miriam no ginásio, Diego no colegial, e fui (...)”*

Conta que em um período da sua vida, viveu a ausência de trabalho remunerado, mas não exatamente um desemprego. Porém, a decisão que tomou teve repercussões sérias para a sua retomada profissional. Mas Maria conta isso sem assombro.

*“Eu tive um momento. Que foi assim uma ousadia também. Uma segunda ousadia. Porque a primeira foi aquela de pedir demissão. Quando a Miriam tinha quatro anos, então cinco anos depois que eu tinha saído (...), o Hélio teve uma oportunidade de uma bolsa sanduíche. Ele fazia doutorado e ia completar com um ano nos Estados Unidos. E aí fomos todos. A gente viveu um ano fora e eu fechei o consultório. Também sob gritos de: ‘sua louca! Pra seguir marido! Como se fosse: a coisa menor!’ ‘Abri e quando voltar abro.’ E foi exatamente o que aconteceu. (...) Aí eu fui e fiquei um ano lá. De verdade eu não fiquei sem trabalhar por uma sorte. Porque quando eu estava lá há um mês e meio, dois, me telefona uma moça, assim, falando em português. Eu não esperava. Falando: ‘é, eu soube, eu tive a sua indicação, você está morando aqui (...), eu moro aqui há muitos anos, mas eu quero fazer terapia na língua mãe. Você faria?’ Eu falei: ‘como é que você chegou em mim?’ A mãe da moça conhecia uma moça que era minha amiga. (...) Então eu acabei atendendo essa moça na casa dela, porque ela morava sozinha, eu não tinha um espaço meu e atendi, dez meses. Então eu tive um paciente, pra não dizer que eu não trabalhei. E lá (...) estudei inglês, fiz outras coisas. Mas foi, assim, um ano sabático, em que eu praticamente, quase não exerci a profissão. Um dia por semana.”*

Então colocou-se a questão de como ela teria vivido essa mudança tão radical.

*“Engraçado porque assim: tem uma cara de perigo, né? Não sei, eu sou muito tranquila mesmo. [você não viveu isso como um perigo?] De jeito nenhum. Senão eu não ia. Eu fui por que eu quis. Eu estimulei o Hélio pra essa bolsa, vai ser bárbaro pros seus filhos.”*

Quando retornou da viagem, retomou o consultório aos poucos.

*“(...) eu nunca corri atrás de segurança. Acho que é isso que me deixava tranquila essa hora. Não era que eu tinha um background que segurava. Viver de bolsa, lá, imagina! Quando a gente voltou, no primeiro ano aqui os meninos voltaram pra escola por generosidade da escola. Naquele ano, das doze mensalidades a gente ficou devendo sete. Era um caos. Porque eu voltei e abri consultório. O que aconteceu? Dois, que não tinham aceitado os encaminhamentos, voltaram. Quase um ano eu fiquei com esses dois. Fui fazer curso. No outro ano veio o terceiro.”*

Então, por um bom período a família ficou praticamente vivendo só da renda do Hélio.

*“Que é professor e aqui você sabe professor como é. (...) acho que tem a ver no fundo, não é porque ah, tudo vai dar certo. É porque no fundo eu lido bem com a precariedade material. Ah, se faltar dá-se um jeito. Eu não fico apavorada se não der pra comprar isso ou aquilo. (...) É assim, eu acho que eu sempre pensei assim. A formação que me deu emprego até hoje não vai embora de mim. Quer dizer, vou conseguir prestar um serviço de alguma maneira.”*

Maria coloca aqui sua maneira de enxergar as mudanças na sua carreira e na sua vida.

*“De uns anos pra cá, depois de 2003, eu voltei a dar aula, mas pontualmente. Eu dou um curso (...) que é um curso de especialização da abordagem junguiana (...). Não é graduação, é pra pessoas formadas. Uma noite por semana. Estou como professora convidada. Pode ter, pode não ter. Não é uma coisa estável. Mas eu acho que assim, o que você planta, segue dando, Eu acho que a gente, se tem que apertar, a gente aperta. Eu acho que eu valorizo mais, assim: ‘ame o que você faz, faça inteiro, faça bem-feito, tal, tal.’ Pode demorar mais, pode demorar menos, mas vai [ter o retorno]. E um pouco isso acho que está na postura que me orientou tanto num processo loooongo de escolha do Diego e depois da Miriam, também. ‘Não se estresse por isso. Vai achando seu caminho.’ Porque, quer dizer, se eu fiz isso comigo é natural. Essa coisa de fazer uma escolha pensando em como está o mercado, não sei que. Eu acho que tudo isso tira muito a pessoa do eixo e*

*nem vai ajudar de verdade, é muita adequação. (...) O que seria da minha carreira se eu não tivesse amado dar aula no [curso]? Teria tido um emprego dando aula.”*

Quando fala de emprego, Maria fala como sinônimo de algo alienante, algo que não a alimenta ou realiza.

*“Então emprego quando eu falo do jeito feio é aquilo que contraria as suas necessidades pessoais. Você só faz pra ganhar dinheiro. E isso eu não agüentei mais do que seis meses. Que foi um semestre que eu dei um curso e falei eu não tô nesse curso, eu tinha que fazer com a alma.”*

Traz então outros aspectos que foram fundamentais para as suas tomadas de decisão e que acabaram por orientar, em certa medida, o seu caminho. Uma questão fundamental para o redesenho da sua carreira foi a maternidade, e aqui coloca um pouco mais a fundo como isso foi vivido.

*“Como a gente está falando de profissão, claro que eu estou dando ênfase nessa maneira de virar a esquina. Mas pra completar o quadro, tem os aspectos pessoais que interferiram muito. (...) na passagem pela maternidade, [percebi] que eu descuidei muito do meu feminino e que isso teve a ver com a racionalização, com a valorização da racionalidade, que foi o jeito que eu fiz pra ser professora tão novinha. Então eu ganhei muitas coisas com isso, mas perdi muitas outras e coisas que a sociedade não valoriza tanto, mas que no meu processo, lá na intimidade falou: não, esse lado está ficando capenga perto do outro, não quero virar uma executiva da academia e que educa mal, e que não tem tempo pra Hélio. Não é meu projeto harmonioso de individuação, não está batendo. Então esses aspectos mais pessoais fizeram parte da grande ebulição que germinaram tanto a crise, como a ruptura, como a coragem pra fazer a ruptura. (...) Eu estava mais na maternagem e então eu acho que a profissão foi dando certo quando ela acompanhou meu movimento pessoal, meu momento de vida. Porque ao eu estava podendo abraçar aquilo.”*

Quando fala dos filhos, fala de uma maneira de encarar a vida que foi sendo transmitida ao longo da infância deles e que vê reaparecer agora na juventude dos mesmos.

*“(...) Na infância deles a gente foi muito duro. Ia numa loja de brinquedo linda e eu falava assim, nós vamos naquela loja como se fosse um museu. Curte, brinca mexe, não leva pra casa. Não tem importância, foi super divertido. Hoje eles são muito menos consumistas do que eu. (...)É muito interessante. Eu acho que é uma coisa que no fundo eu acredito que faz dar certo e faz dar certo materialmente também de algum jeito. Não no sentido de se tornar pessoas ricas, mas de ter vidas dignas.”*

Falando da sua família, com as diversas formações que têm seus irmãos, conta que em períodos longos de estarem vários precisando de ajuda financeira quem emprestava dinheiro para os demais era a irmã musicista. Mesmo com outros irmãos com formações mais tradicionais, era ela quem tinha a carreira mais sólida. Mas conta que seus filhos se preocupam, também com como irão se sustentar com suas escolhas profissionais.

#### **b) O mercado e o futuro**

Com relação ao mercado de trabalho, Maria entende que o emprego e a estabilidade como a conhecemos, está acabando.

*“Acho que hoje em dia eu acho que está muito mais na mão da criatividade. Sempre estive, mas acho que muito mais porque existe um número crescente de trabalhos informais ou de campos dentro do que você pode chamar de alternativo, pra você oferecer o seu serviço, pra você ser produtivo e transformar aquilo em dinheiro. (...) Mas estabilidade, por exemplo, consultório, não pode ir todos embora no mesmo mês? Em tese pode. Mas depois que você fica vinte, trinta anos e nunca acontece, não dá pra dizer que é estável? Sai um entra dois, sai três entra dois, mas você compensa.”*

E vê neste quadro, mais oportunidades que dificuldades.

*“Eu vejo mais como oportunidades. (...) Porque quando a gente fala em macro, macro é crise e crise é desemprego e se não fosse essa alternativa, então seria uma catástrofe. Então eu vejo isso como oportunidade. (...)e acho que isso mexe bastante, faz as pessoas elaborarem bastante preconceito, por exemplo, as tais complementações de renda. (...) Essas coisas que já foram*

*muito menores e que as pessoas assumem como parte. Uma maneira mais despojada de lidar com o processo produtivo, com a busca de uma renda. Acho bacana isso.”*

E para o futuro, ela traz duas perspectivas baseadas na necessidade que o mundo trará de mudanças em diversos níveis.

*“[pausa longa] Me vieram duas fantasias pra dois lados bem opostos e não sei bem como junto. Mas a resposta mais rápida que me veio foi assim. O mercado de trabalho cresce muito mais pro lado imaterial. (...) Se multiplica muito mais do que antigamente. Era assim: ou você vai vender, ou você vai produzir, ou você vai curar ou você vai ensinar. E de repente eu acho que isso tem milhões de alternativas num campo que eu vou chamar de cultura. (...) Porque dentro da empresa está cheio de gente vendendo uma coisinha lá que vai ajudar o pessoal a viver melhor. Chamo isso de cultura. Não é o que o Rh já faz direitinho. (...) Eu acho que as coisas entram nos lugares estáveis aos poucos. Até o metrô faz um jornalzinho e dá no farol. Mas isso dá um número imenso de emprego. (...) Tem uma multiplicação de lugares produtivos. (...) Eu acho que a linguagem está se multiplicando. (...) é uma multiplicação por esse lado imaterial que está reverberando. Acho que isso é campo de trabalho. (...) Acho que a criatividade dá conta. Dá conta de acessar demandas.”*

*“(...) esse foi meu pensamento rápido quando você perguntou, mas logo depois eu fui pra um outro. Pensando na ecologia, na tragédia e na saúde da terra um pouco, eu acho que tem um outro lado que está se desenvolvendo também que é uma ciência que vai subsidiar, não esse boom de mercadorias mas assim [pausa] sei lá se combina com o que todo mundo chama de sustentável. Mas produzir sem destruir. Acho que existe muito investimento hoje. (...) Então eu acho eu a ciência vai dando as respostas para (...) um mercado novo que vai surgindo que eu acho que é bem produtivo mesmo. Então daqui há dez, vinte, trinta anos, não sei (...), vai ter um mercado totalmente diferente – ou destrói tudo na terra – pra dar sustento.”*

Com relação à filha, fala da trajetória de escolha profissional acompanhada de perto e de como viu a crise da escolha de Miriam ser vivida. Por outro lado, ao falar das

possibilidades de que a filha dispõe para a entrada no mundo profissional, fala com bastante tranquilidade.

*“No caso dela a arquiteta apareceu muito cedo. No banco de trás do carro pedia os mapinhas que entregavam no farol (...), ao mesmo tempo curtindo muito arte, lidando muito bem com o espaço. Uma série de coisas que combinadas você falava: nossa! Ela se sensibilizava com algumas coisas que iam se somando na direção da arquitetura. Mas ninguém está livre da crise e da dúvida. Então na hora de escolher, a crise dela foi um pouco invertida. (...) A habilidade possibilita a pessoa ou a condiciona, ela foi se sentindo: ‘então eu vou ser obrigada a fazer isso?’ então a crise que ela viveu no momento da escolha foi diferente. [no mundo do trabalho] Ah, eu acho que ela vai se dar muito bem. Acho que ela é muito concreta. Eu não sei nem em quê, assim. Pode ser que ela não queira ser arquiteta e seja professora de artes de criança. Dobre a esquina. Mas ligada ao campo que se abre a partir dali, ela é muito articulada, muito objetiva, muito mais objetiva do que eu, tem uma visão, que mistura várias coisas que combinam história, espacialidade, arte, relações fáceis com as pessoas. (...) Eu tenho muito mais tranquilidade com ela do que com ele [o filho mais velho].”*

Suas preocupações são relacionadas aos aspectos emocionais de stress, porque entende que a filha tem um nível de exigência pessoal muito alto.

Acho que o aspecto emocional de estresse porque ela tem um nível de exigência muito alto. Ela se auto-exige e se pune um pouco. Tem um perfeccionismo. Então se não está ótimo não é bom. Não é como queria. E ela se desgasta bastante. E a coisa de trabalhar em equipe ela tenta ser gentil com todos, mas no fundo ela se reprime muito pra não desagradar, então eu acho que tem varias coisas que ela segura muito pra si e depois somatiza. E que fica pesado e depois desequilibra emocionalmente. Acho que isso é uma coisa que deverá aparecer na vida profissional dela.

### 3.2. Hélio

#### a) Trajetória profissional

Hélio é antropólogo, professor do curso de Ciências Sociais, tem cinquenta e um anos e é pai de Miriam, que participa deste estudo, e Diego. Começou sua trajetória profissional a partir da escolha pelo curso de Engenharia. Como morava em uma cidade do interior, relata que àquele tempo, as alternativas de escolha que trariam uma carreira bem-sucedida eram Engenharia, Direito ou Medicina. Entre os três, decidiu-se por Engenharia. Logo findo o primeiro ano de curso, viu que não era o que queria fazer e decidiu mudar-se para São Paulo, a princípio para a casa de uma tia e depois sozinho para estudar Ciências Sociais. Sua família não digeriu muito bem, mas permitiu que ele fizesse a mudança.

*“Quando eu falei pros meus pais eles não responderam, eles comentaram com as minhas tias. Isso chegou assim, eles não falaram claramente (...) aí tem um papel de uma tia, mais jovem, que eu sempre tive uma relação assim, de admiração, tal. Ela é assistente social, ligada muito à questão política (...). Então eu sempre tive uma referência positiva a respeito dela. E ela chegou pra mim e falou porque você não experimenta Economia junto com Ciências Sociais, vê se você gosta e tal. Chegou no final do ano eu prestei as duas coisas. Mas eu fazia o seguinte, eu estudava na [Ciências Sociais] de tarde, e na [Economia] eu fazia o curso básico, que era um curso de um ano que era um curso genérico (...) e a experiência no básico foi uma experiência muito interessante que (...) acabou sendo uma espécie de complementação ao que eu estava fazendo nas Ciências Sociais. Quando chegou no final do ano que eu vi que eu ia ter que fazer economia eu falei: NÃO. Se é pra tomar uma decisão agora vamos de uma vez fazer Ciências Sociais.”*

Aqui relata a sua primeira experiência profissional, já no final do curso de ciências sociais.

*“(...) acabei o curso e no final da graduação, (...) acho que no último ano eu tive uma experiência de trabalho na prefeitura... uma experiência difícil, assim (...) eu trabalhei numa área de assessoria que fazia pesquisas, tal. A princípio parecia interessante, mas depois se configurou uma coisa de umas dimensões políticas muito complicadas. Então foi uma experiência que eu tive*

*de mais de um ano que eu falei, não. (...) eu comecei gostando, depois virou uma coisa muito puxada, a gente tinha que fazer uns levantamentos muito cansativos, depois começou a acontecer problemas no ambiente de trabalho.”*

Ao terminar a graduação, entrou no programa de mestrado da antropologia. Já sabia, desde a faculdade que queria seguir a carreira acadêmica, tendo, inclusive feito iniciação científica.

*“(...) ao mesmo tempo [que fazia o mestrado], comecei a dar aula. Um momento em que num certo sentido dava pra fazer isso. Hoje é mais difícil, você entra no mestrado e tem dois anos e meio pra fazer a tese(...). Ao mesmo tempo me casei, (...) quando estava fazendo o mestrado tive um filho, o mais velho. Apareceu um dado mais de responsa, você ter um filho, tal. (...) E foi um desafio pesado, porque eu estava em um certo sentido habituado a uma certa coisa de ir pensando, passo a passo o que eu ia fazer. Porque o trabalho (...) eu era concursado, mas era um contrato de trabalho sempre renovável. E eu dava aula no [curso] e [ele] acabou (...) e eu fiquei sem trabalho. Aí eu consegui ficar bolsista durante um tempo, etc e tal. (...) foi um momento realmente desafiante.”*

Depois de terminado o mestrado continuou a dar aulas em outras duas instituições de ensino. Passados três anos, entrou no programa de doutorado, ainda trabalhando. O acúmulo de atividades fez com que decidisse, passar um ano nos Estados Unidos em uma bolsa de doutorado sanduíche com a família.

*“(...) quando eu comecei o doutorado eu estava dando aula [em duas faculdades], era uma piração, eu tinha, deixa ver,... tinha oito classes... tinha (...). Cheguei num período que era assim e ainda tinha tempo pra fazer a pesquisa era uma coisa muito puxada, mas era o que precisava fazer. [Então] eu pedi uma bolsa sanduíche pra ir para os Estados Unidos por um ano. (...) Com essa coisa de estar dando aula (...), a tese não estava andando, e estava sem objeto, eu falei eu vou naufragar. (...) foi uma decisão tomada junto com a Maria, a gente pensou junto, etc. e tal, tinha várias consequências disso. Uma delas é que era assim, eu parava [as faculdades, mas] me reempregaria. (...) Maria parou também de atender os pacientes dela, tomou uma decisão que valia a pena a experiência de um ano. O Diego tinha nove anos e a Miriam com quatro. Foi uma experiência muito legal.”*

Quando voltou, Hélio retomou o mesmo ritmo de trabalho de antes. Mas prestou um concurso para dar aula em uma faculdade pública e passou. Aí viveu uma alteração em sua carreira, na verdade nas condições de trabalho e no espaço. Porque a carreira docente continuou a mesma.

*“(...) abriu um concurso na [faculdade pública no interior]. Eu encarei. Encarei porque eu percebi o seguinte, quer dizer, a [faculdade particular] tinha sempre essa coisa instável... Quer dizer, você não sabia se ia pegar um curso ou três e isso fazia toda a diferença no salário que eu ia ganhar. Semestre por semestre eu ia descobrir, entendeu? Então era uma coisa... difícil. (...) Eu me doutorei no meio do ano e na sequência teve esse concurso pra [faculdade pública] e eu prestei e entrei. E comecei uma outra trajetória profissional. Assim, pela primeira vez eu tinha um emprego estável. Mas era em [outra cidade], assim. Então eu ia e voltava uma vez por semana. Ficava lá dois dias. Em geral nesses empregos você concentra as atividades. E aí enfim, fiquei lá. (...) E foi legal num certo sentido porque (...) eu me lembro quando eu entrei (...) era legal porque era assim, a reunião dos professores, eram todos na mesma situação, todos concursados.”*

As idas e vindas todas as semanas acabaram por exaurir Hélio que, em 2003, decidiu prestar outro concurso e voltar a trabalhar em São Paulo. Em nenhum momento, no entanto, ele pensou em mudar-se com a família para o interior. Como já havia morado em duas cidades do interior de São Paulo na infância e adolescência, não pretendia retornar.

*“Abriu um concurso, novamente três vagas e aí eu abracei a coisa de me preparar assim, superseramente. Totalmente mergulhei, assim, e passei. Passei e em 2003 eu comecei a dar aula aqui nas sociais. Mudou totalmente a relação. Quer dizer, [no interior] tinha essa coisa do deslocamento que era uma fadiga, etc. e tal, então aqui eu fiquei [faz um gesto demonstrando relaxamento]. Mas aqui você tem muito mais trabalho. Porque a institucionalização da [universidade], você tem muito mais alunos, tem pós-graduação ligada ao departamento, que lá era uma pós-graduação que pegava só uma parte do departamento. A institucionalização é muito mais puxada, você fica mais exigido. Aqui você trabalha bem mais. Mas enfim, pra mim teve uma melhoria de qualidade, porque você consegue fazer coisas aqui que lá ficavam muito cortadas. Você quer montar um grupo de estudos, pra*

*discutir, aqui é muito mais [possível], você tem mais estrutura pra poder fazer isso, pra ter continuidade, pra pegar alunos que queiram trabalhar com certos temas, tal (...).”*

Sabe que a sua escolha profissional pela carreira acadêmica e, mais ainda, pela carreira na instituição pública, afeta diretamente o padrão de vida da sua família. Mas afirma, também, que soube, já quando decidiu cursar sociais, que não estava fazendo uma escolha que o levaria a ter um grande ganho financeiro.

*“Mas na verdade essa decisão de viver com uma coisa mais apertada, desde o momento que eu optei por fazer Ciências Sociais, eu meio que tinha consciência que tinha isso envolvido. [...] Isso já estava colocado lá. E bem ou mal, a coisa das ciências sociais acabou me propiciando uma vivência legal que eu não tinha se eu fosse fazer engenharia.”*

Hoje o seu desafio profissional consiste em administrar melhor as demandas do seu trabalho e os seus projetos com relação a ele e também administrar melhor suas finanças.

*“(...) na verdade pra mim o grande desafio nesse momento é assim, como é que eu me aproprio desse trabalho fazendo coisas que eu acho legais também. Tem uma dimensão do trabalho acadêmico que você começa a fazer coisas burocráticas. Você começa a fazer muita coisa que não é o que você está afim. Você parte pra um caminho expropriado. Uma questão pra mim muito séria nesse momento é como é que eu me aproprio, faço uma pesquisa que é legal de fazer e escrever uma coisa que seja bacana, ou fazer um curso. Mas [as coisas acontecem] de um jeito assim, tão turbulento que eu mal consigo, sabe? Como é que seria guardar mais uma grana. Então tem uma coisa muito cotidiana, que acaba te absorvendo muito pras questões profissionais de um jeito muito abrangente. Que é uma coisa que chega a ser desequilibrada. Por exemplo, fim de semana, assim, eu não paro de trabalhar. [Por outro lado tem a relação com o ganho financeiro] que foi um longo aprendizado. Na verdade um aprendizado em que você está o tempo todo se questionando. Putz, será que eu ainda precisava saber economizar mais? Porque assim, teve momentos em que eu consegui até guardar uma certa grana, sabe? Já faz tempo agora que na verdade eu consigo ficar sem ficar no vermelho, mas também sem guardar grana.”*

Hélio viveu suas transições de carreira sem grandes rupturas. Como a esposa, fala de uma carreira em que as transições vão acontecendo quase que naturalmente, em um contexto de crescimento constante, mas lento. Segundo relata, não viveu nenhum período longo de desemprego.

*“Eu fui transitando de uma coisa pra outra. Pelo menos assim, no momento em que eu precisei fazer isso, eu consegui. (...) Eu fui tentando conciliar dentro do que era possível. Mas eu não tive nenhum momento de ficar meses e meses. A partir do momento em que eu comecei a dar aula, não tive essa coisa de ficar desempregado. Teve períodos que eu achei que eu estava ganhando muito mal em muitos momentos de falar : putz, está muito complicado! Mas assim, nunca tive essa coisa de falar: putz. Desemprego! Essa angústia eu nunca tive. Tive outras angústias, mas não essa.”*

#### **b) Trabalho e futuro**

Quando fala de um mundo de trabalho hoje, aponta a dificuldade que tem para enxergá-lo. As mudanças constantes são muito diferentes do que ele conheceu quando entrou no mercado, e também segue uma carreira que, em certos aspectos, mas não todos, passa ao largo das questões mais angustiantes ligadas à realidade atual.

*“É um mundo muito opaco pra mim. Um mundo muito difícil de compreender. Muito volátil. Muito [pausa] É muito difícil pra mim entender o mundo do trabalho hoje. Quais são as profissões, como você se prepara pra isso, etc. e tal. É um negócio muito, [pausa] muito difícil. Eu acho que isso que eu fiz [pausa] seria praticamente impossível de reproduzir e viver nos tempos atuais. (...) Bom, primeiro que os prazos, a temporalidade é diferente, etc. e tal. (...) As trajetórias pra mim hoje são muito diferentes. Tem uma diferença muito grande em pouco tempo do que era o mundo onde eu estava me inserindo. [pausa] Não faz tanto tempo assim. (...) Mas por outro lado faz! Do ponto de vista qualitativo as coisas se transformaram muito. A carreira é permeada por muitos fluxos de coisas.”*

Os desafios que a realidade impõe estão ligados a um certo descompasso entre a preparação para uma profissão e a realidade dela.

*“É que eu acho que hoje tem uma certa defasagem entre o que é se preparar pra esse chamado mercado de trabalho e o que é desempenhar, né. (...) Eu acho que tem uma coisa educacional hoje que é preparar você pra ser um cidadão, com discernimento, com algumas ferramentas pra você poder fazer escolhas, e tal. Mas é difícil, a princípio me dá a sensação de que tem uma relação difícil entre preparação e exatamente o que você vai desempenhar em termos de trabalho.”*

Na relação com os filhos, mostra preocupação, mas ao mesmo tempo, procura relativizar o seu olhar, entendendo que não pode aplicar o olhar da sua geração à uma realidade tão diferente. Mas aponta também o lado positivo da nova realidade, o que ela permite que é diferente do seu tempo. Como os namoros, as descobertas sexuais, por exemplo que hoje poderiam ser vividas com mais propriedade e menos ligadas às proibições externas da sua geração.

*“[Hoje] você se apropria muito mais. Claro que tem também os outros problemas ligados a isso, né. (...) Na verdade então eu acho que tem um campo de vivências e decisões hoje que é muito distinto. Eu tomo cuidado pra não ter uma coisa diretamente, uma cobrança que eu faria pra mim mesmo na mesma idade, entendeu? Eu acho que isso é um aprendizado que você vai fazendo também... [retoma com mais energia] Mas é isso. Na verdade eu [bufa] por exemplo, eu me preocupo. Mas também não adianta. Quer dizer, o que eu vou fazer, vou jogar um fosfato pesado e falar como ajudar ele a ser mais pragmático? Tem limites também, né? E por outro lado, tem um lado que eu vejo que é mais facilitado pra eles e tem um outro lado que eu vejo no meu filho que é assim, falta uma gandaia. (...) Às vezes eu vejo ele muito oprimido por algumas coisas cotidianas. (...) Com a idade dele, 23 anos! [risos] Eu estava, sabe, estudando, mas estava indo em festa, (...) Às vezes eu sinto falta de querer que ele tenha uma gandaia, entendeu? Mas com relação ao trabalho é claro que eu tenho uma apreensão como pai, assim.”*

E como entende que se colocam as relações de trabalho hoje.

*“Acho que a dificuldade é justamente essa coisa do emprego estável, né. De não existir. Pelo menos não ser tão evidente a princípio. Por outro lado tem um conjunto de possibilidades que a gente não faz idéia e que estão presentes aí e que as pessoas vão construindo e vão fazendo. Que são coisas*

*que o fato de você não conhecer não quer dizer que não vá acontecer, etc. e tal. Tem um pouco esses dois planos. E acho que até que por conta, quer dizer, eu também tive um caminho de escolher uma coisa, bater a cara, não é, depois mudar. Ai poder ter espaço pra experimentar e tal.”*

### **c) A filha e o futuro do mercado**

Hélio fala da filha como bastante determinada e com habilidades importantes para entrar no mundo do trabalho. Mas se preocupa também com algumas conquistas que entende que ela ainda precisa fazer.

*“A Miriam tem uma coisa, a sensação que eu tenho até é que ela tem uma coisa mais pragmática que o irmão. Ela é um pouco mais pragmática assim. O que eu acho bacana, na verdade. Mas isso também está um pouco na personalidade dela. No jeitão. (...) Ela é muito determinada. Tem uma determinação muito forte. Ela abraça uma coisa e ela vai, pesquisa e tal. Eu acho que é legal. E ela sempre foi muito estudiosa. Ela é dessas que vai, estuda, tira nota boa o tempo todo, está sempre enfrentando desafios, tal. Eu acho que assim, tem um momento agora que se ela vai conseguir passar agora na USP ou não, depende de vários fatores. Mas eu acho que do ponto de vista do modo como ela se relaciona com um objetivo eu acho que é uma coisa muito bacana, assim, uma coisa muito... a palavra não é empreendedora, porque essa palavra está muito desgastada do ponto de vista até biológico, assim. Mas ela tem uma iniciativa. Ela vai atrás. Ela faz, ela... ela às vezes tensiona muito. Até acho que às vezes é parecido com uma coisa que eu tenho. Então ela tem um pouco essa coisa muito tensionada, também. Às vezes eu acho que falta pra Miriam uma coisa um pouco mais pacificada, tal. Mas é o jeito dela, assim.”*

Quando pondera a respeito das preocupações, quais os desafios que ela ainda pode enfrentar, Hélio busca se situar para trazer algo que seria transponível à uma realidade adulta que viveria a filha no futuro.

*“Não saberia dizer. Primeiro eu preciso entender um pouco mais onde ela vai se inserir, o que ela vai fazer. [pausa] Não consigo vislumbrar, taí uma coisa que pra mim é difícil, dizer quais seriam os desafios, quais seriam as*

*dificuldades, às vezes eu acho que a Miriam, eu acho que aí não é só trabalho. Mas às vezes eu acho que ela tem uma certa dificuldade pra estabelecer sociabilidade. [pausa] Talvez ainda seja uma coisa que ela precisa construir um pouco mais. Não que ela não tenha relações de amizade. Mas eu acho que desenvolver relações mais profundas de amizade.(...) Talvez o que ela precise, vendo ela nesse momento, assim, é saber como ela vai lidar, às vezes, com o emocional dela. (...) Às vezes ela [pausa] quando está pressionada ela fica muito nervosa. E pá e não sei o quê e reage muito, etc. e tal. Mas eu também estou falando de uma coisa que acontece em casa, não sei se isso é assim em outras situações. Mas talvez, quem sabe aprender a lidar mais com essa coisa de situações de exigência, de pressão. Como lidar com isso. (...) Mas isso é uma coisa muito prospectiva. Não saberia dizer exatamente. O que dá pra olhar pra trás é a situação, que eu estou pensando no colegial, que foi muito legal o modo como ela deu conta das tarefas que ela tinha, das tarefas individuais, das tarefas coletivas, o modo como ela se voltava pra pensar não só nela mas uma coisa mais no grupo. Isso foi uma experiência bem vivida, bacana, isso é uma coisa que eu acho que ela leva. Como seria em um ambiente novo.”*

Com relação ao futuro do trabalho. Fala não se mostrar muito otimista, mas procura relativizar o seu ponto de vista comparando-o ao de um jovem orientando que dividiu com ele uma mesa de informações profissionais na escola da filha. E mostra que mesmo dentro de uma mesma profissão, há maneiras diferentes de encarar o mesmo fenômeno, principalmente se os diferentes olhares partirem de representantes de duas gerações distintas.

*“Eu não sou muito otimista não. Não, quer dizer, eu acho o seguinte, hoje você tem possibilidade de desenvolver aptidões que antes eram impensáveis, profissões em que você pode realizar coisas que são superlegais. Pensando do ponto de vista individual eu acho interessante. Do ponto de vista da organização do trabalho, dos direitos do trabalho eu vejo uma coisa muito incerta. Em mutação. Uma coisa que é difícil justamente você pensar o que pode acontecer, as tecnologias ou a criatividade e tal. É muito incerto. Então eu fico um pouco, né, assim. Não dá pra falar que eu tenho otimismo em relação a isso. Eu acho que individualmente, quer dizer, se você determinar uma determinada área da classe média, de pessoas que se educaram em um determinado conjunto de instituições, você percebe que tem um tanto de*

*capital acumulado que vai permitir que essas pessoas façam coisas. Mas a gente está pensando em uma parcela muito pequena. Do ponto de vista mais abrangente eu não sou otimista não. Tenho preocupações. Principalmente essa coisa do trabalho desregulado. Não dá pra ser nostálgico, não dá pra você imaginar voltar pra um momento em que tudo estava regulado pelo Estado, as profissões clássicas, tal. Difícil, difícil pensar. O que vai acontecer com o meio ambiente, com as cidades, como vai ser a gestão de certas coisas. Eu acho que os problemas estão colocados, mas eu não sei direito como a gente vai conseguir achar soluções, pra água, o clima. Porque eu acho que tem uma crise da política complicada e não tem como fazer isso sem passar pela política.”*

*“(...)No dia da apresentação da profissão [na escola da filha], o rapaz que estava comigo apresentando, que era um orientando meu, estava todo animado e articulado, falando de vários espaços institucionais muito interessantes que ele estava participando, de uma ONG pra desenvolver coisas com sociedades tribais, pra desenvolver uma escala bilíngue pra desenvolver coisas pros caras. Quer dizer, onde eu via uma coisa muito fechada, ele estava vendo abertura. Então eu acho que também tem um pouco esse registro geracional. Dessas gerações que vão agora construindo isso. Claro a minha geração não pode ficar muito nesse registro. Mas eu acho que (...) tem possibilidades que eles vislumbram, que constroem que não são claras pra gente. Eu acho. São coisas que pra gente elas não estão evidentes. Que bom, né? Que bom, porque imaginar que esse niilismo essa coisa mais melancólica nossa atingisse esse pessoal.(...) eu me fio nessa idéia de que eles têm capacidades muito melhores do que as nossas de construir algumas coisas que são muito legais”*

### **3.3. Miriam**

#### **a) A escolha pela carreira**

Miriam tem 18 anos, terminou o colégio no ano passado, hoje está fazendo cursinho pré-vestibular para prestar Arquitetura e curso de desenho técnico para a prova específica.

Fez o colégio em uma escola particular na mesma região da cidade em que mora. Chegou a prestar o vestibular no final do ensino médio, mas não passou. Quando prestou, ainda não tinha certeza da sua escolha.

*“(...) acabei prestando isso porque entre as outras opções era a mais certeza. Mas vaguei por mil opções diferentes. (...) Assim, desde criança sempre foi meio Arquitetura, Arquitetura, aí chegou uma hora que eu falei: ah, porque que tem que ser sabe? Eu que tenho que escolher, não que escolham pra mim. Mas era o que eu tinha escolhido criança. Mas então eu pensei em fazer Física, depois Artes Plásticas, Editoração, Música até Design um pouco e depois voltei para Arquitetura de novo.”*

Foi pesquisando sobre as diferentes áreas até se decidir por Arquitetura. Conta que quando prestou as provas – prestou vestibular para Arquitetura e Música – não queria passar. Isso porque não tinha certeza do que queria fazer e não queria fazer a faculdade sem saber, caso passasse. Com o término da escola, foi eliminando as suas opções.

*“(...) No começo do ano eu tinha decidido meio que era artes plásticas. É sempre um problema porque eu sempre acho que eu tenho certeza. Não, agora eu escolhi. E todo mundo já olhava meio: ‘ah será?’ Porque daqui a pouco muda de novo. Mas pra mim eu tinha certeza. Mas aí eu achei que era artes plásticas e tal e fiquei um tempo nisso. Aí vi que era arquitetura mesmo e já estou há vários meses assim, então [risos].”*

Quando decidiu, Miriam começou a fazer o curso de Linguagem Arquitetônica. Conta que com o curso teve mais certeza da sua escolha. O seu caminho de escolha por um curso começou ainda criança. Ela gostava de desenhar e sempre pedia os folhetos de imobiliária nos faróis e ficava olhando as plantas. Gostava de desenhar, de construir e mobiliar a casinha das bonecas. Com isso os familiares passaram a falar que ela tinha jeito para ser arquiteta. Quando se aproximou a hora de escolher a profissão, ela precisou se apropriar da sua escolha. Queria ver que outras opções havia, por quais outros cursos poderia se interessar. Começou por pensar em fazer Física.

*“Porque Física foi bem assim que eu me encantei pelo conhecimento e tal. Inclusive no terceiro ano do colégio tem, a gente faz uma monografia, né? Pega um tema, estuda o ano inteiro ele e tal. E eu fiz de som, de física, onda, essas coisas bem teórico mesmo. E assim, me fascinei muito pelo*

*conhecimento e tal, mas aí fui pensar na prática o que seria de me aprofundar muito mais nisso e trabalhar com isso num laboratório ou sei lá, dando aula e tal. E aí eu fui vendo um pouco menos, assim. Fui achando menos legal. Embora, assim, eu goste muito de dar aula.”*

Depois, pesquisando descobriu o curso de Editoração.

*“Aí Editoração foi uma coisa que também, quando eu descobri que tinha faculdade disso e nem sabia e eu fiquei muito interessada, principalmente eu gosto dessa coisa de layout de revista, capa de livro. Livro, formatos e tal. E eu falei com o meu professor de português porque ele tem uma editora, ele falou que não valia a pena, assim. Que vale mais a pena fazer alguma outra humanas, tipo Letras ou tipo mesmo Arquitetura e ir fazer um estágio numa editora e ir aprender. Aí eu então descartei isso. Não descartei a possibilidade de trabalhar numa editora, ainda existe essa possibilidade pra mim.”*

Então, como toca dois instrumentos, pensou em cursar Música.

*“Música eu via também. Eu tava pensando mais nessa área de educação musical. Mas eu ainda não tenho, sei lá, desenvoltura, conhecimento suficiente que uma faculdade exige para entrar. E juntou com isso o fato de que não vejo a música como sendo o único pilar da minha vida. Nunca vou deixar de fazer música, nem nada, mas eu preciso de um outro lado, assim. Talvez mais concreto, mais assim.”*

E, finalmente, Artes Plásticas.

*“E aí no fim Artes Plásticas, né? Eu realmente fiquei bem fascinada, assim. Gosto muito de artes plásticas e muita gente fala que na FAU você entra e sai artista, e tal. Eu não gostava muito porque eu não sei se é papo furado porque se eu estou indo pra FAU pra ser artista vai logo pra ECA e faz Artes e faz direito, né?”*

Então retomou seu caminho para a Arquitetura.

*“Mas aí depois que eu fui conhecendo mais assim, que Arquitetura tem ainda essa coisa mais concreta, de projeto mesmo. De você poder projetar desde uma cidade até uma embalagem de alguma coisa, assim. E isso não*

*impede que eu tenha, sei lá, que eu me desenvolva artisticamente também. Enquanto se eu fizer Artes eu não vou poder projetar esse tipo de coisa e tal. Então eu pensei mais nisso e aí fiquei, fui pra Arquitetura.”*

E observou que em todas as escolhas, retornava para a Arquitetura para comparar. Em Física, por exemplo, o que gostava era a área de acústica, e viu que acústica faz parte do curso de Arquitetura. Relata também que se sentia pressionada a responder às indagações das pessoas com relação à sua escolha, à época que cursava o terceiro ano do Ensino Médio. Conta que estava bastante confusa, que estava explorando as possibilidades e decidiu não fazer cursinho logo no início do ano.

*“Fiz assim, me dei realmente um momento para experimentar várias coisas e pra decidir e tudo. Que até estava pensando que neste segundo semestre eu ia viajar e tal, então, mas aí no momento que eu decidi que foi perto de abril, assim e tal, aí não fazia mais sentido eu viajar fazia sentido eu mais me esforçar para passar então eu entrei em agosto agora no cursinho.”*

## **b) O profissional e o futuro**

Quando pensa em um profissional formado em Arquitetura, Miriam entende que há muitos caminhos.

*“Porque acho que pode ser desde esses mais caretões assim, não que... eu posso virar um dia também. Mas assim, de ir sempre pro escritório recebe os projetos, faz os prédios e tal. Então na época de fim de projeto corre mais, a vida é mais corrida, depois fica mais sossegado, mais assim. Ou você... sei lá... mais pode trabalhar como um urbanista, então aí, sei lá, é chamado pelo governo, vai fazer pesquisas pra fazer plano diretor da cidade e tal, desse lado mais de pesquisa, assim. Eu vejo bastante que meu pai, ele é cientista social mas ele é pesquisador então vejo assim essa coisa de pesquisa, às vezes até dar aula em faculdade ou não (...). Ou esse lado que eu tenho ainda mais idealizado porque não conheço ninguém que faça e tal. Que é dessa coisa de fazer programação visual de livro, de sites, então também é meio um escritório mas recebe os projetos e vai mais para o lado artístico e faz. É diferente de você fazer um projeto onde você se preocupa com o sistema hidráulico, elétrico. Imagino esses três principais, assim.”*

Quando fala de como se imagina profissional, a jovem fala de ter escolhido Arquitetura em parte por poder escolher algum desses caminhos, ou outros, mais tarde.

*“[pausa] Ah, pode [pausa mais longa]. Eu não sei, porque eu escolhi um pouco Arquitetura exatamente porque ainda tem muitas opções pra ainda ter muito tempo pra escolher.(...) É porque eu me vejo fazendo todos esses três. Que eu falo dar aula em faculdade eu acho que não na verdade. Mas assim essa coisa de pesquisa. Assim, pesquisar prédios antigos para fazer restauração. Bem essa coisa mais de profissional liberal de receber demandas para fazer. Ou também me vejo fazendo assim, mais essa parte de programação visual de coisas. Mais esses dois do que construção, ou paisagismo tal, me vejo fazendo todas.*”

Quando pensa em um arquiteto, pensa em alguém que seja “cabeça aberta”.

*“(...) [risos] É tipo uma pessoa que vê as coisas sob uma ótica bem específica. Eu acho, assim. [Qual? Que olhar é esse?] Ah... de ver as coisas e de saber um pouco assim porque a relação (...) da forma de uma coisa com a função dela, não importa se tipo um objeto ou um prédio assim, mas que ver a cidade de um jeito específico, de ver um jeito assim de como ela é formada. Não está num lugar à toa. Tem sempre uma ótica assim.”*

Pensa que o olhar que a formação em Arquitetura lhe dará, irá acompanhá-la em toda a sua vida. Como se fosse algo que passasse a fazer parte do seu olhar.

*“Ah... sei lá você vai numa cidade planejada. [isso...] Você observa como foi pensado, porque que tem as ruas desse jeito, (...) como é o espaçamento entre as casas. Você nunca se livra disso porque todo lugar que você vai, a não ser que você vá para o mato assim, sempre acaba pendendo um pouco sei lá essas coisas de você saber o processo de como é, não assim de fazer, de construir, mas de pensar, assim, de planejar a coisa, de fazer então, de tudo. Meio olhar sob a ótica de quem faria isso como se fosse ele. Ou sob também a ótica (...) da estética das coisas. De tipo pensar coisas que têm alusão à arte, assim. Então pensar a que artista isso se relaciona, a que período, que coisas. Acho que um pouco isso. Não o tempo todo da vida da pessoa senão ela fica muito neurótica, mas bem mais do que os outros você tem isso na cabeça.”*

Outra questão que se colocou foi a maneira como ela entendia que poderia se realizar profissionalmente. Que coisas poderia realizar ou como poderia realizá-las na sua prática profissional. Uma característica, por exemplo, dessa profissão.

*“Acho que um adjetivo seria assim, dinâmico porque não tem essa coisa que muitas profissões têm de pegar uma coisa e ficar trabalhando nela, nela só. Posso pegar uma temática ou pegar um problema tão grande tipo São Paulo, aí sim posso trabalhar São Paulo, São Paulo no aspecto urbano. Mas eu vejo dinâmica porque assim fazer é: uma coisa, agora faz outra. São sempre novos projetos, então sempre com novidades, assim. (...) Outra coisa também é ‘criativo’ porque exige isso também de sempre estar criando. (...) É sempre criando coisas, assim. Não tem uma fórmula que você aplica que resolve as coisas. Tem que criar, tem que pensar.”*

Já o que Miriam entende por sucesso profissional, está ligado, principalmente ao reconhecimento pelo seu trabalho.

*“Hum [pausa]. Acho que da área que você é especializado assim, não Arquitetura, tipo sei lá, cenografia. (...) Você ser reconhecido por isso assim. De [pausa] quando alguém pensar vou fazer isso, pensa em uma das possibilidades você. (...) Ou conhecer. Quem conhece assim o tema sabe que algumas das coisas boas são suas, assim. [Mesmo em outras áreas?] É. Não acho que é muito diferente. Não que acho que assim, se uma pessoa é citada no sentido mais amplo seja, sei lá, o trabalho de tal pessoa, o livro de tal pessoa, o projeto de governo que tal pessoa fez. Qualquer sentido que uma coisa tem a partir de ações bem-sucedidas que a pessoa faz. Isso em trabalhos que é mais público que é feito. (...) Ah, se eu sou a pessoa, sei que estou fazendo um trabalho bom e eu sei que mereço receber bem por isso e tal.”*

Então, aparece apenas ao final do excerto acima a referência à remuneração. Mas para Miriam isso é relativo, e dá o exemplo de professores universitários que são reconhecidos, mas não são bem-remunerados. Para ela importa mais fazer o seu trabalho bem-feito e receber bem, que fazer de um jeito que custe mais barato para ter mais lucro. Dá como exemplo o uso de material mais barato em uma obra para a pessoa poder ficar com o excedente.

Com relação à sua família, Miriam dá como exemplo de sucesso um tio cenógrafo, um padre, uma musicista e seu pai, professor universitário. O seu critério aqui, pra sucesso, mais uma vez, não é ligado diretamente à remuneração, mas sim a gostar do que faz, ser reconhecido pelos pares como competente no que faz e trabalhar com isso.

*“Ele assim, sempre que vejo, ele viaja pelo Brasil. Faz projetos em todos os lugares está sempre com uma peça aqui outra ali, e tal, então é bem-sucedido assim. [É reconhecido, é chamado para trabalhar?] É exatamente, ééé. Do outro lado assim, o padre. Se deu bem como padre. [risos] Não sei como é se dar bem como padre, mas como arquiteto não. Porque não que ele se deu mal, mas ele resolveu investir em outras coisas, entendeu? Tem uma vida digna. Então. Bom, bem-sucedido. A (...) musicista, ela e o marido dela tocam [em duas orquestras]. Também estão sempre tocando e tal...bem-sucedidos. É... quem mais? Meu pai, acho que... bem-sucedido. Assim, é reconhecido pelo que faz, também gosta, está sempre pesquisando, vai fazer pós-doc<sup>12</sup> agora e tal.”*

Outro exemplo de sucesso que tem é sua mãe, que trabalha muito, às vezes chega cansada, mas está sempre feliz, porque faz o que gosta, está satisfeita.

Relata que na sua família as pessoas se ajudam quando alguém está mal, ou perdeu o emprego. Conta de um tio que trabalhava com informática e seu conhecimento foi ficando ultrapassado, o que acarretou na perda do seu emprego. Hoje ele voltou a morar com a avó de Miriam. Assim, quatro de seus tios moram na mesma casa que a mãe, hoje. Ela conta achar um pouco esquisito, mas já estar acostumada com isso. Entende que as pessoas que sempre viveram em uma família numerosa, às vezes não se adaptam morando sozinhas. Ainda que morem juntos, todos sustentam juntos a casa.

Quando observa as carreiras da sua família, vê que muitos são, ou foram, professores. A música também é algo bastante próximo, sendo que praticamente toda a sua família materna toca “pelo menos um pouquinho” algum instrumento. E vê que algumas das escolhas que fez encontram conexão com as escolhas deles.

Então se imagina profissional.

---

<sup>12</sup> Pós-doutoramento

*“Logo depois de formada assim, né? Ah [pausa], o começo é mais difícil, né? Imagino, assim, já vou ter feito estágios e tal e já vou ter decidido mais em que área eu vou querer atuar (...). Eu imagino que [eu já tenha um caminho], assim. Que eu já vou ter visto um pouco todos os lados e tal e saber um pouco mais o que eu prefiro para escolher uma coisa para investir; você ficar querendo [muita coisa] acaba não conseguindo nada. Então me vejo bem começando mesmo. Ir tentando correr atrás dos projetos e, sei lá, continuar fazendo estágio, tentar entrar num escritório e vendo como as pessoas trabalham e tal e tentando ir ajudando e tal e cavando o meu espaço assim. Não tem essa demanda de: ‘Ah assim que você se formar já tem que se sustentar e tal’. Tem só essa coisa assim, se eu ficar em casa eles vão ficar me sustentando, vide os pais da minha mãe, né, estão até hoje.”*

Diz querer poder conquistar alguma autonomia financeira para poder morar sozinha antes mesmo de acabar a faculdade. Quer poder, assim que der, receber o seu próprio dinheiro, já começar a trabalhar no final da faculdade.

*“É, eu imagino assim, que já durante a faculdade vai tentando uns vínculos, às vezes já consegue um, vai ter um lugar para trabalhar. Não vejo tanto uma ruptura assim: Acabou a faculdade e agora?”*

### **3.4. Análise**

A primeira consonância que encontramos nesta tríade familiar aparece no relato do processo de escolha profissional de Miriam, quando fala que é ela quem tem que escolher e não que escolham por ela. Ela busca se apropriar da sua escolha, de passar pelo processo de dúvida e exploração para só então fazer uma opção de curso que seja sua e não acomodar-se a algo dado. Esse processo se relaciona com a maneira como Maria fala dos processos vividos em suas escolhas profissionais e também do processo de reescolha de curso feita por Heitor.

Miriam entende uma profissão como a aquisição de um olhar para o mundo a partir de uma ótica específica. O arquiteto adquire uma maneira de compreender o mundo a partir da

sua formação. Assim como Maria possui um olhar específico sobre o mundo coerente com a sua formação e prática em psicologia e também Hélio, como antropólogo, mas principalmente como pesquisador.

A jovem fala do dinamismo e dos diversos caminhos profissionais como possibilidades e não como fontes de angústias. Na fala de sua mãe, o mundo aparece como cheio de possibilidades, não havendo menção nenhuma a dificuldades. Já Hélio fala de um olhar pessimista se pensa na sociedade como um todo, mas para o extrato social a que pertencem seus filhos, também enxerga o mundo do trabalho atual como mais rico em oportunidades que dificuldades. O que Castel (1993) chamaria de grupo pelo excesso.

Entende sucesso profissional como reconhecimento pelo seu trabalho e pela possibilidade de gostar do que faz e cita as carreiras do pai e da mãe, entre outras como carreiras em que esse reconhecimento acontece. De fato, tanto Hélio como Maria fizeram e fazem escolhas profissionais alinhadas com um trabalhar carregado de sentido.

Miriam fala de não ver ruptura no seu trajeto de carreira futura. Entende que ao final da faculdade já saberá melhor o caminho que irá querer percorrer e que para isso há opções de inserção profissional. Tanto a carreira de Maria quanto a de Hélio podem ser entendidas como carreiras naturalistas, em que há uma ideia de continuidade, sem rompimentos ou guinadas bruscas.

Miriam fala ainda do valor que atribui a uma vida digna, em que trabalhar faz parte da vida e não é sinônimo de sofrimento. Maria fala de uma possibilidade de trabalho digno em que possa fazer o que acredita e viver com o que ganha. Hélio, quando fala de precisar aprender a economizar, não almeja ganhar mais, mas sim se adequar ao que ganha.

Os pais nessa família mostram-se bastante presentes na vida dos filhos e também como coadjuvantes cuidadosos do diálogo inerente aos seus processos de escolha profissional.

#### 4. Lícia, Miguel e Karina

É importante apontar para um fator que será relevante para o curso da análise dessa família. As entrevistas de Karina e Lícia como as dos demais jovens das outras famílias, e suas mães, é feita na sua casa. É uma casa nova, para a qual haviam se mudado há pouco mais de um ano, bastante espaçosa e com um projeto arquitetônico moderno. Essa casa foi projetada por Miguel, juntamente com o arquiteto e é mostrada, ao longo das entrevistas com mãe e filha, como o símbolo de sucesso alcançado por essa família.

##### 4.1. Lícia

###### a) Trajetória profissional

Lícia tem cinquenta anos e é formada em letras (português-inglês, licenciada em português). É professora e estudou pedagogia Waldorf na Alemanha. Depois, de volta ao Brasil se especializou em biografia humana, dentro do campo do conhecimento da antroposofia. É a última filha de uma família numerosa, de mãe professora, que deixou a profissão depois de casada e pai comerciante. Saiu de uma cidade pequena para estudar na capital e de lá foi continuar os estudos na Alemanha. Na sua família, é a única a fazer uma trajetória assim ousada e uma das poucas a ter curso superior.

*[A antroposofia] faz parte do meu trabalho. Estudei letras e fui pra Alemanha, queria ampliar mais o estudo dos idiomas, com o alemão. (...)*  
*[Como] filha de mãe descendente de alemães (...) eu tive todo esse contato com a tradição alemã através da família dos meus avós, então tinha essa porta aberta para a Alemanha (...). Só que lá eu conheci, através de um primo da minha mãe, onde eu morava, esse método Waldorf de ensino que me interessou bastante (...). Então eu fiz essa formação, me graduei lá. (...) Conheci o Miguel lá. (...) nós casamos lá .*

Já na Alemanha, com a chegada de Karina, Lícia deixou de trabalhar para cuidar da filha e Miguel, com seu salário, sustentava a família. A família então se mudou mais três vezes. A primeira para a França, onde nasceu a segunda filha, a segunda para a

Argentina, onde nasceu a terceira filha e então retornaram ao Brasil. Nesse meio tempo, Lígia não trabalhou, mas procurou continuar os estudos e buscou estágios em que pudesse aprender mais sobre a pedagogia Waldorf.

As mudanças de país se deram sempre pela carreira do marido, um executivo da área das telecomunicações. Na volta ao Brasil, Lígia, depois de um ano meio de adaptação da família à nova realidade, decidiu retomar seus estudos e também sua prática profissional. Tinha tido pouca experiência como professora Waldorf na Alemanha então decidiu direcionar-se para o que realmente mais a interessava na filosofia, o trabalho com crianças especiais dentro da perspectiva da pedagogia criativa. Estagiou em uma escola que atendia crianças com necessidades especiais, e, três anos depois de chegar, adentrou uma associação sem fins lucrativos que tem por objetivo trabalhar com crianças especiais. Continua nessa associação até os dias de hoje.

*“A idéia era cuidar de crianças que precisavam de um tempo em escolas pequenas pra realmente depois voltar pras escolas, serem incluídas nas escolas. Começou com dois alunos, eu entrei bem no começo dessa iniciativa. Depois fomos crescendo. É uma associação sem fins lucrativos, também baseada na antroposofia. E hoje eu trabalho com jovens (...) em um grupo de terapia social. São jovens que ficaram, então trabalho mais com oficinas, na parte, que a gente chama de oficinas terapêuticas. Não são oficinas profissionalizantes, mas oficinas onde eles aprendem, desenvolvem as habilidades deles. É esse o intuito. E como eu sou formada em letras, eu dava aula de português. Hoje eu ainda dou aula de português pra eles. (...) A aula é mais um contato com a língua, com a forma de expressar, como eles vão conviver socialmente, como vão (...) descobrir o mundo através da língua, é assim.”*

Com o tempo, passou a assumir mais atividades de coordenação e menos de sala de aula. Atualmente está na coordenação geral e, diz estar fazendo esse ano um ano sabático, em que se retirou das atividades, continuando a participar só das reuniões de coordenação.

*“Esse ano é o tempo de parar um pouquinho, rever, ver se quero continuar atuando mesmo dentro dessa área que eu estava atuando com os jovens ativamente ou se eu quero estar realmente assessorando a equipe de trabalho. Eu acho que eu quero ir mais pra esse lado de mesmo estar com a equipe de trabalho, ver como a gente pode crescer, como a*

*gente pode também integrar mais o jovem. (...) Está mais ou menos levando a minha direção profissional pra esse lado.”*

Outra razão de ter se retirado das atividades profissionais, foi para retomar seus estudos e terminar a sua graduação em uma especialidade que já pratica, em palestras para os adultos na associação em que trabalha. Com isso, pretende ampliar a sua possibilidade de atuação profissional.

*Eu estava até agora estudando, porque eu fiz essa formação em biografia humana. (...) Só que eu fiz toda a formação, mas não tenho a minha monografia escrita. Apresentei, mas não fiz escrita. Então um dos objetivos também esse ano é escrever a monografia pra poder realmente ter a formação completa, estar realmente graduado pra poder exercer essa profissão também. Que também está tudo mais ou menos dentro da área humanística. Desde letras e um pouco mais pra área terapêutica, com os alunos especiais. E o trabalho com os pais.*

Lígia viveu alguns momentos de maior dificuldade financeira durante os estudos na faculdade. E também quando se mudou para a Alemanha. Mas não se encontrou em nenhuma situação de desemprego. Durante a faculdade, fez vários trabalhos para ajudar a pagar as suas despesas. Seus pais custeavam sua alimentação e moradia e o restante ela bancava.

*(...) primeiro, trabalhava em butique, fazia bico, essas coisas. E depois eu comecei a trabalhar [pausa] já na minha área. Era num [pausa] como é que se chamava? [pausa] Acho que era centro de orientação pedagógica. As [crianças] iam de manhã para a escola e de tarde (...) iam pra lá para ter aulas, fazer lição de casa. Então eu comecei como responsável pela área de português, eu dava aula de português pros alunos, aula particular. Ajudava na lição de casa e dava aula de português, preparava pra prova, essas coisas. (...) Também teve uma época, a gente arrumava esses bicos, né, de corrigir redação de cursinho. Eu estudava em uma faculdade federal, pública. Meus pais viviam no interior e eles me bancavam. Me bancavam com o básico. Moradia e alimentação. O resto era o que eu fazia de bico.*

Vê esse momento como um momento muito importante da sua vida em que vivia bastante “apertada” financeiramente, mas vivia intensamente a sua vida estudantil. Não lamentava o “aperto”.

*Eu acho que um momento super importante na vida da gente, (...) era aquela opção, né, ou toma uma sopa e come menos e vai no cinema, ou não vai no cinema. Era bem apertado, (...) andava de ônibus, andava a pé, não tinha carro. Mas eu não me privei de nada das coisas que eu queria e que eu gostava de fazer. (...) Tinha uma coisa que eu gostava muito que era viajar e eu viajava todas as férias. E aí me virava. Fazia sandalinha e vendia. Eu trabalhava no Natal e juntava o meu dinheiro e viajava. (...) Ia no cinema, em show, viajava, essas coisas que a gente faz na vida de estudante. (...) Talvez tivesse gente que tivesse a vida muito melhor que a minha em termos de conforto, muitas coisas. Mas isso não era um coisa que... Eu nem percebia, eu acho.*

Na Alemanha, Lígia tinha um visto de estudante, então também fazia trabalhos menos valorizados para poder se sustentar.

*Fazia de tudo. Desde limpeza, (...) trabalhava nas férias, trabalhava no correio, trabalhava à noite, fazia faxina. Me virava, completamente. Só serviço pesado. Mas dava. Não era nenhum problema, assim. Eu nunca tive muito dinheiro também. Eu gostava muito de viajar e o dinheiro que eu tinha eu juntava pra realmente viajar. Não tinha luxo, não tinha nenhuma situação de luxo, nem de roupa, nem de casa, nem de nada, mas fazia o que eu gostava. (...) quando eu fui fazer essa formação em pedagogia Waldorf eu recebi uma bolsa de estudos. Então com isso eu vivia, com essa bolsa. Uma bolsa apertadinha, mas dava pra viver. (...) Não dava tempo de trabalhar, porque eu estudava todos os dias, de manhã e à tarde. Eu lembro que eu tinha uma tarde livre que aí eu ia trabalhar. Eu ia na casa de uma senhora que meio que me adotou desde quando eu cheguei lá, então eu fazia faxina. Mas ia mais bater papo, tomar café, almoçar com eles, e ela preparava o almoço. Então era o dia que eu ia almoçar com eles. (...) Era mais uma coisa de um contato social com uma família de idosos do que realmente um trabalho. Eu fazia*

*também com o maior prazer. E (...) trabalhava [para o primo] que era paisagista. Eu fazia umas mudas lá, plantava e depois a gente dividia.*

Quando a formação acabou, consegui um estágio remunerado em que trabalhou, já casada, até a Karina nascer. Quando a filha tinha um ano, mudaram-se para a França. Mesmo com poucos anos de formado, o salário de Miguel dava para sustentar a família, e assim eles permaneceram enquanto as meninas eram pequenas.

*“Depois que a Karina nasceu eu já não trabalhei mais, fiquei cuidando dela, era impossível fazer qualquer coisa, era só a gente, nós três, então ele trabalhava e eu ficava cuidando dela. (...).”*

Ela relata que com a chegada da maternidade, deixar de trabalhar não foi um problema. O cuidado das filhas era mais importante, e, com o marido respondendo pelo sustento da casa, não havia uma necessidade premente de trabalho. Com a mudança de países e o nascimento das duas outras filhas, a necessidade de se voltar para o cuidado com a família se intensificou.

*“Isso se manteve porque eu fui tendo filho e mudando de país e tudo. É muito difícil você mudar de país, ter um montão de filho e ainda buscar uma localização profissional, até pelo idioma, né?”*

Quando de volta ao Brasil, com a vida mais organizada, Lúgia retomou seu caminho profissional, Miguel já havia deslanchado na sua carreira e ela decidiu fazer uma escolha mais pela realização profissional que pela necessidade de sustento.

*Claro que se eu fosse trabalhar na escola Waldorf, as meninas teriam bolsa, porque é regra e se ganha um salário bom, também. Mas não seria equiparado ao que teria o Miguel já deslanchado na vida dele profissionalmente. Por isso também, como eu tinha ficado parada – tinha dez anos quase que eu tinha terminado o seminário – eu não achei que eu estava apta a procurar uma escola Waldorf. Nem tentei. Nem queria também, na verdade. Queria mais essa parte terapêutica, mesmo.*

Hoje Lúgia fala de buscar uma nova direção na sua trajetória de carreira. Quer poder fazer um caminho em que seu trabalho traga, também, retorno financeiro.

*[E perspectivas?] Então, é justamente essa a minha busca, né? (...) independente, se a gente tem toda essa estrutura, o Miguel que banca, mas*

*também tem a minha parte que eu acho que é importante da realização financeira sim. Então é por isso também que eu dei essa parada, estou terminando a monografia, pra poder ter mais coisas nas mãos pra poder realmente olhar pra essa parte do ganha pão mesmo. Retomar esse caminho ou 'Tomar esse caminho'. [risos] Por outro lado nesse sentido eu adquiri muita experiência, (...) eu já tenho dez anos de experiência. (...) A gente brinca de abrir um café, mas não quero me desviar (...) da minha ambição profissional que eu acho que é mais pra esse lado mesmo. De relacionamento, estar trabalhando mais com essa parte mesmo.*

Lígia está em pleno movimento de transição. Percebe que suas expectativas podem ou não se confirmar e traça estratégias para alcançar seus objetivos.

*É o maior desafio da minha vida agora. É um grande desafio. Eu acho que é uma coisa muito boa. Acho que a gente precisa de desafios na vida e eu acho super, assim, eu acho bom. Com um frio na barriga, porque você não sabe se toda essa sua ilusão, que você tem experiência, parará, quando você chegar, qual vai ser o impacto, até financeiro. Mas eu acho que é um desafio super necessário, principalmente nessa idade de 50 anos que eu acabei de fazer, eu acho que você tem que ter desafios. Você tem que ter motivações. (...) Eu acho que desafio é o que me move.*

Entende que seu trabalho na associação como foi feito até hoje se esgotou. Pensa poder construir uma nova relação de trabalho, em que novos vínculos possam se estabelecer.

*[...]o que eu tinha que dar lá pros jovens acabou. Então se eu ficar aqui eu vou ficar presa, e eles também, porque chega um momento em que você deixa de ser criativa dentro da equipe que você trabalha, você não passa mais nada por outro. Então foi assim, bem consciente essa minha saída porque eu achei também que deu! (...) Enquanto eu achei que não deu, eu segui.*

## **b) Mercado de trabalho**

Quando fala das oportunidades e dificuldades que o mercado de trabalho apresenta, Lígia mostra-se mais preocupada com o interno que com o externo. Entende que se puder compreender e formalizar o que quer para então apresentar ao mundo, as portas se abrem.

Começa a traçar estratégias a respeito de como adquirir mais experiência na área para a qual se dirige e observar-se para tomar a melhor decisão. Com relação à realidade de trabalho mais ampla, fala de uma demanda do mercado por profissionais que sejam flexíveis e criativos.

*Eu acho que essas formações muito ortodoxas, tradicionais e muito fechadinhas, dentro de um esquema, vou [pausa] vou estudar, vou trabalhar numa multinacional, tarará esse paradigma ele está realmente acabando. (...) Isso não existe mais. As empresas familiares estão também terminando, graças a Deus. Porque isso é à vezes coisa de um pai e não tem nada a ver com o filho, mas o filho continua e às vezes o neto continua. Eu acho que também essa forma de pensar está graças a Deus se diluindo. A gente vê que nada é seguro. Então eu acho que você tem que ser bastante criativo, bem flexível. Não estar fixo num trabalho, numa única profissão. Você tem que se abrir mais pro mundo.*

Ao falar de futuro, pensa na necessidade do pensamento sair da esfera individual, para as preocupações com o coletivo, com o mundo e com o outro.

*“[pausa] É difícil falar de futuro. Porque está mudando assim muito rápido tudo. Mas assim, no geral eu vejo que é um olhar mesmo que a gente vai ter que ter pro mundo (...) mais, eu diria holístico. Olhar mesmo pro outro, pro que está acontecendo que agora, né? Com essa pobreza cultural, essa pobreza material [pausa] Ah, eu acredito nessa coisa que a gente vai ter que olhar pro mundo e ver agora o eu a gente faz com essa população que está aí e está tão necessitada, o que a gente pode mudar.”*

### **c) A(s) filha(s) e o futuro**

Com relação à filha, na verdade às duas filhas que almejam a entrada no mercado de trabalho a partir da escolha de uma faculdade, Lígia não fala diretamente do que percebe como possibilidades ou dificuldades de cada uma delas, mas entende que ambas possuem as qualidades de criatividade, abertura e flexibilidade que o mundo demanda. Fala também de uma formação diferenciada que as filhas tiveram, pelo estudo e por terem morado em países diferentes e terem vivências diferentes também.

*Eu (...) sou muito grata à escola Waldorf porque dá essa flexibilidade, essa abertura, esse aprender a olhar através do ensino das artes, um olhar mais amplo e [pausa] que eu gostaria que realmente elas possam ver o mundo de uma forma mais [pausa] pelo fato da gente já ter morado, de cada uma ter nascido num país, de ter tido esse contato com diferentes culturas. Nós, tanto o Miguel como eu, nós adoramos viajar e as meninas também tem essa coisa que elas gostam, tal. De conhecer esse mundo mais amplo. E o que eu falo pra elas é que elas têm que escolher realmente algo que elas façam com muito amor, realmente com muito interesse, independente do que seja. Acho que hoje não existe mais aquela profissão do futuro, aquela profissão que você vai se dar bem na vida. Acho que ao contrario, a profissão que você vai se dar bem na vida é aquela que você faz realmente com amor, se empenha.*

As suas preocupações também aparecem de maneira genérica. Não aponta o que a preocupa na filha mais velha que hoje busca se orientar na elaboração do seu projeto de carreira, ou na mais nova, que está saindo da escola e não faz ideia do que quer fazer.

*Preocupação maior é que realmente elas se encontrem. E se coloquem no mundo. Sejam felizes, mas felizes também no sentido de estar fazendo alguma coisa também pelo mundo, não é só fazendo por ela, pela realização própria. Fazendo alguma coisa pra melhorar a situação do mundo.*

Com relação à geração de jovens que adentra o mercado de trabalho em geral, aponta diferenças significativas com relação à sua geração, como a diversidade de cursos e opções de carreira, maior amplitude a acesso à informação, visto como uma demanda e também como uma vantagem.

*Eu acho que está um pouco interligado àquilo que eu te falei. Em relação à minha geração ainda, um pouco, eu diria que ainda era uma geração que a gente estava bastante estruturado. Como que era no fim: você saia do colegial, fazia o vestibular, escolhia uma profissão, às vezes nem escolhia porque gostava. (...) E eu acho que isso mudou bastante, primeiro que o mercado não só de trabalho ampliou muitíssimo, se pode fazer tudo o que se quer, hoje. E também porque as profissões elas mudaram bastante. (...) Hoje tem uma diversidade enorme dentro das universidades. Cada vez se diversifica mais. (...) você sempre está se informando mais e cada dia vem coisas novas e por outro lado também é maravilhoso porque você está*

*evoluindo, refletindo mais, não fica uma coisa tão quadradinha. Acho que a minha geração abriu as fronteiras (...) [e] essa geração já está com as fronteiras abertas.*

Para Lúgia, essa abertura exige dessa nova geração, entretanto maior jogo de cintura e capacidade para adentrar o mundo do trabalho. Mas aponta que essa realidade à qual se refere é a realidade do seu círculo de convivência, da sua classe social. Mas traz isso contrapondo o que vê ao que existe *lá fora*. Como se fora do seu círculo de convivência o mundo fosse diferente do que percebe. Quando ela fala do ambiente em que vive, fala também do ambiente de relações que se estabelecem em torno da comunidade Waldorf. E traz uma certa percepção, denunciada nessa fala, de que talvez em outros grupos possa haver realidades diferentes.

*Vão ter que ter muita criatividade, jogo de cintura pra saber o que querem e também entrar num âmbito de mercado de trabalho profissional. Mas sem também essa exigência forte que tinha (...). [Com] uma parte dos pais acho que existe uma abertura maior. Eu vejo que muitos jovens acabam o ensino médio e vão fazer uma viagem. Esta demorando mais também pra entrar, assim realmente numa profissão, acho que existe também essa flexibilidade dos pais de falar olha, tenta mais outra vez o cursinho vê se é isso que você quer. (...) mas eu estou falando da minha parte não sei como é lá fora. Pode ser que seja totalmente diferente. Estou falando do ambiente onde eu vivo, do círculo de amizades que eu tenho. Dentro desse espaço social onde nos vivemos, é assim que eu tenho visto. Não sei se isso é o geral.*

E retoma, agora aproximando-se da sua problemática familiar, uma preocupação com a possibilidade de suas filhas não terem podido compreender o sistema de valores e filosofia de vida que ela e o marido seguem. Busca expressar essa filosofia e sua preocupação com os valores que passou para as filhas e sua fala se concentra na tentativa de relativizar os valores materiais.

*E talvez pela nossa filosofia de vida. Uma coisa que eu acho que a gente não passou é que tanto o Miguel como eu tivemos que ter foi muito jogo de cintura pra nos bancarmos financeiramente nessa parte, durante a época de faculdade, nessa parte de dezoito anos pra frente. Tanto ele quanto eu, nós meio que nos bancamos financeiramente. E o que a gente não faz com as meninas, né? Porque elas vieram numa outra situação de vida. E agora, como*

*consequência disso eu ainda não posso te dizer. Agora, o que eu posso dizer é assim, a nossa filosofia de vida é a mesma, (...) isso elas captaram, espero que elas tenham captado. Os nossos ideais, a base, é a mesma. Então eu espero que isso fique. Independente de elas morarem numa casa maravilhosa, terem carro, dirigir. Eu fui dirigir eu já era velha. Nunca tive carro próprio, nem nada, mas isso são coisas que existem outros recursos por trás que esses são os que valem. Espero que isso a gente possa ter passado pra elas. Espero que tenha ficado que isso que a gente quer passar pra elas. O conforto material é muito bom a gente ter, claro. Poder estar dando prum filho, não nego isso em hora nenhuma. Mas eu acho que existem outros ideais por trás que são mais importantes e eu acho que é isso que a gente quer que elas preservem.*

#### **4.2. Miguel**

Miguel aparece nesse estudo pela ausência. Foram feitas oito tentativas bem-sucedidas (no sentido do contato ter sido feito) de marcar com ele a entrevista no período de seis meses. Em todos os contatos ele se mostrou sempre solícito e receptivo. Os contatos foram realizados todos por telefone e, sempre que possível, Miguel atendia prontamente as ligações.

Em cinco das tentativas bem-sucedidas de contato, Miguel estava fora do país. Em duas estava em outra cidade e em uma estava em reunião. Percebendo minha insistência em tentar marcar o compromisso, ele me encaminhou para a sua assistente no intuito de facilitar a marcação de um horário. Esse ensejo se mostrou desastroso, pois a mesma, por mais que tentasse, não conseguia encontrar uma brecha na agenda para encaixar uma conversa no único dia da semana em que ele se encontrava na cidade.

A opção por incluir Miguel nesse estudo é feita justamente a partir desse fato: sua presença na ausência.

O que sabemos sobre Miguel nos chega através dos relatos de sua esposa Lígia e sua filha Karina.

### 4.3.Karina

#### a) O caminho da escolha profissional

Karina tem dezenove anos, havia terminado a escola no ano anterior e estava, à época da entrevista, fazendo cursinho preparatório para o vestibular. Já tinha passado por um processo de orientação profissional, mas relata que continua fazendo mais sessões esse ano.

*“(...) esse ano eu sai da escola no fim do ano e eu entrei no cursinho, no começo desse ano. Aí quando entrei foi tipo: mudei totalmente de ambiente! Porque eu estava desde o começo na mesma escola e eu falei: ‘Meu Deus! Será que é isso que eu quero? E aí eu voltei [para a orientação profissional].’”*

Ela estudou sempre em uma escola de metodologia Waldorf, e relata que as vivências dos seis meses de cursinho promoveram muitas mudanças. Começou pensando em prestar Economia, então se inscreveu em uma turma específica, de aulas preparatórias para o vestibular de meio do ano da IBMEC<sup>13</sup> e, no relacionamento com os demais alunos da turma preparatória, percebeu que não iria gostar da faculdade. Durante o seu processo de escolha, não havia pesquisado os valores da instituição em que iria se inserir e de como os estes poderiam influenciar a sua escolha. Escolheu por outros critérios, como proximidade, reconhecimento da instituição no mercado e, principalmente, porque tinha processo seletivo no meio do ano.

*“(...) a faculdade apesar de ser uma faculdade muito boa é uma faculdade que exige muito dos alunos. Eu acho bom, mas sabe, eles fazem tudo meio uma competição. (...) e eles falam que ‘o mercado é competição’ e eu pensava: ‘Meu! Eu quero fazer o que eu gosto de fazer e ter prazer e não ter uma competição.’ E eu falei eu prefiro não fazer. (...) Lá tem ranking pra tudo. E pensei, tipo, ranking? Pra eu estar na faculdade? Não vai medir o meu esforço, sei lá. (...) Não quero fazer isso, ainda mais na faculdade que eu acho que tem que ser uma coisa que você goste. (...) Tudo mundo fala: ‘nossa a faculdade é ótima’, eu quero isso pra mim!’”*

---

<sup>13</sup> Sigla de instituição de ensino que significa Instituto Brasileiro de Mercado de Capitais.

Conta que chegou a prestar vestibular no ano anterior, mas que, como sua escola não é focada no vestibular, entende que não tinha base suficiente para passar em nenhuma faculdade.

Quando fala do seu processo de escolha profissional, Karina diz já ter pensado em tudo. E que ainda não descartou muitas das coisas que já pensou em fazer. Seu processo de escolha passa inicialmente pelo reconhecimento das coisas de que gosta, tanto na escola como em casa. Mas essas coisas não se desenvolvem para o exercício de uma profissão.

*“Eu pensei em tudo. Em tudo possível e imaginável. (...) Acho que já pensei em ser cozinheira assim. Eu lembro que eu queria ser cozinheira e aí eu fui cozinhar e eu vi um frango e achei tão nojento pegar [que] falei: ‘Meu! Não quero mais isso! Aí depois eu pensei aí em ser arquiteta ou fazer Desenho Industrial, (...) no ano passado, ou há uns dois anos. Só que, por exemplo, Desenho Industrial eu pensei. Tá. Eu quero fazer Desenho Industrial, mas depois vou trabalhar com o que? Tipo, não consegui me ver assim trabalhando com isso. Só fazendo a faculdade e não trabalhando.”*

Sua opção por Arquitetura ou Desenho Industrial passava pela sua preferência pelas aulas da geometria da escola. E conta que foi durante o processo de orientação profissional que explorou o que seria exercer essas profissões. E percebeu que não teria paciência para acompanhar, por exemplo, todo o projeto de uma casa.

*“Eu sou de fazer tudo acontecer mais rápido, sabe? Não sou aquela pessoa que tem paciência, de pensar em cada detalhe. (...) Eu faço as coisas até o final mesmo que eles sejam demorados, mas quando eles demoram muito eu começo a não gostar mais deles. Acho que é isso. Ficar muito tempo pensando numa coisa, começo a ficar frustrada.”*

É como se o mesmo acontecesse com seu processo de escolha profissional. A dúvida não permanece tempo suficiente para superar a angústia gerada por ela para então fazer o que Bohoslavsky (1977) chama de uma escolha madura – a escolha que deriva da elaboração dos conflitos vividos pelo jovem e não da negação dos mesmos. Karina parece estar no meio do caminho entre a escolha madura, em que pode identificar-se consigo mesma e identificar o mundo exterior e uma escolha ajustada, em que busca resolver a questão, fazendo uma síntese do que gosta e das suas capacidades e das oportunidades do mundo exterior. Refere-se

ao processo de orientação, quase como a um oráculo, que consulta para conseguir perceber a si mesma.

*“Bom, eu fui na [orientação] e eu percebi que eu (...) gosto bastante da área administrativa. Até porque eu gosto de ir fazer, sabe? Aí eu pensei bom eu vou fazer Economia que tem um lado mais humano e aí eu prestei Economia no fim do ano.”*

Quando mudou de turma no cursinho, Karina relata que nas conversas com os colegas colheu informações de como é o curso e a carreira de um administrador. E conseguiu se ver exercendo a profissão, mas não em um escritório, sentada o dia todo.

*“Mas eu adoraria, tipo, ser gerente de um café sei lá uma coisa assim, sabe? Tem contato com o cliente. Eu gosto de ter contato assim (...) até, sei lá, um banco, ser aquele gerente que fica o dia inteiro conversando com as pessoas. Eu gostaria de ser empresária.”*

Outra faculdade que pensa cursar é a de Relações Internacionais. Ainda que não queira ser diplomata, não descarta a possibilidade de fazer o curso. Mas relata que não sabe como vive ou o que faz um profissional formado em RI.

*“É, não sei [como vive o profissional] [risos] Na verdade, por exemplo, não conheço ninguém que tenha feito Relações Internacionais e esteja formado, sabe? Eu tenho um monte de amigos que está fazendo, mas que se formou e está, assim, trabalhando, eu não conheço. Nem Desenho Industrial, mas eu acho que, assim, no fim, ‘tsk’ [faz um movimento com a boca e dá de ombros].”*

Karina já fez sua escolha, mas não se sente segura a respeito da mesma. Então tem buscado se informar mais a respeito da profissão para saber se é isso mesmo que quer fazer. Não quer fazer uma escolha ajustada. Não quer escolher só porque esse parece o caminho mais adequado.

*“Mas agora se eu tenho certeza do que eu estou fazendo? Não tenho! Às vezes eu paro e penso: ‘meu Deus!’ (...) Eu acho muito difícil [decidir]. Porque eu não sei. Pra mim não é claro sabe? Eu gosto de muita coisa. (...) Eu penso nos prós e contras e aí eu vejo (...) o que me chama mais quando eu penso. Mas eu não sei como eu faço esse processo. (...). Eu [agora] pergunto*

*para todo mundo, tudo, sabe? Eu estava na praia, aí tinha uma menina que fez GV e eu fui conversar com ela e aí tipo tinha uma outra que faz ESPM eu fui conversar com ela, (...) Eu pergunto tudo para todo mundo para poder tirar minhas próprias conclusões com base em alguma coisa, sabe? [O que você quer saber?] O que eles gostam, que eles acham bom e o que deixaram de gostar. (...) na verdade, a profissão eu escolho assim, sabe? (...) É e ver o que eu tenho mais vontade de ver.”*

Ao longo da sua fala, outras opções aparecem, mas em torno da escolha por Administração. Compreende que o curso que for fazer, hoje, não vai delimitar completamente o seu campo de trabalho. Percebe que há mais de um caminho que poderiam levá-la ao exercício de uma profissão, mas esses caminhos ainda não estão claros para ela no momento da escolha em que se encontra.

*“Então, na GV você se inscreve para pública e empresa, né? (...) E eu não faço idéia do que é trabalhar no setor público. E aí eu pensei que talvez fosse ser um pouco mais interessante. [Por que?] Não sei. [pausa] Depois você pode trabalhar em qualquer lugar. (...) você pode fazer muitas faculdades diferentes e, assim, tudo vai te levar mais ou menos para uma mesma região. Por exemplo, eu acho que se eu fizer tanto RI, como Administração ou Economia, no fim eu vou acabar trabalhando com a mesma coisa. Porque, sei lá, eu acho que [pausa] que dos três dá para você chegar no mesmo lugar sabe? Por diferentes ângulos e aí, espero, na faculdade (...) descobro que eu gosto mais de uma área, daí eu posso fazer uma pós. [E a escolha de faculdade fica mais fácil?] Eu acho que fica mais agradável também, aí você escolhe o que você quer e não o que você acha que vai ser melhor quando você for arranjar um emprego, sabe?”*

Por outro, Karina vive a condição de quem pode escolher o que quiser. Mas precisa gostar do que escolheu, como condição para dar certo na vida. Fala : *“(...) na minha casa sempre foi assim, sabe? Tipo podem fazer o que vocês gostarem que [pausa] depois [pausa] [faz um movimento denotando interrogação][risos].”*

Então fala do pai, como modelo de alguém que trabalha com o que gosta e gosta do que faz. Mas também de alguém que se dedica muito ao trabalho. Sabe que ele trabalha com administração, mas não sabe dizer, além da ocupação física, ou seja, do trabalho se dar na frente de um computador, do que se trata o que ele faz.

*“(...) meu pai ele não fez Administração ele fez Engenharia, mas ele trabalha com Administração. Ah sei lá, eu acho que eu não vou ser igual a ele porque ele trabalha muito, muito. Acho que eu não tenho todo esse pique. [Mas ele gosta?] É, ele gosta muito, muito. Eu acho que eu não gosto. Ele gosta muito, muito, muito [do que ele faz], por isso que ele [aponta para a casa, como sinal de sucesso do pai]. [Você sabe o que ele faz?] Ele administra empresas internacionais, agora. Eu sei o que ele faz mais ou menos. Eu sei onde ele trabalha, o que ele faz. [o dia-a-dia?] Ah, sei, quer dizer o que eu vejo assim é tipo, ele no computador assim o dia inteiro, mandando e-mail, fazendo conferências e tal, mas é mais eu acho mais uma administração assim sem tanto, não tanto uma gerência, tipo sabe, com contato com cliente, é mais dentro da empresa.”*

#### **b) Sucesso e família**

E traz, como idéia de sucesso, fazer o que gosta. Que se fizer o que gosta, sua vida será mais fácil.

*“Pra mim, ser bem sucedido é trabalhar no que você gosta, mesmo. Acima de qualquer coisa. Porque acho que a partir do momento que você trabalhar no que você gosta você consegue ser mais produtivo e fazer as coisas melhor e aí sabe é meio uma consequência. Aí você é bem sucedido, mesmo que você não ganhe financeiramente tanto, se você gosta, eu acho que é mais fácil a sua vida toda. (...) acho que se você gostar do que você faz é o que importa.”*

Na sua família, aponta a mãe como alguém bem sucedida também, uma vez que trabalha com o que gosta, mesmo que não tenha um grande retorno financeiro. E mais uma vez, fala do pai como alguém que permite, inclusive, que a esposa faça o que gosta, uma vez que é ele quem sustenta a casa. Conta que ela, as irmãs e a mãe se planejam para encontrar com ele nos poucos momentos em que ele está em casa. Em nenhum momento Karina expressa ressentimento pela ausência do pai. Como se a falta dele fosse o preço a pagar pelo que o seu trabalho pode proporcionar para a família.

*“Minha mãe trabalha, mas ela trabalha numa escola para crianças especiais, então aí é quase sem fins lucrativos, ela trabalha porque ela gosta. Não pelo financeiro. Meu pai [sustenta a casa]. Mas porque ele faz o que ele*

*gosta também. Acho que ele não estaria fazendo o que ele faz se ele não gostasse, sabe? E (...) ele adora teatro também. Ele faz teatro além de trabalhar como empresário. Além de tudo o que ele trabalha (...). Antes ele fazia (...) formação de ator, toda noite das 7 as 11 apesar dele passar o dia inteiro trabalhando. Ele já se formou, então agora ele faz umas peças por puro prazer assim, porque não precisa do dinheiro que ele ganha fazendo as peças e nem gastar o que ele tem com o que ele gasta, assim, sabe? Mas é porque ele gosta. (...) Ele é disciplinado.”*

E Karina relata o que pode acompanhar da trajetória da sua família. Das lembranças que tem. E dos altos e baixos por que passaram.

*“(...) na verdade, assim, eu observei o crescimento econômico da minha família sabe? Foi bem intenso. (...) a minha mãe é do interior de Minas Gerais, meu pai também (...) é argentino, mas também nunca teve tanto dinheiro. A família da minha mãe ela tem tipo 8 irmãos, sabe bem de roça, assim? E (...) a gente [pausa] veio para o Brasil, a gente morava numa casinha menor e foi crescendo.”*

Aqui, faz um breve relato da trajetória da sua família.

*“Então, a gente tem um percurso de vida assim. Eu nasci na Alemanha, foi onde eles se conheceram. (...) Ele foi para lá pra estudar, porque a família dele é alemã. E a minha mãe foi para lá também porque ela saiu da faculdade e decidiu ir para lá. (...).Porque, tipo, ela tem uma parte da família que também é de lá, ela foi morar com um tio. (...) e conheceu meu pai e se casaram. A gente se mudou para a França. A gente morou na França quatro anos, porque de acordo como o meu pai ia mudando de trabalho, eles iam mudando de país. Aí a gente se mudou pra Argentina, a gente morou mais dois anos e a gente veio para o Brasil. Eu morei menos de um ano na Alemanha. (...) [Quando mudamos pra cá fomos] morar num apartamento.”*

Aqui mostra os efeitos da ausência do pai na família. E como viveu o período de desemprego do pai.

*“Eu observei algumas crises. Aliás, bastantes, né? Porque meu pai gosta muito de trabalhar. (...) Aí teve um ano que ele saiu da empresa, porque ele teve uma discussão com o chefe e ele ficou muito mal. Porque ele não*

*trabalhava. Só que mesmo não trabalhando ele trabalhou, não sei o que ele fazia, mas ele ficava o dia inteiro trabalhando. Assim, não era numa empresa, era por si próprio. Aí ele ficou um tempo sem trabalhar mais assim por opção. Ele decidiu que ele ia tirar um tempo. Aí depois ele voltou. A trabalhar. [e como você viveu isso?] Ah, não sei pra mim na verdade não me afetou muito. O único que era ruim era, sabe, você via que seu pai emocionalmente estava muito mal. (...) Faz quatro anos. E aí foi isso. A única coisa que eu achei assim ruim mesmo é que meu pai estava, tipo: mal!”*

Quando fala da família, fala primeiro das duas irmãs mais novas e de como a caçula é diferente dela e da irmã do meio. Enquanto as duas mais velhas gostam de exatas e são estudiosas, a mais nova escreve poesia e fica de recuperação de matemática. Karina fala dessa diferença como algo impressionante.

Conta que a família da sua mãe é de nove irmãos, sendo a sua mãe a mais nova. Seu contato maior, assim como o da sua mãe, é com suas tias, já que boa parte da família mora em outro estado. Conta que ambas as tias, assim como sua avó, não trabalham. Dos tios sabe pouco. São muito distantes. O tio mais velho é dezoito anos mais velho que a sua mãe.

Já com os primos, Karina tem mais contato, mesmo que seja pela internet. Mas relata que viaja bastante para visitar a família, assim como primos vêm para a sua casa ou para a casa que tem no litoral.

Entende que os tios que não saíram da cidadezinha onde sua mãe nasceu tiveram menos chances de sucesso que aqueles que foram para as cidades grandes. Fala especialmente de um tio que vive de uma criação de porcos e de como sua vida é difícil e sem perspectivas.

*“Eu não vejo possibilidade de crescimento pra [o tio]. Eu vejo o quanto ele se esforça, pra dar conta da falta de formação. Ele não conseguiu crescer. Porque não tem mercado consumidor. Porque é uma cidadezinha. Ele não tem muito porco. É muito pequenininha. Ele não cresce porque não tem dinheiro pra investir na fazenda. É tudo muito rudimentar. Ele faz tudo. Ele acorda as cinco da manhã pra ver os cinco porquinhos que nasceram. Ele trabalha muito e ganha muito pouco. A família ajuda muito, principalmente o meu primo que faz faculdade. Ele não consegue pagar a faculdade [do filho], mas pra ele é prioridade.”*

Para ela, fazer uma faculdade foi o meio que essa família encontrou de mudar a sua realidade. Os seus tios que não fizeram têm muita dificuldade. Um tio ficou muitos anos desempregado. Insere a mãe nesse contexto reafirmando a sua condição de profissional, voltando a resgatar o valor do seu trabalho.

*Minha mãe sempre deu aula. Não é que ela não ganha nada, mas perto do que meu pai traz é insignificante. Mas ela sempre trabalhou.*

Já a família do pai é muito pequena, seu avô e sua única tia já faleceram e Karina só tem contato com uma avó que é bastante ativa e de quem gosta muito. E é essa avó quem transmite as histórias familiares e com quem Karina conversa sobre suas dúvidas profissionais.

*“Meu avô morreu logo que nasci. Minha avó é tradutora e trabalha até hoje. E faz teatro, e tem um programa de rádio. Como a gente é a única família ela liga todo domingo. Vem pra cá cinco vezes por ano. Viaja com a gente. Tenho muito contato com ela. Mais que com a outra. É diferente. Muito diferente.”*

### **c) Mercado de trabalho e futuro**

Fala ser muito difícil ver como é o mercado de trabalho, ou imaginar-se profissional.

*“Eu não sei. Eu acho que eu não vejo. [pausa] ah, eu acho eu tenho muita dificuldade de ver pra frente o quê que eu vou fazer ou como é o mercado hoje, sabe? Por exemplo, eu vejo o mercado sendo muito diferente pros meus tios que pros meus primos. Esse meu tio que ficou sem emprego muito tempo, sabe? Eu via o quanto era difícil e tal. E como pros meus primos não é mais tão difícil arranjar emprego. Quase todos os meus primos trabalham. Até minha prima arquiteta, ela trabalha desde que ela se formou. Mesmo que umas pessoas talvez trabalhem em outras áreas.”*

Quando fala do mundo do trabalho, fala da importância dos contatos que uma pessoa tem para ser bem-sucedida e acredita que isso irá se ampliar no futuro. E fala de como o seu pai, por ter muitos contatos, pode ajudar muita gente e também ser ajudado. A entrada no mundo do trabalho é uma entrada intermediada pelo pai. Ao mesmo tempo, não consegue se imaginar trabalhando, ou o que vai fazer quando sair da faculdade.

*“Hoje em dia é muito pelos contatos que você tem, sabe? Por pessoas que te conhecem, te indicam. E que na hora de você arranjar um emprego, isso conta muito. Talvez você não tenha feito a melhor faculdade em tal coisa, mas se o cara te conhece, você tem grandes chances, sabe? Tantas quanto quem fez a Harvard [risos]. Não assim, mas mais ou menos. Até porque meu pai, (...) ele ajudou várias [pessoas], com contatos e aí elas conseguiam o emprego. (...) Então eu acho que o futuro é muito dos contatos que você faz, de como você lida com as pessoas. Eu (...) acho que nesse sentido eu vou ter bastante apoio. Porque meu pai conhece muita gente. Ele (...) não tem vergonha também (...) de pedir, recomendar alguém, ligar pra pessoa assim ‘x’ pra pedir um favor. (...) E como eu tenho muitos primos, qualquer um deles pode me ajudar, pra [risos]. (...) [pausa] Eu não consigo pensar muito como vai ser quando eu for sair da escola, [quer dizer], da faculdade.”*

Com relação a ficar desempregada, Karina diz ter medo de ficar sem fazer nada e ficar frustrada com isso. Quando vê o desemprego nos seus familiares, mostra-se mais preocupada. Mas mais uma vez, percebe os adultos próximos como pessoas que trabalham por prazer e não por dinheiro. Quando fala da família americana com quem morou no intercâmbio que fez, fala de um sofrimento muito grande de alguém que não faz o que gosta.

*“Acho que eu tenho [medo], porque eu não gosto de ficar sem fazer nada, sabe? (...) Eu não consigo. Se eu estou muito tempo sem fazer nada, eu tenho tédio. E eu não gosto de sentir tédio.”*

*“(...) Mas eu sei que esse negócio, tipo quando o meu tio estava desempregado eu vi ele muito frustrado, quando meu pai saiu [do emprego]. Assim, é meio uma frustração com a vida. Mas (...) eu não vejo nenhum deles visando só o financeiro. (...) Todo mundo fez coisas que gostava de fazer, e por prazer mesmo. É o que eu vejo, não sei se é assim. (...) Lá [no intercâmbio que fez nos Estados Unidos] (...) o pai, ele era muito frustrado com o trabalho dele. Ele detestava o que ele fazia. Só que ele fazia simplesmente pelo financeiro. E eu achava horrível. Assim, nossa! Sabe, quando você vê o cara tipo, sofrendo, assim? Daí eu: ‘Meu Deus!’ (...) Ele detestava o trabalho. Não era um bom [retorno financeiro], mas era tudo o que ele conseguia. Nossa, mas era horrível. Era totalmente frustrante, você ver. Ele chegava do trabalho puto. Todo dia. Ele não gostava do que ele fazia. Mas era a única*

*coisa que ele tinha conseguido. E mesmo assim, as minhas amigas lá, as filhas dele, (...) elas se sustentavam. Mas ele tinha que pagar escola, faculdade, seguros, etc.”*

Mas fala de uma realidade que não é possível sem dinheiro. Se por um lado pode ser feliz tendo amigos, e fazendo o que gosta, para fazer o que realmente gosta, precisa ganhar muito dinheiro. Seu discurso parece antagônico, propondo uma realidade ideal, em que os valores humanos como amizade, companheirismo e solidariedade são prioritários, mas em um contexto que precisa ser financiado pelo capital nada “humanitário”.

*“Se você trata as pessoas bem, as oportunidades aparecem. (...) Mesmo que você não tenha dinheiro, você não precisa, sabe? Se você tiver amigos e contatos você pode viver bem, e fazer o que você gosta e não ganhar tanto dinheiro. (...) Só que assim, claro que o dinheiro hoje em dia, no mundo moderno é importante. Claro que eu gostaria de ganhar muito dinheiro. Eu gostaria muito. Mas acho que não é o mais importante, sabe? Porque eu gosto muito de viajar. Não pra acumular. Pra falar: Yes, eu tenho a maior montanha! Pra gastar, pra ir viajar.”*

Quando fala de pessoas que admira por seu sucesso, fala dos seus pais, e fala da ascensão financeira dos mesmos.

*“Acho que eu admiro os meus pais. Porque teve toda essa ascensão, assim. A ascensão financeira deles foi muito grande, ao meu ver. E isso tudo porque meu pai faz muito o que ele gosta de fazer, sabe. Ele trabalha muito. Ele gosta, sabe? Óbvio. Ele fala, se ele não gostasse, ele não trabalharia tanto quanto ele trabalha. Mas ele gosta muito.”*

#### **4.4. Análise**

O ponto principal da análise dessa família é a ausência de discurso dos pais no que concerne à escolha profissional da filha. O pai, por não participar do dia-a-dia da filha, acompanhar suas angústias, servir de amparo próximo para que ela possa se debruçar sobre o

mundo adulto no seu exercício de escolher. Pode-se dizer que essa ausência fica também refletida na impossibilidade de Miguel participar, com sua família, desse estudo. Ainda que se mostre sempre solícito, não tem tempo disponível.

A mãe, sempre presente no dia a dia, mostra-se ausente no discurso, ao delegar à escola a resposta sobre as habilidades das filhas. O reconhecimento individual daquela, cuja identidade profissional se encontra em construção, fica diluído em meio a um discurso de pertencimento coletivo.

Karina fala de como é difícil para ela falar de futuro e imaginar-se profissional. Também de como não tem certeza do que está fazendo, quando fala da sua escolha profissional. Diz ser muito difícil decidir, pois gosta de muitas coisas. E não sabe como se dá seu processo de escolha, não se reconhece e busca esse reconhecimento no olhar do orientador profissional que a acompanha.

Quando fala de como vem fazendo perguntas para todo mundo, fala de buscar elaborar suas próprias conclusões no diálogo com o olhar de outros “outros”. Buscando assim, reconhecer-se.

Karina aponta para a importância dos relacionamentos para obter sucesso profissional, e para tal, ressalta, já tem uma vasta rede de amigos, além de uma família numerosa. A rede de relacionamentos está tanto na figura do pai, que exerce sua influência, quanto na filosofia do que Karina chama de “mundo Waldorf”, em que existe um sistema de solidariedade e ao qual a sua família pertence.

Outro relato significativo fala sobre o impacto que sofreu quando saiu da escola e foi para o cursinho. Para um ambiente totalmente diferente. Suas referências de até então não serviam mais para a sua escolha, e precisou voltar para o processo de orientação profissional para reorientá-la. Nesse aspecto, encontramos no discurso de Lígia o reconhecimento de que não sabe se o que percebe é o mesmo que acontece “lá fora”. Sendo o “lá fora” o mundo para além do ambiente, círculo de amigos e espaço social onde vive. E ressalta que poder ser que seja totalmente diferente.

Karina quer encontrar uma faculdade que goste de fazer e que tenha convergência com os seus valores e muda sua escolha, ao ver que a instituição que havia selecionado primeiramente não corresponde a eles. Quer gostar da faculdade e se apropriar dessa escolha também.

Sua família vive dentro de um sistema de valores baseado em uma filosofia que orienta, inclusive, o trabalho de Lígia. Para a mãe, existiria uma forte convergência entre os seus valores e sua escolha de carreira.

A jovem não sabe com o que quer trabalhar, mas sabe que precisa ser algo que goste. Entretanto, diz não achar que vai gostar de algo o suficiente a ponto de aguentar trabalhar o tanto que o pai trabalha. No seu relato e no de Lígia, Miguel aparece como alguém que trabalha muito para manter o padrão de vida que a família tem, mas que só consegue fazer isso porque gosta muito do que faz.

Ao mesmo tempo Karina quer um trabalho que lhe permita ganhar muito dinheiro, para que então possa fazer as coisas que gosta. Isso porque algumas coisas que gosta de fazer, como viajar, assim como seus pais (de acordo com o relato de Lígia), dependem de possuir um padrão de vida alto. Por outro lado, traz valores que não dependem de dinheiro para serem alcançados e se vê em meio a um dilema que por vezes parece confundir seu discurso. O mesmo dilema é apresentado pela mãe, quando coloca a sua preocupação com a possibilidade de não ter conseguido transmitir os valores em que acredita, por proporcionar às filhas um alto padrão de vida.

**V. Considerações finais: Outros caminhos possíveis**

### **As estratégias profissionais das mulheres frente à maternidade**

A presente pesquisa levantou, além do objetivo proposto outras correlações adjacentes, como as estratégias formuladas pelas mulheres, todas elas, quando se viram diante da premência da atividade laboral e da maternidade.

Todas as mulheres desse discurso perpetraram no momento em que a maternidade cruzou suas carreiras, mudanças relativas à sua disponibilidade para o trabalho. Desde Lígia, que, aparentemente em boa parte por estar em um país estrangeiro, abdicou da sua carreira temporariamente em nome do cuidado com as filhas, até Marisa, que faz uma parada radical, mas retoma a participação ativa no trabalho após um ano de recesso. Iara e Maria, ambas psicólogas, readaptaram suas rotinas para poderem se dedicar mais aos filhos, buscando assim integrar mais harmoniosamente em suas rotinas a maternidade e o trabalho.

Lígia hoje quer, em certa medida, retomar o tempo perdido, e redesenha sua carreira para poder viver a realização profissional e financeira. Já Marisa se ressentido do tempo passado longe dos filhos em nome do trabalho, ainda que possa fazer certas manobras na sua rotina para atender a certas demandas da vida diária dos filhos.

Essas mães são mulheres de classe média (a alta, se considerarmos o poder aquisitivo de duas das famílias) e também todas casadas com maridos profissionalmente ativos. As alternativas encontradas por elas talvez não fossem possíveis em organizações familiares diferentes, mas aí caberia um estudo mais aprofundado do tema.

### **Outros estudos a serem considerados**

Outros estudos ligados às escolhas de profissão dos pais poderiam, a priori produzir resultados diferentes, podendo-se levantar a hipótese de alguma homogeneidade de respostas em uma determinada carreira.

Outro fator não explorado por esse estudo é a família composta por pais separados. Alguns fatores já estudados por outros pesquisadores, como o aumento da insegurança com relação à escolha, por exemplo, podem interferir de forma significativa nos resultados.

### **A confirmação da hipótese empírica**

A alta correlação encontrada nos discursos das famílias comprova a hipótese levantada a partir da observação empírica. Sendo assim, podemos afirmar, a partir deste estudo exploratório que a maneira como os pais enfrentam os desafios do mundo do trabalho influencia diretamente a construção do projeto de carreira dos filhos.

Essa conclusão aponta para a necessidade de uma consideração mais ampliada da participação das dinâmicas familiares nos processos de escolha. O processo de construção da identidade daquele que escolhe não é estático, está, antes, constantemente se refazendo e se remodelando conforme dialoga com as outras “identidades” em construção com as quais se relaciona.

Um dado observado foi a ausência de enfrentamento ou negação dos projetos identitários dos pais por parte dos filhos. Em todas as famílias, a dinâmica percebida era conciliatória e não conflitiva, corroborando assim com a ideia de existência de uma família moderna em que a autoridade do pai não mais representa um obstáculo para o crescimento dos filhos (Roudinesco, 2003). O pai se vê enfraquecido, por vezes impotente, pois não possui o conhecimento das regras do mundo adulto no qual o filho adentra. Algumas vezes é bem sucedido na missão de colocar-se como coadjuvante ativo desse processo, mas em outras fracassa. Os pais desse estudo colocaram-se mais como parceiros que como modelos a serem seguidos, sempre que se percebiam capazes de alguma participação ativa no processo de escolha dos filhos.

Mais de uma vez pudemos acompanhar pais que se viam sem saber o que fazer para ajudar, devendo deixar que os filhos descobrissem por si mesmos os seus caminhos. O orientador profissional, também objetivo desse estudo, precisa, então, mais que propor modelos de escolha, poder se colocar como parceiro daquele que escolhe, para auxiliá-lo na movimentação da sua questão profissional. Permitindo, assim, que o jovem saia do impasse no qual se encontra, identificando em si mesmo os recursos para enfrentar os desafios da elaboração do projeto profissional.

## **Referências Bibliográficas**

- ABERASTURY, A; KNOBEL, M. *Adolescência normal*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1981.
- ALMEIDA, M. E. G. G. ; PINHO, L. V. Adolescência, família e escolhas: implicações na orientação profissional. *In Psicol. clin.* vol.20 no.2 Rio de Janeiro, 2008.
- AUDI, D. A. A adolescência e suas expectativas quanto à inclusão no mundo do trabalho. São Paulo. Dissertação de Mestrado. Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2006.
- BAUMAN, S. *Identidade*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed, 2005.
- BOCK, Silvio D. *Orientação Profissional: a Abordagem Sócio-Histórica*. São Paulo, Cortez, 2002.
- BOHOSLAVSKY, R. *Orientação Vocacional: A Estratégia Clínica*. São Paulo, Martins Fontes, 1998.
- BOHOSLAVSKY, R. Aula ministrada em 5 de fevereiro de 1975, no IPUSP. In: LABOR: Rev. do lab. de est. sobre trab. e or. prof., No 0, São Paulo, 2001.
- CARVAJAL, G. *Tornar-se adolescente: a aventura de uma metamorfose: uma visão psicanalítica da adolescência*. São Paulo, Cortez, 1998.
- CASTEL, R. Da indigência à exclusão, a desfiliação: precariedade do trabalho e vulnerabilidade relacional. In: SaúdeLoucura, n.4, p.21-48, 1993.
- CESAR, B. Liberte-se da pressão do tempo, *in* <http://somostodosum.ig.com.br>. 1999.
- DEJOURS, C. *A banalização da injustiça social*. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2007.
- DUBAR, C. *A crise das identidades*. Lisboa, Afrontamento, 2006.
- ERIKSON, E.H. *Identidade, juventude e crise*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed, 1972.
- GIL, A.C. *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. São Paulo, Ed. Atlas, 1999.
- GISBORNE, T. *An Enquiry Into the Duties of Men in the Higher and Middle Classes of Society in Great Britain*. 1794.
- GOLDSTEIN, K. *Human Nature*, Harvard University Press, 1947.

GONÇALVES, C. M. ; COIMBRA, J.L. O papel dos pais na construção de trajetórias vocacionais dos seus filhos. *Rev. bras. orientac. prof.*, jun. 2007, vol.8, no.1, p.1-17. ISSN 1679-3390.

GUICHARD, J. *Psicologia da Orientação*, Lisboa, Piaget, 2004.

KRAUS, W. La fin des grands projets: Le développement de l'identité dans le champ du travail comme navigation à vue in *L'orientation scolaire et professionnelle*, 1998, 27, n° 1, 105-121.

LASSANCE, M. C. Adultos com dificuldades de ajustamento ao trabalho: ampliando o enquadre da orientação vocacional de abordagem evolutiva in *Rev. bras. orientac. prof.* Jun. 2005, vol.6 no.1, ISSN 1679-3390.

LEHMAN, Y. P. *O Processo de Orientação Profissional como um Holding na Adolescência*. Labor – Revista do Laboratório de Estudos sobre Trabalho e Orientação Profissional, 2001 - 0, 66-75.

LEHMAN, Y. P. *Aquisição de Identidade Vocacional em uma Sociedade em Crise: Dois Momentos na Profissão Liberal*. São Paulo. Dissertação (Doutorado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 1988.

LÜDKE, M. & ANDRÉ, M. E. D. *A Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas*. São Paulo, EPU, 1986.

MALVEZZI, S. *A construção da identidade profissional no modelo emergente de carreira*. Organização e Sociedade, UFBA, v. 7, n. 17, p. 137-143, 2000.

MELO, S. L. de e BORGES, L. de O. A Transição da universidade ao mercado de trabalho na ótica do jovem. *Psicol. cienc. prof.*, set. 2007, vol.27, no.3, p.376-395. ISSN 1414-9893.

MÜLLER, M. *Orientação Vocacional: Contribuições clínicas e educacionais*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1988.

NERI, M.C. (coord.) *A nova classe média*. Rio de Janeiro, FGV/IBRE, CPS, 2008.

RIBEIRO, M. A. Demandas em orientação profissional: um estudo exploratório em escolas públicas. *Rev. bras. orientac. prof.*, dez. 2003, vol.4, no.1-2, p.141-151. ISSN 1679-3390.

RIBEIRO, M. A. *Orientação Profissional para “Pessoas Psicóticas”*: um espaço para o desenvolvimento de estratégias identitárias de transição através da construção de projetos. São Paulo. Tese de Doutorado. Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2004.

RIBEIRO, M. A. O projeto profissional familiar como determinante da evasão universitária – um estudo preliminar. *In: Rev. bras. orientac. prof.* V.6 n.2, São Paulo, dez. 2005.

ROUDINESCO, E. *A família em desordem*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2003.

SANTOS, L.M.M. O papel da família e dos pares na escolha profissional *in Psicologia em Estudo*, vol. 10 nº1 Maringá Jan/Apr. 2005.

SAVICKAS, Mark L. *Current Theoretical Issues in Vocational Psychology: Convergence, Divergence, and Schism*. In: Walsh, W. Bruce; Osipow, Samuel H. *Handbook of Vocational Psychology*. New Jersey, Laurence Erlbaum Associates Publishers, 1995.

SENNETT, R. *A corrosão do caráter*. Rio de Janeiro, Record, 1999.

SENNETT, R. *A cultura do novo capitalismo*. Rio de Janeiro, Record, 2006.

TOURRAINE, A. *Poderemos viver juntos?* Petrópolis, Vozes, 1998.

TOURRAINE, A. *Um novo paradigma: para compreender o mundo de hoje*. Petrópolis, Editora Vozes, 2007.

UVALDO, M. C. C. *Impacto das Mudanças no Mundo do Trabalho sobre a Subjetividade: Em busca de um Modelo de Orientação Profissional para Adultos*. São Paulo. Dissertação de Mestrado. Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2002.

VIGNOLI, E. et al. Career exploration in adolescents: the role of anxiety, attachment, and parenting style. *In: Journal of Vocational Behavior*, 67, 2005, 153-168.

WARR, P. *Work, Happiness and Unhappiness*, Lawrence Erlbaum Associates, Publishers, London, 2007.

YOUNG, R.A. et al. Relationships, communication, and career in the parent-adolescent projects of families with and without challenges. *In Journal of Vocational Behavior* 68, 2006, 1-23.

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)